



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -
MESTRADO PROFISSIONAL**

GEVALDO ARAÚJO DOS SANTOS

**BAIACU:
EJA E AS NARRATIVAS DE PESCADORES E MARISQUEIRAS EM SOBREVIVÊNCIA
NOS MANGUEZAIS DE VERA CRUZ - BA**

**SALVADOR
2023**

GEVALDO ARAÚJO DOS SANTOS

BAIACU:
**EJA E AS NARRATIVAS DE PESCADORES E MARISQUEIRAS EM SOBREVIVÊNCIA
NOS MANGUEZAIS DE VERA CRUZ - BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA - Departamento de Educação, *Campus* I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), área de concentração I: Educação, Trabalho e Meio ambiente, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Leliana Santos de Sousa

**SALVADOR
2023**


<p>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA</p> <p>Reconhecida pelo CNE (Portaria MEC nº 1009, D.O.U. de 10/10/13, seção 1, pág. 23.)</p> <p>MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - MPEJA</p>	
---	--


FOLHA DE APROVAÇÃO


"BAIACU: EJA E AS NARRATIVAS DE PESCADORES E MARISQUEIRAS EM SOBREVIVÊNCIA NOS MANGUEZAIS DE VERA CRUZ – BA"


GEVALDO ARAUJO DOS SANTOS

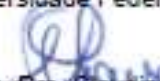
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação (*Scripto sensu*) em Educação de Jovens e Adultos – Mestrado Profissional - MPEJA, Área de Concentração I – Educação, Trabalho e Meio Ambiente, em 14 de novembro de 2023, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:


 Dra. Leiliana Santos de Sousa
 Doutorado em Ciências da Educação
 Universidade do Estado da Bahia (UNEB)


 Profa. Dra. Graziela Apolinária Santos Maia de Oliveira
 Doutorado em Educação
 Universidade Federal da Bahia (UFBA)


 Profa. Dra. Ana Lúcia Soares da Conceição Araújo
 Doutorado em Difusão do Conhecimento
 Universidade Federal da Bahia (UFBA)


 Profa. Dra. Carla Elaine Nascimento dos Santos
 Doutorado em Ciências Sociais
 Universidade Federal da Bahia (UFBA)


 Profa. Dra. Cláudia Pereira de Sousa
 Doutorado em Geografia
 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca Professor **Edivaldo Machado Boaventura - UNEB – Campus I**

Bibliotecária: Célia Maria da Costa – CRB5/918

S237b Santos, Gevaldo Araújo dos

Baiacu: EJA e as narrativas de pescadores e marisqueiras em sobrevivência nos manguezais de Vera Cruz – BA / Gevaldo Araújo dos Santos.- Salvador, 2023.

144 f. : il.

Orientadora: Leliana Santos de Sousa.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA, Campus I. 2023.

Contém referências e anexos.

1. Educação de jovens e adultos – Baiacu (Vera Cruz, BA). 2. Manguezais – Baiacu (Vera Cruz, BA) – Aspectos sociais. 3. Pescadores – Baiacu (Vera Cruz, BA). 4. Mariscos – Pesca – Baiacu (Vera Cruz, BA). 5. Educação ambiental – Baiacu (Vera Cruz, BA) I. Sousa, Leliana Santos de. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. III. Título.

CDD: 374.98142

AGRADECIMENTOS

A priori, agradeço a Deus, por ser o centro e o fundamento de tudo em minha vida, por renovar a cada momento as minhas forças e disposição. Agradeço pelo discernimento concedido ao longo desta jornada. Aos meus filhos Mateus e Daniel e à minha filha Ana Kezia por superar a ausência; com força e coragem me impulsionaram a permanecer até o fim deste processo. Aos meus pais, Camerino Araújo dos Santos e Esmeralda Conceição dos Santos; aos meus irmãos, Geraldo, Maridalva, Josias, Carlos César, Orlando, Jucileide, Irani, Nilda e Emanuel, que mesmo distantes foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

À minha orientadora Leliana Santos de Sousa que acreditou em mim, partilhando comigo as suas ideias, conhecimentos e experiências. Quero expressar o meu reconhecimento e gratidão por toda essa caminhada juntos, participação no grupo de pesquisa, escrita de artigos, apresentação em colóquios e seminários. Aos demais docentes do curso, quero agradecer pela convivência, pelas aulas e pela formação científica, metodológica, ética, pedagógica, humana, filosófica, teórica, tão importantes como bases das experiências necessárias para o exercício da docência e formação profissional.

Agradeço aos colegas, e às amigas Jailma, Érica, Laiane da residência estudantil de Vera Cruz em Santo Antônio de Jesus. Apesar das divergências de opiniões, percebemos que isso é algo comum numa relação entre seres humanos, sobretudo estudantes, quando dividem um mesmo espaço durante um longo tempo. Acredito que todas as nossas reflexões nesse período servirão para nos tornar profissionais mais confiantes, equilibrados, éticos e sociáveis para a convivência em equipe. Deixo também meus agradecimentos ao meu amigo Edimar pelo incentivo, pelas palavras de conforto. Carinhosamente, agradeço aos colegas do MPEJA da turma VII, em especial para Rafaela, Cris Assis, Luana, Aristela, Nildete, Jocemara, Eunadia, Maisa e Ivaneide, que caminharam comigo durante esta jornada.

Também agradeço ao meu amigo Everaldo Bispo por se fazer presente e escutar as minhas angústias nos momentos de dificuldades, o seu saber ouvir contribuiu de forma significativa durante esse meu processo formativo. Meus agradecimentos a Marlíson Carvalho que me acolheu na comunidade pesquisada. Agradeço a Alício Rodrigues Matos por sua colaboração na caminhada que fez parte de minha banca de graduação, me incentivando e me acolhendo em Salvador. Igualmente, não poderia esquecer do meu amigo e irmão Vangivaldo de Menezes Souza que, desde a construção do projeto de pesquisa à construção desta dissertação caminhou juntamente comigo nas orientações, compartilhando seus conhecimentos

e saberes que foram significativos na minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal, a você meus sinceros agradecimentos irmão. Por fim, agradeço aos membros do Grupo de Pesquisa Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional - GEEDR pela parceria na construção do conhecimento no percurso acadêmico. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia FAPESB, agradeço pelo auxílio da bolsa, que foi de fundamental importância para permanência no curso. Ao Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA com sua política acolhedora de inclusão socioeducacional, como também às secretarias do programas pelo acolhimento e humanismo no tratamento para com os estudantes que fazem parte do programa, meus sinceros agradecimentos.

DEDICATÓRIA

O crescimento faz parte do processo de vida do ser humano. No entanto, para isso, há escolhas a serem feitas e elas precisam ser acertadas. Algumas delas são escolhas que carregaremos por toda a vida. Para mim, uma dessas escolhas foi a opção de ser pai, ainda muito jovem, não apenas de um, mas de três filhos. A construção desta dissertação se dá em um momento de amadurecimento, crescimento pessoal, intelectual, moral, ético, construído das múltiplas relações que estabeleci desde o universo acadêmico às de convívio com diferentes pessoas e com a família. O crescimento faz parte do processo de vida do ser humano, entretanto esse precisa ter oportunidades e disposição para enfrentar as barreiras que advêm em um processo formativo, considerando a temporalidade do sujeito, suas relações com a família, com o trabalho e com a formação. Mesmo diante de tantas dificuldades superadas e a superar, estou aqui, em mais um momento especial da minha vida, por me permitir a qualificação para contribuir na formação de outros seres humanos, motivo que me torna orgulhoso de mim mesmo. Por isso, considerando meu esforço, minha dedicação, minha superação dedico este trabalho aos meus três filhos: Mateus Lima Santos dos Santos, Daniel Lima Santos dos Santos e Ana Kezia Lima Santos dos Santos. A vocês meus filhos e filha obrigado pelo carinho e incentivo que sempre expressaram, mesmo que algumas vezes na distância, durante toda esta jornada, que foi necessária para minha formação.

RESUMO

Este trabalho teve como foco o estudo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e suas conexões com as narrativas de pescadores e marisqueiras que subsistem nos manguezais de Baiacu, localizado no município de Vera Cruz - BA. O principal objetivo da pesquisa foi investigar de que forma a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem influenciado o conhecimento dos estudantes que, simultaneamente, desempenham o papel de pescadores e marisqueiras, em relação à relevância da preservação ambiental dos manguezais. Esses ecossistemas são considerados berçários naturais para diversas espécies e uma fonte crucial de sustento para a comunidade local. Para embasar teoricamente este estudo, foram utilizadas obras de autores renomados, incluindo Gil (2002), Minayo (2001, 2013), Cintrón (1987), Vannucci (1999), Jacobi, Fleury e Rocha (2004), Freire (2003, 1980, 1987), Merleau-Ponty (1990, 1992, 1999, 2018, 2019), Thompson (1992), Vannucci (1999), Santos (1999) Marconi e Lakatos (2003). A metodologia empregada envolveu uma abordagem qualitativa, com pesquisa exploratória e descritiva. A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa de campo, com a gravação de entrevistas semiestruturadas. Os participantes abrangeram pescadores e marisqueiras que também frequentavam a EJA no período da pesquisa, além de membros da direção, coordenação e professores envolvidos com essa modalidade de ensino. A análise dos dados revelou uma ligação profunda entre a comunidade local e o ecossistema costeiro dos manguezais. As narrativas compartilhadas pelos pescadores e marisqueiras ressaltaram a conexão cultural e econômica desses grupos com os manguezais, enfatizando a importância dos recursos naturais para a subsistência da comunidade. Adicionalmente, a inclusão do conceito de "Educação Ambiental" no currículo da EJA capacitou os indivíduos a se tornarem agentes de mudança positiva em sua comunidade, abordando questões ambientais, como o problema do lixo em Baiacu. Este estudo contribui para uma compreensão mais profunda da interdependência entre a educação, a preservação ambiental e a sustentabilidade das comunidades costeiras que dependem dos manguezais. Os resultados enfatizam a importância de integrar a Educação de Jovens e Adultos com a conservação dos recursos naturais, promovendo uma abordagem holística para o desenvolvimento sustentável de comunidades como Baiacu, em Vera Cruz - BA.

Palavras-chave: Baiacu. Manguezais. Pescadores e Marisqueiras. Educação de Jovens e Adultos. Educação Ambiental.

ABSTRACT

This dissertation work focused on the study of Youth and Adult Education (EJA) and its connections with the narratives of fishermen and shellfish gatherers who subsist in the mangroves of Baiacu, located in the municipality of Vera Cruz - BA. The main objective of the research was to investigate how EJA teaching has influenced the knowledge of students, who simultaneously play the role of fishermen and shellfish gatherers, in relation to the relevance of environmental preservation of mangroves. These ecosystems are considered natural nurseries for several species and a crucial source of sustenance for the local community. To theoretically support this study, works by renowned authors were used, including Gil (2002), Minayo (2001), Demo (2012), Macedo (2000, 2007, 2010), Ferreira and Brito (2015), Kohn (2016), Cintrón (1987), Vannucci (1999), Jacobi, Fleury e Rocha (2004), Freire (2003, 2007), Merleau-Ponty (2019) and Thompson (1992). The methodology used involved a qualitative approach, with exploratory and descriptive research. Data collection was carried out through field research and semi-structured interviews. The participants included fishermen and shellfish gatherers who also attended EJA, as well as members of the management, coordination and teachers involved with this type of teaching. Data analysis revealed a deep connection between the local community and the coastal mangrove ecosystem. The narratives shared by fishermen and shellfish gatherers highlighted the cultural and economic connection of these groups with the mangroves, emphasizing the importance of natural resources for the community's subsistence. Additionally, the inclusion of the concept of "Environmental Education" in the EJA curriculum has enabled individuals to become agents of positive change in their community, addressing environmental issues such as the garbage problem in Baiacu. This study contributes to a deeper understanding of interdependence between education, environmental preservation and the sustainability of coastal communities that depend on mangroves. It emphasizes the importance of integrating Youth and Adult Education with the conservation of natural resources, promoting a holistic approach to the sustainable development of communities such as Baiacu, in Vera Cruz - BA.

Keywords: Puffer fish. Mangroves. Fishermen and seafood restaurants. Youth and Adult Education. Environmental education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa Conceitual do Percurso Metodológico da Pesquisa	22
Figura 2 - Mapa da Ilha de Itaparica com indicação do lócus da pesquisa – Baiacu - Vera Cruz.....	33
Figura 3- Praça central da cidade de Vera Cruz.....	34
Figura 4 - Praça central da comunidade de Baiacu.....	37
Figura 5- Paieiro comunidade do Baiacu.....	37
Figura 6- Área de saída e chegada para a atividade pesqueira - Baiacu.....	37
Figura 7- Ruína da Igreja Senhor da Vera Cruz - parte interna.....	38
Figura 8- Ruína da Igreja Senhor da Vera- Cruz - parte externa.....	38
Figura 9- Área de manguezal em Baiacu, Vera Cruz, Bahia.....	80
Figura 10 - Marisqueiras seguindo para as atividades laborais.....	91
Figura 11- Pescadores artesanais.....	91
Figura 12 -A, B, C - A- mangue vermelho (<i>Rhizophora</i>), B- mangue branco (<i>Laguncularia</i>) e C- mangue preto (<i>Avicennia schaueriana</i>).....	95
Figura 13 - Acúmulo de lixo em área de manguezal.....	106
Figura 14 - A, B - A - Siri (<i>Eucarida</i>) e B - Chumbinho (<i>Anomalocardia flexuosa</i>) no processo de catação nas atividades das marisqueiras de Baiacu.....	112
Figura 15 - A, B - Mariscos coletados pelas marisqueiras de Baiacu.....	115
Figura 16 - Pescado, petitinga (<i>Anchoviella lepidentostole</i>) da atividade pesqueira artesanal na comunidade de Baiacu.....	116
Figura 17 A, B - Espaços costeiros da comunidade de Baiacu.....	117
Figura 18 - Moradias construídas nos espaços do ecossistema costeiro manguezal - Comunidade de Baiacu, Vera Cruz.....	121

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Setores que têm possibilitado à população de Vera Cruz obter trabalho e fomentar o desenvolvimento econômico local.....	35
Quadro 2- Atividades Culturais, Religiosas e Culinária no Município de Vera Cruz.....	36
Quadro 3- Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa.....	40
Quadro 4- Etapas do Desenvolvimento da Pesquisa.....	41
Quadro 5- Dados sobre a Revisão de Literatura.....	99
Quadro 6 - Questões relacionadas ao meio ambiente na entrevista com alunos trabalhadores, estudantes da EJA.....	109
Quadro 7 - Percentual e produtos mais lembrados pelos alunos das atividades da mariscagem local.....	114
Quadro 8 - Percentual e produtos mais lembrados pelos alunos das atividades da pesca que se caracteriza como cultura pesqueira local.....	116
Quadro 9 - Caracterização dos professores da EJA colaboradores da pesquisa.....	117
Quadro 10 - Caracterização da gestão e coordenação da escola da EJA, lócus da pesquisa....	121
Quadro 11 - Posicionamento da coordenação em relação as proposições elencadas na entrevista.....	122
Quadro 12 - Posicionamento do Gestor em relação às proposições elencadas na entrevista.....	123

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Síntese da Pesquisa.....	24
Tabela 2- Características Geográficas do Município Lócus da Pesquisa.....	34
Tabela 3- Posicionamento dos alunos sobre possíveis ações para preservação do meio ambiente.....	107

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Respostas dos alunos sobre a contribuição diante dos problemas ambientais nos manguezais.....	106
Gráfico 2 - Respostas dos alunos sobre formação ambiental na Educação de Jovens e Adultos.....	108
Gráfico 3 - Respostas dos alunos referentes aos espaços de maior aprendizado sobre as questões ambientais.....	110
Gráfico 4 - Formação dos docentes da escola da EJA local, comunidade de Baiacu.....	118
Gráfico 5 - O ensino sobre Educação Ambiental na EJA no contexto dos ecossistemas de manguezal.....	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDI - Centro de Documentação e Informação

EJA - A Educação de Jovens e Adultos

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

PPP - Projeto Político Pedagógico PPP

PDDU - Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano

PIB - Produto Interno Bruto

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONGS - Organizações Não Governamentais

EA - Educação Ambiental

MPP - Movimento de Pescadores e Pescadoras

MPEJA - Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

GEEDR- Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional

FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

UFBA- Universidade Federal do Estado da Bahia

BA - Bahia

IDH - Índice de desenvolvimento humano

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

CMMAD - Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

HO - História Oral

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 IMPLICAÇÃO DO PESQUISADOR.....	18
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	20
1.3 OBJETIVOS	21
1.3.1 Objetivo Geral	21
1.3.2 Objetivos Específicos	21
1.4 JUSTIFICATIVA.....	21
2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	22
2.1 ABORDAGEM QUALITATIVA.....	25
2.2 PESQUISA EXPLORATÓRIA.....	26
2.3 PESQUISA DESCRITIVA.....	27
2.4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	27
2.5 PESQUISA DE CAMPO	29
2.6 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	31
2.7 O MUNICÍPIO DE VERA CRUZ- BA	33
2.7.1 Aspectos Econômicos do Município de Vera Cruz	35
2.7.2 Aspectos Culturais e Religiosos do Município de Vera Cruz	36
2.8 LÓCUS DA PESQUISA: DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE DE BAIACU.....	36
2.9 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS COLABORADORES DA PESQUISA.....	38
2.10 ETAPAS DO ESTUDO.....	41
2.11 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	42
2.12 RISCOS	42
2.13 BENEFÍCIOS.....	43
3 A CONCEPÇÃO FREIRIANA NA DIALOGICIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	45
4 A BUSCA PELAS HISTÓRIAS DE VIDA NA EJA: Na Educação de Jovens e Adultos, com Pescadores e Marisqueiras	53
4.1 A EJA E O SUJEITO TRABALHADOR NA CONTEMPORANEIDADE.....	57
4.2 O ENSINO NA EJA NA PERSPECTIVA DO MUNDO DO TRABALHO NA COMUNIDADE DO BAIACU.....	61
4.3 A CULTURA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA COMUNIDADE DO BAIACU.....	65
4.4 ASPECTOS DE DESENVOLVIMENTO DOS SUJEITOS DA EJA NA COMUNIDADE DO BAIACU.....	66
5 A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO E A RELAÇÃO NO CONTEXTO SOCIAL	68
6 OS SUJEITOS DA EJA E A SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	74
6.1 A EJA E A FORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NA COMUNIDADE DO BAIACU.....	77
6.2 O MANGUE E A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL.....	78
6.3 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM ÁREA DE MANGUEZAIS.....	81
6.4 TRABALHO, MEIO AMBIENTE E SOBREVIVÊNCIA A PARTIR DOS MANGUEZAIS.....	87
6.5 A CULTURA DA PESCA E DA MARISCAGEM NA COMUNIDADE DO BAIACU.....	91
6.6 CULTURA DE SUBSISTÊNCIA NA COMUNIDADE DO BAIACU.....	93

6.7 PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO VIÉS DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS.....	96
7 PANORAMA DA PESQUISA SOBRE O TEMA: Pescadores e Marisqueiras na EJA na Comunidade de Baiacu no Município de Vera Cruz BA.....	98
7.1 REVISÃO DE LITERATURA.....	98
7.2 INCURSÕES NO <i>LÓCUS</i> DE PESQUISA.....	101
7.2.1 A Observação <i>In lóco</i>	101
7.2.2 O primeiro contato com o sujeito da pesquisa.....	103
8 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	105
8.1 PERFIL SOCIOCULTURAL DOS ALUNOS TRABALHADORES.....	105
8.2 O ALUNO DA EJA E SUA RELAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NO ESPAÇO DE VIVÊNCIA.....	105
8.3 O ESTUDANTE DA EJA: PESCADORES E MARISQUEIRAS EM SUAS ATIVIDADES LABORAIS.....	111
8.4 DOCENTES COLABORADORES DA PESQUISA, PROFESSORES DA EJA.....	117
8.5 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DA EJA SOBRE OS ALUNOS PESCADORES E MARISQUEIRAS DA COMUNIDADE DO BAIACU.....	118
8.6 O OLHAR DA GESTÃO E COORDENAÇÃO ESCOLAR SOBRE OS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES, PESCADORES E MARISQUEIRAS DA COMUNIDADE DO BAIACU.....	121
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS PESCADORES E MARISQUEIRAS ESTUDANTES DA EJA.....	135
APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES DA EJA.....	139
APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA À COORDENADORA PEDAGÓGICA DA MODALIDADE DE ENSINO EJA.....	141
APÊNDICE D: ROTEIRO DE ENTREVISTA AO DIRETORA DA UNIDADE DE ENSINO.....	143

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil surgiu na época da colonização, sendo, à época, voltada apenas aos filhos das classes sociais média e alta, historicamente privilegiadas. Os pobres, nesse período, não tinham a “regalia” de frequentar a escola. Essa modalidade educacional passou a alcançar outros públicos tempos mais tarde, diante da necessidade política do voto da população, diante do contingente de analfabetismo. Investimentos na EJA também foram feitos, ao longo da história do país, frente às pressões internacionais que cobravam melhor índice no campo educacional, em troca de investimentos financeiros e não pensando nas necessidades dos sujeitos analfabetos.

Em termos de ampliação do acesso ao mundo letrado no país, um dos movimentos de maior destaque foi a Campanha Nacional de Alfabetização, criada pelo educador Paulo Freire, no início dos anos 1960. Entretanto, o Golpe Militar de 1964 deu fim à campanha, pois não era do interesse dos governantes formar sujeitos letrados e criticamente escolarizados, como era o ensino norteado por Freire. Bastava ao Regime militar que os analfabetos aprendessem a ler e escrever o mínimo possível, sem reflexão crítica da realidade. Por outro lado, Paulo Freire com seu método ativo de alfabetizar, indo além do que preconizava o governo, não só ensinou a ler e escrever como também a se posicionar criticamente na sociedade, ou seja, os sujeitos foram direcionados através do ensino para libertar-se e emancipar-se das correntes opressoras.

O contexto educacional brasileiro, entre 1964 a 1985, seguiu um modelo educativo coerente com a base militarista. Nesse período, o governo se responsabilizava pelo processo educativo de crianças e pré-adolescente de sete a 14 anos de idade. Mesmo assim, houve iniciativas de normatizar a educação no país, especialmente com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) para o ensino de 1º e 2º graus, em 1971. Com a Constituição Federal de 1988, surgiu a necessidade de mudanças na educação, suscitando novas demandas.

Entretanto, não cabia continuar com um padrão de educação que não contemplava as classes desfavorecidas e a mudança veio com a “Constituição Federal de 1988”, a qual estabelece que “toda a população brasileira tem direito a uma educacional inclusiva e de qualidade”. A partir desse período, a modalidade de educação para jovens e adultos foi inserida no processo educacional brasileiro; a EJA passou a ganhar força no campo educacional. A modalidade EJA se dá em diferentes espaços de vivências das relações que os sujeitos por ela atendidos constroem na esfera social, isso buscando uma inter-relação no contexto político, educacional, econômico, religioso, atrelado às vivências de mundo. Mesmo com a oportunidade criada através da modalidade EJA, que contribui no processo formativo, muitos jovens e adultos

ainda se encontram analfabetos. Essa é uma realidade que perpassa um processo histórico, cultural e social de uma parte significativa da população brasileira no contexto educacional. No percurso em que se encontra a história da educação no Brasil, é de fundamental importância traçar debates acerca dessas questões. No campo da EJA a educação está atrelada diretamente aos sujeitos trabalhadores.

Falar em Educação de Jovens e Adultos é lidar com as especificidades de pessoas originadas de contingentes formativos diferenciados e, diante disso, buscar entender as demandas desses sujeitos trabalhadores, homens e mulheres, que estão inseridos nos espaços de trabalho e produção. Muitos deles se encontram em situação de vulnerabilidade social, causada pela falta de emprego ou subemprego, trabalho informal que perpassa pelas atividades do campo e da cidade. Nesse sentido, damos enfoque às comunidades locais e tradicionais, trazendo como exemplo a comunidade de pescadores e marisqueiras da localidade de Baiacu, formada por pessoas que conservam a cultura local, através da prática artesanal da pesca e da mariscagem que garante o meio de sobrevivência desses atores sociais, praticamente invisibilizados na sociedade.

É de suma importância considerar o viés cultural, psicológico, político, religioso, econômico e cultural desses trabalhadores e trabalhadoras que desenvolvem as suas atividades em áreas de manguezais como meio de sobrevivência e, em simultâneo, refletir formas de tecer uma relação harmoniosa entre essas atividades e o meio ambiente. Essa pesquisa se realiza no município baiano de Vera Cruz, na localidade de Baiacu, onde está concentrada uma comunidade de pescadores e marisqueiras que atuam de forma artesanal para a produção pesqueira e mariscagem. É um cenário importante para entendermos o papel da EJA no desenvolvimento pessoal e profissional dos trabalhadores dessa área.

As transformações na educação brasileira em relação à Educação de Jovens e Adultos necessitam de políticas eficazes que contribuam tanto na manutenção desta modalidade de ensino quanto na preparação dos profissionais trabalhadores e mediadores para que sujeitos como os da comunidade aqui em análise possam desenvolver o aprendizado. Com isso, faz-se necessário o reconhecimento do mundo do trabalho que essas pessoas estão inseridas, valorizando os saberes desenvolvidos por eles no dia a dia.

É possível sinalizar para o fato de que a EJA tem contribuído no aprendizado desses educandos no contexto social, não só para atender às demandas do mercado de trabalho, mas, especialmente, para torná-los cidadãos e cidadãs, criticamente empoderados e empoderadas na busca de seus direitos na sociedade. A fim de aproximar ainda mais a realidade de vida dos estudantes da EJA ao ensino, é preciso uma reorganização que possa englobar todo contexto

escolar, desde a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) até a prática da sala de aula. Ainda, é fundamental que os profissionais da EJA possam trazer o diferencial no ensino-aprendizagem, considerando os afazeres dos estudantes trabalhadores. Mais especificamente diante da atividade de trabalho no manguezal, faz-se necessária uma (re) construção curricular local que dialogue com as necessidades dessa realidade enquanto política de reparação social.

Os sujeitos desta pesquisa, como já informado, são pescadores e marisqueiras de comunidades tradicionais. Chamamos, neste estudo, de Comunidades Tradicionais aquelas que mantêm seus preceitos culturais e suas dinâmicas de trabalho como atividade artesanal e base de subsistência. Para Matos (2018 p.19), não se pode negar a necessidade de um ensino em EJA contextualizado com a realidade dessas pessoas, da sua formação, contribuindo com uma consciência reflexiva e crítica das suas práticas, do seu papel, da sua realidade de vida, como também do lugar de onde falam.

Nesses espaços de vivência, encontra-se o trabalho para a superação da pobreza em tessitura de relações com o meio ambiente, mediante coleta de frutos do manguezal¹. Podem ser encontrados três tipos de manguezais, que são: mangue vermelho (*Rhizophora mangle*), mangue preto (*Avicennia schaueriana*) e mangue branco (*Laguncularia racemosa*)².

Este trabalho está estruturado em oito capítulos. O primeiro compreende esta introdução; no segundo, apresentamos o percurso metodológico, materiais e métodos para o desenvolvimento do estudo. No terceiro capítulo, trazemos uma síntese da base epistemológica do estudo; já no quarto capítulo dialogamos sobre a Educação de Jovens e Adultos e a formação socioambiental dos sujeitos da EJA na comunidade de Baiacu. No quinto capítulo, descrevemos o manguezal e a importância desse ecossistema na preservação e equilíbrio ambiental. No sexto capítulo, explicitamos a inter-relação entre trabalho e meio ambiente, sobrevivência a partir dos manguezais. Em seguida, no sétimo capítulo, apresentamos as incursões ao campo investigativo, discussões e resultados da pesquisa e, por último, trazemos as conclusões.

¹ No território brasileiro, a Lei nº 12.651, de 25 maio de 2012, dispõe sobre a proteção da vegetação nativa, considera o mangue como Área de Preservação Permanente - APP. Segundo a lei, as APP, são: Art. 2º [...] áreas protegidas, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a Paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas (Brasil, 2012).

² **Mangue Vermelho:** possui raiz que sai de várias alturas do caule (raízes aéreas) e utilizam o solo para uma melhor sustentação; **Mangue Seriba, Siriúba ou Preto:** possui ramificações verticais que servem para recolher oxigênio do ar e se desenvolvem em maior número; **Mangue Branco:** encontrado nos terrenos mais altos e de solo mais firme. Este último é semelhante ao mangue preto, porém, se desenvolve em menor quantidade.

1.1 IMPLICAÇÃO DO PESQUISADOR

Esta pesquisa parte de uma inquietação gerada pela minha trajetória de trabalho nos diversos espaços ambientais, como também pelo meu processo educacional. Falar de si às vezes torna-se complexo. No meu caso, exige mergulhar nas lembranças que me remetem às memórias da vivência de um caminho difícil percorrido por uma criança, adolescente e jovem negro, morador de área rural, trabalhador dos tratos culturais de pastagem como roçagem, capina, e plantio de capim e também nos tratos culturais da laranja, tomate e mandioca, sendo o último nos serviços nas casas de farinha. Enfim, nos serviços inerentes do meio rural. Serviço árduo, mãos calejadas, peles queimadas pelo sol, plantas dos pés rachadas.

No percurso de vivência, também trabalhei em outras atividades, sendo todas elas na informalidade, trabalho no mercadinho, onde fazia de tudo, de atendente a carregador de mercadorias. Nessa trajetória, também trabalhei na atividade de pescador artesanal por um período no qual pude vivenciar os problemas enfrentados pelas marisqueiras e pescadores, oriundos das comunidades locais e tradicionais para sustentar suas famílias, muitos deles em condições de extrema pobreza. Mesmo com o trabalho duro, seus produtos não são valorizados, sendo apenas explorados por parte dos atravessadores que compram suas mercadorias por um valor irrisório.

O caminho no campo educacional teve um impacto significativo em minha vida, uma vez que iniciei meus estudos em uma fase mais avançada. Ao contrário das crianças que têm a oportunidade de passar pelo processo de alfabetização durante a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, meu ingresso na escola ocorreu aos 16 anos, por meio da Educação de Jovens e Adultos, anteriormente conhecida como MOBREAL. A partir desse ponto, meu percurso educacional se desdobrou, abrangendo tanto a modalidade regular quanto a Educação de Jovens e Adultos. Essa jornada, marcada por esforço e dedicação, despertou em mim o desejo de explorar a pesquisa nessa dimensão, impulsionado pela interseção entre minha experiência de trabalho e meu percurso educativo.

A minha trajetória de vida nunca foi de facilidades, como ainda não está sendo hoje, com muitos percalços e dificuldades, por fazer parte de um povo marcado pelos processos históricos de exclusões sociais. Independente dos percalços, continuarei lutando e conquistando os espaços que, historicamente, não foram criados para nós: negros, pobres, periféricos, ribeirinhos, trabalhadores e trabalhadoras do mercado informal, desempregados, moradores de comunidades locais rurais e de povos tradicionais.

A implicação e inter-relação com a pesquisa com pescadores e marisqueiras, tendo como lócus de estudo a comunidade de Baiacu, como já explicitado, estão diretamente ligadas às minhas práticas sociais e vivenciais, por ser um homem negro de família muito pobre, que não conseguiu entrar na escola no tempo dito “normais”, no ensino regular. Como muitos desses sujeitos, também eu construí minha trajetória de vida sendo alfabetizado na adolescência, compartilhando trabalho informal e estudo.

Por esse caminho, cheguei à Licenciatura em Geografia, a qual desempenhou um papel fundamental na compreensão acerca da preservação do ambiente, processo que se tornou crucial para investigações específicas, como o estudo do berçário natural do manguezal na comunidade de Baiacu. Profissionais formados nessa área possuem a habilidade de contextualizar fenômenos geográficos, analisar as interações entre sociedade e meio ambiente e aplicar métodos científicos em suas pesquisas. Ao vislumbrar o objeto de estudo, conseguimos integrar aspectos físicos, humanos e socioambientais, proporcionando uma visão holística do manguezal enquanto berçário natural. Isso não apenas enriquece a compreensão científica do ecossistema, mas também contribui para a conscientização da importância de práticas de conservação na comunidade local.

Pesquisar esse cenário me permite observar com distanciamento o que já vivenciei e me conecta com uma realidade de homens e mulheres, jovens e adultos que ainda sofrem as mesmas mazelas sociais, por falta de políticas públicas para a classe popular trabalhadora de comunidades locais e tradicionais.

Sendo o campo de pesquisa um local de interação, observação e práticas vivenciais já por mim conhecidas, pode criar a aparência de que os fenômenos estão claros e evidentes. Não é o que ocorre, pois tem-se em conta o olhar a partir da ótica do pesquisador. Essa situação demanda uma ruptura, porém, sem se excluir os fenômenos que estão implícitos nas experiências vivenciais do sujeito por trás do estudioso. Para Sousa *et.al* (2020, p. 36):

No caso da pesquisa pelos práticos ou do prático-pesquisador essas perspectivas, a *priori*, parecem pretensão de algo distintos vinculados a uma categoria seleta. No entanto, na prática da pesquisa na área social observamos a pessoa que inicia uma pesquisa a partir do seu campo de atuação vivencia uma situação pluridimensional e adversa que envolve o aspecto desse múltiplo pertencimento pessoal; profissional; político e científico, mas que exige rupturas enquanto processo necessário para acolhimento do que não se sabe ainda. Contudo esse processo é vivenciado com inquietações, ansiedade e por vezes com sofrimento ou satisfação.

As rupturas exigidas no processo para conhecer ou desvelar os fenômenos requer distanciamento, porém não um distanciamento neutro. Isso se dá porque o pesquisador é influenciado e influencia, não existindo o sujeito nem o objeto de forma isolada, pois tanto o pesquisador quanto os pesquisados são sujeitos da pesquisa e os mecanismos de interação

começam a fazer parte do objeto estudado. Por isso, as implicações no processo de pesquisa não são neutras. Lourau (2004, p.82-83) afirma que:

A implicação deseja por fim às ilusões e imposturas de neutralidade “analítica”, herdadas da psicanálise e, de modo mais geral, de um cientificismo ultrapassado, esquecido de que, pra o “novo espírito científico”, o observador já está implicado no campo da observação, de que sua intervenção modifica o objeto de estudo, transforma-o. Mesmo quando o esquece, o analista é sempre, pelo simples fato de sua presença, um elemento no campo.

Diante disso, podemos refletir que, no campo de pesquisa social de abordagem qualitativa, o sujeito pesquisador não consegue se isolar de modo que sua presença não influencie nos fenômenos investigados. Quem observa ou desenvolve práticas a fim de produzir dados está implicado no campo observável e sua interação pode alterar ou modificar o objeto estudado.

Ao desenvolver suas atividades cotidianamente em determinados espaços, os seres humanos criam laços identitários com o lugar, numa perspectiva de pertencimento a esses territórios gerando, assim, fortes sentimentos com esses espaços vivências, acumulados de saberes e experiências. Para Santos (1999, p.7), “O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, e o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”. Nesse sentido, os sujeitos que vivem através do que é produzido ou extraído desses territórios de identidade buscam manter uma relação de preservação em defesa desses espaços.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Muitas famílias do município de Vera Cruz, cidade na qual se encontra a localidade aqui em estudo, sobrevivem economicamente das atividades pesqueiras. São homens e mulheres que se dividem em práticas diárias de mariscagem e de pesca em manguezais. Considerando a importância dos manguezais como berçários naturais de reprodução de diferentes espécies, questiona-se: como o ensino da EJA tem propiciado aos estudantes, pescadores e marisqueiras, conhecimento sobre a preservação ambiental dos manguezais e sua importância enquanto berçário natural de reprodução de espécies e que lhes permitem a prática do trabalho, pesca e mariscagem e a geração de renda no povoado de Baiacu?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

- Analisar a percepção de pescadores e marisqueiras, estudantes da EJA, mediante suas narrativas sobre a sobrevivência nos manguezais e ensino sobre preservação e problemas ambientais decorrentes do lixo existente na localidade de Baiacu, município de Vera Cruz.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a realidade socioeconômica dos pescadores e marisqueiras estudantes da EJA da comunidade de Baiacu, no município de Vera Cruz.
- Caracterizar as áreas de manguezais da comunidade de Baiacu, no município de Vera Cruz.
- Identificar os principais problemas socioambientais do lugar, apontados pelos sujeitos da pesquisa.
- Investigar as possíveis contribuições da EJA para a formação socioambiental dos pescadores e marisqueiras estudantes dessa modalidade de ensino.

1.4 JUSTIFICATIVA

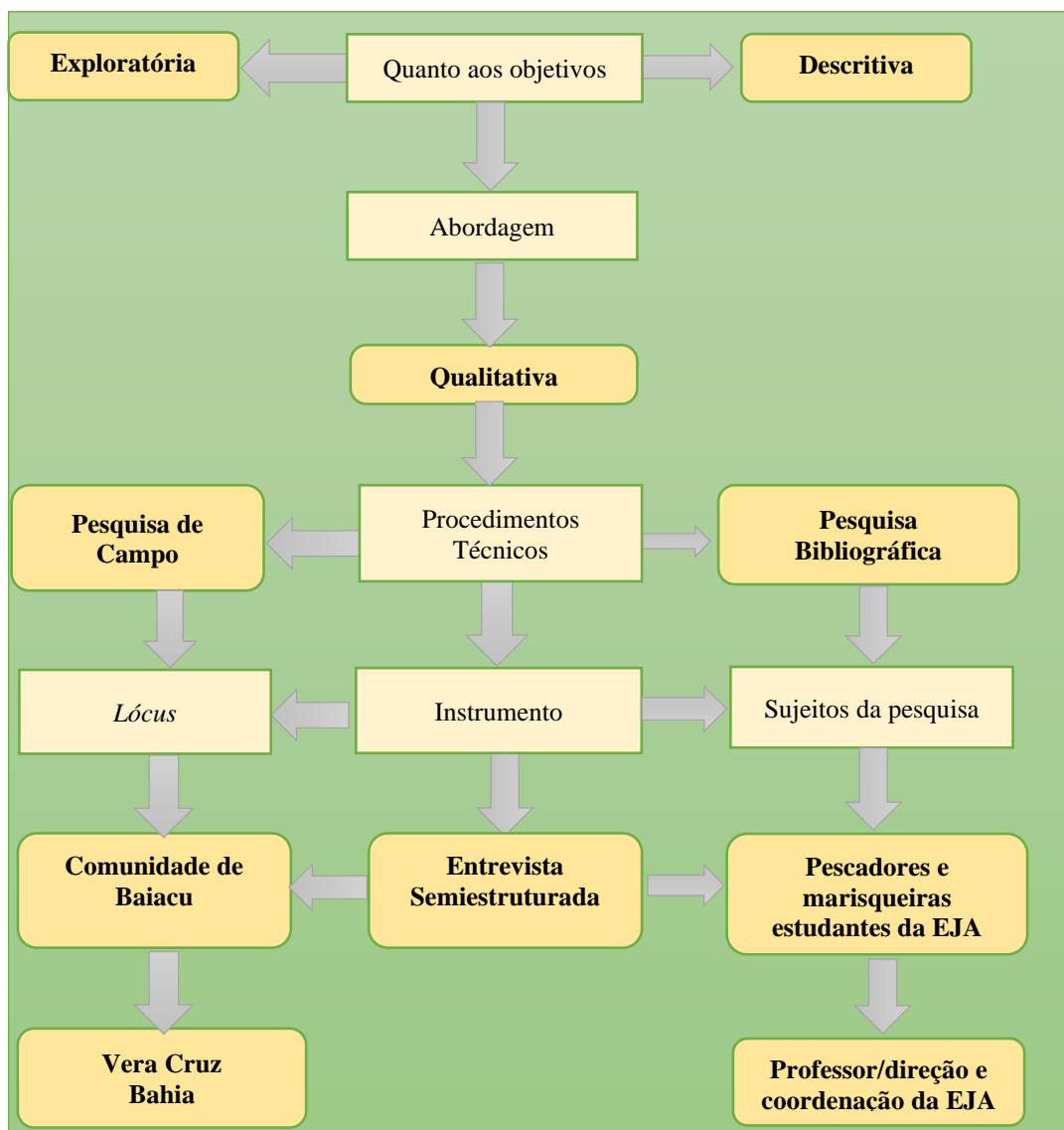
A exploração dos espaços naturais sem equilíbrio pode gerar muitos problemas socioambientais nos manguezais. A comunidade de Baiacu, devido à quantidade de lixo deixado nas praias pela atividade turística da região, não tem ficado de fora dessa problemática de acúmulo do lixo em locais inapropriados e que causam desequilíbrio à saúde e à natureza. O lixo deixado pelos banhistas, sem a mínima consciência ambiental, acaba chegando também a esses ecossistemas, verdadeiros berçários para a diversidade marítima, e espaço da mariscagem e da pesca artesanal, atividades às quais homens e mulheres retiram seu sustento e de sua família.

Esta pesquisa parte da inquietação pessoal, motivada pela minha história de vida e pela minha inserção “tardia” na formação educacional. Vejo-me representado nessas pessoas, na sua relação cultural com a comunidade, com o manguezal, com a atividade pesqueira que desenvolvem e com a sua formação na EJA. Portanto, este trabalho defende a necessidade de se construir uma concepção ambiental e socioeconômica equilibrada entre pescadores, marisqueiras e manguezais, considerando a EJA como espaço interdisciplinar e multirreferencial para mediar conhecimentos ambientais significativos com esses sujeitos, contemplando as práticas de trabalho e o meio ambiente.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Ao iniciar este capítulo, damos enfoque à escolha do percurso metodológico desenvolvido na pesquisa que buscou, na sua aplicabilidade, encontrar respostas para o objeto de estudo. A colaboração dos sujeitos da pesquisa se deu de forma espontânea, inicialmente apresentando o projeto à comunidade. Foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética para pesquisa com seres humanos, com parecer de nº 4.715.962. A Figura 1 traz a representação do caminho metodológico utilizado no desenvolvimento do estudo.

Figura 1- Mapa conceitual do percurso metodológico da pesquisa.



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

O caminho metodológico deste trabalho se constituiu por um processo dinâmico, sendo realizada, inicialmente, uma atualização bibliográfica por meio de consulta a portadores textuais que dialogavam sobre a temática, assim como leitura de trabalhos científicos,

dissertações com temas semelhantes ao objeto de estudo em questão. A pesquisa foi delineada de forma exploratória e descritiva, através de uma abordagem qualitativa. Como procedimento, foi utilizada a pesquisa de campo e como instrumento para produção de dados optou-se pela entrevista semiestruturada. O lócus para a investigação científica foi a comunidade de Baiacu, localizada na contra costa da Baía de Todos os Santos, no município de Vera Cruz, Bahia, Brasil. Na Tabela 1, estão elencados os principais autores que fundamentam o percurso metodológico do estudo.

Tabela 1- Síntese da Pesquisa.

	PRESSUPOSTOS	BREVE CONCEITO	AUTORES/ANO
Quanto aos Objetivos	Pesquisa Exploratória	Ponto de relevância na pesquisa por direcionar o levantamento dos fenômenos que envolve o estudo.	Gil (2019) Andrade (2017)
	Pesquisa Descritiva	Descreve as características de população ou fenômenos ou o estabelecimento das relações entre variáveis.	Triviños (1987); Silva e Menezes (2001).
Abordagem	Pesquisa Qualitativa	Dar resposta a questões muito particulares, por se preocupar, nas ciências sociais, com aspecto da realidade que não pode ser quantificado.	Minayo (2001); Flick (2009); Lüdke e André (1986).
Procedimentos Técnicos	Pesquisa Bibliográfica	Permitir ao investigador o acesso mais abrangente aos fenômenos que aquele que poderia pesquisar diretamente.	Gil (2002); Bocato (2006); Fonseca (2002).
	Pesquisa de Campo	Visa buscar informações de forma direta ao grupo pesquisado, exigindo do pesquisador o acesso direto ao sujeito investigado e ao espaço onde ocorre o fenômeno.	Marconi e Lakatos (2003); Gonsalves (2001); Gil (2002).
Instrumento	Entrevista Semiestruturada	Busca contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo, que se obtenham dados sobre o passado recente ou longínquo.	Pádua (1997); Rosa; Arnoldi (2006); Ribeiro, (2008).
Base Epistemológica	Fenomenologia da Percepção	Estudo das essências e todos os problemas. A essência da percepção, a essência da consciência.	Merleau-Ponty (2018); Caminha (2019).
	História Oral	Princípio fundante é criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea que não possuem formas suficientes fortes para enfrentamento da injustiça social.	Thompson (1992); Guedes-Pinto (2002); Meihy (2005);

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2022).

A tabela acima destaca os autores fundamentais para embasar a trajetória metodológica do estudo realizado, bem como os principais conceitos das ferramentas utilizadas. Explorar o campo de estudo que teoriza a prática realizada requer uma sistematização cuidadosa e um pensamento claro, a fim de seguir um caminho que seja capaz de abordar os objetivos propostos

para a pesquisa. A metodologia adotada, baseada nos autores mencionados anteriormente, permitiu a construção sólida do processo e o desenvolvimento consistente do estudo.

2.1 ABORDAGEM QUALITATIVA

Segundo Minayo (2001, p. 21), “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Nesse sentido, foram consideradas as relações, a vivência, as crenças, o corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixa de falar, porque tudo pode estar imbuído de sentido e expressar mais do que a própria fala, pois a comunicação humana é feita de sutilezas.

Para Flick (2009, p.20), “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida”. “A crescente individualização das formas de vida e dos padrões biográficos.” No contexto moderno e pós-moderno a pluralização das vivências sociais leva os pesquisadores a buscarem compreender a relação por meio dessa abordagem. No tocante à pesquisa qualitativa, a compreensão está centrada na escolha do método e das suas adequações. Desse modo, é fundamental verificar se o embasamento é empírico ou se sua escolha se deu adequadamente, bem como a relevância quanto aos procedimentos, os achados e as reflexões.

Os estudos das ciências sociais têm colaborado nas reflexões do homem no que tange seu entendimento acerca da sociedade contemporânea, assim, procurando tratar dos diferentes fatos recorrentes da realidade dos sujeitos que compõem essa esfera. Isso requer uma busca por parte do pesquisador no contexto histórico da humanidade, no sentido de contribuir com as novas exigências do mundo atual. Por outro lado, a ciência tem caminhado para construir suas teorias, seus modelos próprios de investigação que possam conduzir o pesquisador à finalidade do que pretende investigar.

A pesquisa social é de fundamental importância nos estudos que envolvem a humanidade, do ponto de vista da antropologia. Desde os tempos antigos, os homens já se preocupavam em estudar, conhecer e entender a história dos seres humanos. Por outro lado, os seres primitivos procuravam dar explicação aos fatos baseados nos mitos. Nesse sentido, a ciência procura explicar os fenômenos atrelados à pesquisa social de forma que não seja exclusiva em suas explicações, como também a religião e a filosofia buscavam dar as suas explicações para os fatos recorrentes.

Na perspectiva da ciência, o pesquisador tem um papel crucial em observar todos os processos que o cercam no desenvolvimento da pesquisa, considerando os fatores culturais,

econômicos e sociais das vivências de cada sujeito. Eles podem contribuir de várias formas, na expressão do olhar, num gesto, no modo de falar, pois em todos esses aspectos podem estar implícitas informações e manifestações que serão de grande importância no decorrer da investigação. Diante disso, a observação direta com os sujeitos da pesquisa levará o pesquisador a conhecer melhor o público que irá fornecer as informações que ele necessita para o desenvolvimento da pesquisa. A partir disso, é possível buscar caminhos que apontem melhores condições para chegar à produção dos dados. Portanto, na visão de Lüdke e André (1986, p. 26, grifos no original), nas pesquisas qualitativas:

Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. “Ver para crer”, diz o ditado popular. [...] A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações.

Diante do exposto, o pesquisador, através das suas análises observatórias, pode agregar informações de suma importância em sua pesquisa. Para isso, basta que ele possa se conectar com a dimensão de mundo, da observação em lócus de pesquisa, sem perder o foco do que se propõe a investigar. Nessa perspectiva, o sujeito observador tanto colhe informações como aprende com o modo de vida dos colaboradores, a partir das suas práticas de trabalho.

Para Patton (2002, p. 39), a pesquisa qualitativa permite “compreender os fenômenos em cenários específicos, como o cenário real [onde] o pesquisador não tenta manipular o fenômeno de interesse”. Diante disso, essa abordagem se encarrega de evidenciar e explicar os fenômenos que são recorrentes nos espaços onde vive a população desfavorecida politicamente. Assim, essa forma de abordagem tem, inclusive nas últimas décadas, expandido no campo das pesquisas científicas nas áreas da psicologia, educação como também nas áreas administrativas.

2.2 PESQUISA EXPLORATÓRIA

A pesquisa exploratória é uma técnica de pesquisa que proporciona ao sujeito pesquisador maior proximidade com o objeto de estudo investigado. Esse é o tipo de pesquisa que, através de seu método minucioso e critérios próprios, leva à descoberta de informações que direcionam o pesquisador à formulação das hipóteses do estudo. Na medida em que revela fenômenos ainda não identificados no campo dos estudos científicos, visa, assim, tecer explicação aos estudos ou àquilo que não foi aceito mesmo com apontamento de vestígios para

a ocorrência dos fenômenos com relação ao objeto de estudo. Para Gil (2019), a pesquisa exploratória é o ponto-chave para o início de uma pesquisa. É o momento em que se busca fazer o levantamento dos fenômenos que abarcam o estudo. Esse tipo de investigação também é defendido por Andrade (2017) como um entrelaço entre os estudos bibliográficos e a pesquisa exploratória. Ambas têm a finalidade de conhecer a situação-problema do estudo, na busca pela delimitação objetiva da temática explorada no percurso da pesquisa. Já na visão de Severino (2017), essa é uma modalidade de estudo que se preocupa com a finalidade das informações coletadas acerca de determinados objetos de estudo, delimitando-se ao espaço pesquisado.

2.3 PESQUISA DESCRITIVA

A pesquisa descritiva é uma modalidade de pesquisa que requer do sujeito pesquisador conhecimento sobre o que pretende investigar no percurso do trabalho científico, de modo que possa trazer as características dos fenômenos como também dos acontecimentos sobre a realidade vivenciada pelo investigador. Triviños (1987), diz que a pesquisa descritiva segue o delineamento dos estudos de caso, como também das análises documentais. O autor ainda diz que esse tipo de pesquisa, atrelado aos fenômenos que ocorrem na esfera social, pode trazer uma visão fechada tanto dos fenômenos quanto dos fatos ocorridos e isso pode levar o sujeito pesquisador a uma visão quantificável. Para Silva e Menezes (2001, p. 21) “a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento”. Para não comprometer a pesquisa, é necessário que o pesquisador examine as informações criteriosamente e criticamente para que os resultados não sejam equivocados.

2.4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A presente pesquisa se delineou por um viés bibliográfico, considerando a necessidade de se compreender melhor sobre os conceitos de EJA, Educação Ambiental (EA) e manguezais, abordados. De acordo Gil (2002, p. 45) “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Através de fontes e dados já pesquisados, o pesquisador tem acesso a mais informações em curto tempo, contribuindo para uma compreensão mais detalhada dos fenômenos estudados. A pesquisa se delineou através de um caráter qualitativo.

Assim afirma Boccato (2006, p. 266),

[...] a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

No processo de desenvolvimento da pesquisa, portanto, o primeiro passo para que o pesquisador possa dar seguimento ao que pretende investigar é conhecer os resultados de análises precedentes, através do estudo bibliográfico. A partir daí é possível sondar as opiniões reinantes sobre o tema da pesquisa e procurar trazer algo novo na sua abordagem, mediante as leituras e com base nos autores que discorrem sobre o tema em estudo.

A pesquisa bibliografia é entendida no viés de conhecer o que existe de publicações científicas relacionadas a uma determinada proposta de pesquisa. Para isso, faz-se necessário adentrar nesse universo de leitura, fazendo buscas em periódicos, revistas científicas, jornais, livros, sites, artigos científicos, 'internet'. O pesquisador terá um universo de possibilidades ao seu favor para desenvolver suas leituras e conhecer melhor o tema de estudo proposto, aproximando-se de autores que utilizará para fundamentar a pesquisa. Nessa construção, Ruiz (1982, p. 48) aponta que a pesquisa científica "[...] é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida conforme as normas da metodologia consagradas pela ciência". É nesse delineamento que as novas pesquisas são reconhecidas cientificamente.

Diante disso, essa modalidade de pesquisa exige do pesquisador alguns caminhos a serem trilhados, como exemplo, levantamento das fontes a serem utilizadas, seleção de portadores textuais, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa que pretende realizar. É na pesquisa bibliográfica que o sujeito pesquisador encontra as principais informações referentes ao estudo e principais autores que discutem o tema abordado, de modo a estabelecer interações de cunho científico, assim como o embasamento teórico. Segundo Cervo e Bervian (1983, p. 55), a pesquisa bibliográfica. "[...] explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos". Esse é um procedimento que ocorre no universo das pesquisas de cunho científico.

Segundo Fonseca (2002, p.32):

[...] a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de 'web' sites. Qualquer trabalho científico

inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Diante disso, podemos perceber a importância dos estudos bibliográficos no campo científico e como esses estudos ajudam os pesquisadores em novos conceitos que serão atrelados ao campo científico como novos conhecimentos.

2.5 PESQUISA DE CAMPO

No desenvolvimento do trabalho, foi necessário ir ao campo de estudo para melhor entender como se dá a dinâmica de vivência na EJA e a produção dos pescadores e marisqueiras, sujeitos da investigação. Para tanto, foi realizada anteriormente a pesquisa bibliográfica que forneceu elementos que ajudaram a entender os processos que perpassam o objeto e os sujeitos da pesquisa. Marconi e Lakatos (2003) descrevem seus processos de execução.

As fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Ela servirá, como primeiro passo, para se saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto. (Marconi; Lakatos, 2003, p. 83).

A pesquisa de campo requer do pesquisador obediência a alguns requisitos que a princípio perpassam por um campo de análise teórica e seguem os procedimentos de investigação na pesquisa propriamente dita. Assim, é de fundamental relevância que o pesquisador tenha uma fundamentação teórica direcionada à sua linha de estudo, antes da sua interação com o objeto de investigação.

A construção das informações por meio da pesquisa de campo permitiu compreender a realidade dos pescadores e marisqueiras da comunidade local, já que a ação dialógica, entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa, favoreceu conhecer de forma mais ampliada o contexto sociocultural atual dos mesmos. Na pesquisa de campo, o sujeito pesquisador tem a oportunidade de aprofundar no processo de investigação, tecendo possibilidades para colher informações através dos seus colaboradores, os sujeitos da pesquisa.

Gonsalves (2001, p. 67) aponta que:

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas

Através desse procedimento, o pesquisador estabelece interação direta com o público-alvo e lócus da investigação e pode desenvolver o estudo com maior conhecimento da

realidade, sendo de fundamental importância para a qualidade e veracidade na produção dos dados.

Sendo a pesquisa de campo uma fase que é realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o objeto de pesquisa, é nesta etapa que ele definirá os objetivos, as hipóteses, as ferramentas para produção dos dados, o tamanho da amostra e como os dados serão analisados.

Para Gil (2002, p. 53),

O estudo de campo apresenta algumas vantagens em relação principalmente aos levantamentos. Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos. Como não requer equipamentos especiais para a coleta de dados, tende a ser bem mais econômico. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis.

É evidente que o sujeito pesquisador tem um papel crucial ao adentrar no campo de pesquisa. Ele fará contato direto com seus colaboradores e precisa passar segurança para que os sujeitos investigados não ocultem as informações necessárias para o bom andamento da pesquisa. Gil (2002, p. 53) apresenta as vantagens do estudo de campo.

O estudo de campo apresenta algumas vantagens em relação principalmente aos levantamentos. Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos. Como não requer equipamentos especiais para a coleta de dados, tende a ser bem mais econômico. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis.

Diante do que afirma o autor, na busca por obtenção de respostas coerentes para um problema investigado, o estudo com base na pesquisa de campo terá elementos mais consistentes no processo de produção de dados, devido às informações serem coletadas nos espaços nos quais os sujeitos estão inseridos, nos campos de produção ou espaços outros de acordo o objeto que está sendo investigado.

A interação do pesquisador com os sujeitos pesquisados possibilitará as informações valiosas. Por isso, considera-se que há uma dívida de mão dupla entre os colaboradores: enquanto o pesquisador faz o papel de sujeito observador, ele está sendo observado pelos seus informantes.

Desse modo, Gil (2002, p. 53) afirma:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que

ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Assim, podemos entender a importância da pesquisa de campo no âmbito social que envolve autores que compõem a sociedade. É esse o viés do presente, estudo, envolvendo sujeitos atuantes de comunidade locais em busca da sobrevivência.

2.6 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A entrevista é de modo geral classificada na pesquisa em estruturada e não-estruturada. A diferença é que na entrevista estruturada se quer determinar frequências de algo que o pesquisador acredita que acontece; e na entrevista não estruturada busca-se saber o como e o porquê de uma ocorrência através de informações, conversações e descrições. [...] A entrevista semiestruturada é também estruturada a partir de uma ordem preestabelecida pelo entrevistador. A diferença é que esta entrevista além de conter questões fechadas e diretas inclui um número pequeno de perguntas abertas, nas quais o entrevistado se utiliza de “certa liberdade”. (Sousa, 1998, p. 30).

A partir do que preconiza Sousa (1998), entendemos que a entrevista semiestruturada é um instrumento de pesquisa por meio do qual o pesquisador tem maior abertura na formulação das questões no processo investigativo. Ela pode sofrer variações no andamento, quando necessário, para melhor esclarecimento do objeto de estudo. A entrevista semiestruturada é utilizada com maior abrangência na abordagem qualitativa, por abrir leque para o estudo dos fenômenos que não devem ser quantificados.

Conforme afirma Pádua (1997, p. 64-65),

[...] a entrevista é um procedimento mais usual no trabalho de campo. Por meio dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada.

Pádua (1997) descreve que essa é uma das técnicas de coleta de dados que os pesquisadores usam com maior frequência nas pesquisas de campo. Isso porque permite o registro, através das falas dos seus colaboradores, de dados para comprovar o fenômeno estudado e vivenciado pelos entrevistados.

Essa é uma técnica por meio da qual o sujeito pesquisador envolve os sujeitos colaboradores na temática da investigação. Para tal, faz-se necessário um roteiro de questões, de modo que os entrevistados se sintam à vontade para versar a partir do que é questionado pelo pesquisador.

Desse modo, na pesquisa com os pescadores e marisqueiras estudantes da EJA, assim como com os professores, coordenação e direção que atuam nessa modalidade de ensino, a

entrevista foi um procedimento que propiciou aos entrevistados revelarem elementos das suas experiências, sendo relevante para a composição dos dados da investigação.

Para Rosa e Arnoldi (2006, p.17):

[...] a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo.

Rosa e Arnoldi (2006) apontam, ainda, para o processo que conduz à capacidade de pensar do sujeito investigador para lidar com características diferenciadas e agregar os fatos de forma clara, sistematizando a ampliação e a disseminação dos estudos realizados, potencializando novos conhecimentos acadêmicos.

Essa técnica de pesquisa é eficaz pois, através dela, o pesquisador dialoga com maior facilidade com seus colaboradores, de modo a avançar em relação aos resultados da pesquisa.

Diante disso, o pesquisador necessita estar preparado para conduzir o processo das entrevistas, de forma que não interrompa os sujeitos entrevistados, como também seja estratégico, caso perceba que seus colaboradores estão trilhando outro caminho que não contemple o que foi proposto. O percurso, na entrevista, é cheio de sutileza e significado, requerendo do sujeito pesquisador dinamicidade, eficiência e eficácia na condução do processo.

Rosa e Arnoldi (2006, p.14) afirmam que:

A entrevista é uma ferramenta imprescindível para se trabalhar buscando-se contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo, que se obtenham dados sobre o passado recente ou longínquo, de maneira explicativa, porém tranquila, e em comunhão com o seu entrevistador que deverá, inicialmente, transmitir atitudes que se transformem em transferenciais e troca mútua de confiabilidade.

Ainda segundo Rosa e Arnoldi (2006), a realização de entrevistas é fundamental no estudo dos fenômenos, principalmente aqueles que pretendem analisar o comportamento e aspectos subjetivos que se expressam através dos costumes, crenças, sentimentos, saberes, práticas e conhecimentos outros que são determinantes na formação cultural e social do indivíduo. A entrevista, mesmo sendo a ferramenta mais adequada para conhecer esses fenômenos, requer do pesquisador a expertise necessária para propiciar um ambiente tranquilo, harmônico, dinâmico e confiável para o sucesso na interação com o entrevistado para produção de dados.

Nessa perspectiva, o uso da entrevista no processo de investigação para colher informações dos participantes com relação às atividades laborais desenvolvidas em espaços locais é uma estratégia de pesquisa a qual pesquisadores têm recorrido no campo científico nos

últimos anos. Portanto, essa é uma técnica que guia o pesquisador a analisar os fenômenos descobertos com maior precisão.

Diante disso, Ribeiro afirma (2008, p.141) que a entrevista é a:

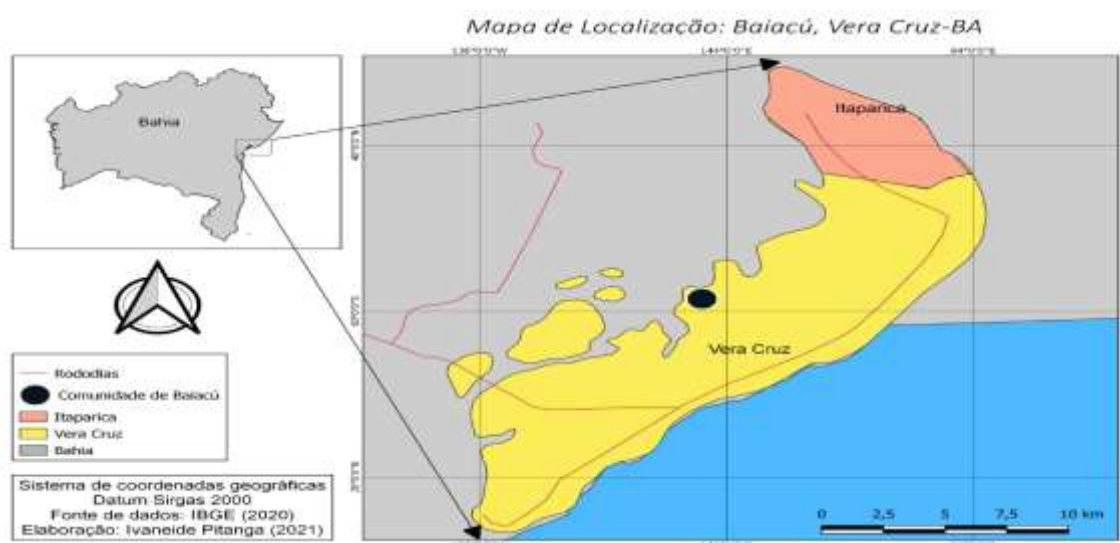
[...] técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

A autora descreve que essa é uma das estratégias de pesquisa que melhor revelam os sujeitos entrevistados, trazendo informações de cunho descritivo, inerentes ao mundo de vivência dos mesmos possibilitará. Por isso, segundo ela, permite ao investigador analisar e interpretar os dados da investigação com maior segurança, efetivando os resultados.

2.7 O MUNICÍPIO DE VERA CRUZ

A presente pesquisa foi desenvolvida no município de Vera Cruz, especificamente na localidade de Baiacu, vila de pescadores e marisqueiras numa área de manguezais. Localiza-se a uma latitude $12^{\circ} 57' 32''$ sul e a uma longitude $38^{\circ} 36' 16''$ oeste, no Território de Identidade Metropolitano de Salvador, com uma extensão territorial de 299,734 km². Possui duas categorias de vegetação predominante, o mangue chamado pelos turistas de “Pantanal baiano”, e a restinga de Mata Atlântica, que se limita com os municípios de Itaparica, Jaguaribe, Salinas das Margaridas e Salvador. A Figura 2 apresenta o mapa que caracteriza o lócus da pesquisa.

Figura 2 - Mapa da Ilha de Itaparica com indicação do lócus da pesquisa – Baiacu - Vera Cruz.



Fonte: Elaborado por Pitanga (2021), a partir de dados do IBGE (2020).

Vera Cruz, com praias exuberantes, recebe turistas de diversas partes do Brasil e estrangeiros. Essas praias também são bastante frequentadas pela população da região.

Figura 3 - Praça central da cidade de Vera Cruz



Fonte: Hirlei Gonçalves. <https://abussolaquebrada.com/2018/06/20/a-historica-ilha-de-vera-cruz/>

A Figura 3, acima, mostra a praça central Herculano Ramos, do município de Vera Cruz, após passar por uma reforma, em 2018. Hoje, ela é considerada um cartão postal da cidade. Visita exuberante com a qual se deparam os turistas que fazem a travessia por via marítima de Salvador a Mar Grande, sede do município, para desfrutar de uma natureza magnífica que essa cidade tem a oferecer.

Tabela 2 - Características geográficas do município de Vera Cruz

DIMENSÕES	
AREIA TERRITORIAL	297,537km ²
POPULAÇÃO	37.567
DENSIDADE DEMOGRÁFICA	125,33 hab/km ²
IDH	0,645
IDEB	4,4
PIB	512.864
PIB PER CAPITA	11.752,15

Fonte: Elaborado pelo autor (2020), a partir dos dados do IBGE, disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vera-cruz/panorama>. <https://qedu.org.br/municipio/2933208-vera-cruz/ideb> Acesso em: 04 mai. 2023.

A tabela acima é um demonstrativo das principais características do município, no que tange à sua expansão territorial, densidade demográfica e os índices nos aspectos econômicos e educacionais que reverberam no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

2.7.1 Aspectos Econômicos do Município de Vera Cruz

Por meio do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), trazemos algumas características no que se refere às condições econômicas do lugar. O Município de Vera Cruz, no período de 1999 a 2011, tem apresentado crescimento significativo no Produto Interno Bruto (PIB), mesmo ainda sendo em pequena escala. Por outro lado, o aumento populacional eleva com maior intensidade as necessidades da população, dado que o município não disponibiliza de serviços suficientes que atendam às necessidades do seu povo. Portanto, uma parte da população de vera-cruzenses busca incrementar sua renda em diversos setores, na tentativa de superar a pobreza. Observemos os dados contidos no Quadro 1.

Quadro 1 - Setores que têm possibilitado à população de Vera Cruz obter trabalho e fomentar o desenvolvimento econômico local

A pesca e mariscagem	Com destaque para as localidades da contracosta, nos trabalhos de pesca de rede e coleta de mariscos (como em Baiacu , Jiribatuba, Matarandiba, Ponta Grossa, Catu, Campinas) e das localidades da costa na pesca com utilização de embarcações motorizadas (como em Conceição, Barra do GIL, Cacha Pregos, Aratuba, Jaburu e Mar Grande);
O comércio	Principalmente em Mar Grande, no Comercial Coroa – em Coroa, e em mercadinhos locais;
O setor de serviços	Principalmente em Mar Grande. Os serviços de transporte, formal ou informal, também são importantes geradores de trabalho e renda no município;
Caseiros	Responsáveis pela manutenção e/ou vigilância das casas de veraneio, muito comuns nas localidades e loteamentos fechados (“condomínios”) da costa;
O setor público	Destaque para a prefeitura municipal;
Os repasses de programas sociais	Como fontes relevantes de renda nas localidades;
A agricultura família	Exerce papel importante para famílias localizadas nas áreas entre a ocupação linear da costa e as localidades da contracosta.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020), a partir de dados da Prefeitura de Vera Cruz. Disponível em: <http://veracruz.ba.gov.br/portal/>. Acesso em 23 abr. 2020.

O Quadro 1 sintetiza os serviços que o município de Vera Cruz disponibiliza para a sua população. Desse modo, levando em consideração as informações obtidas e conectando-as às características demográficas, é notável que uma parte dos 43.716 habitantes dessa cidade não tem vínculo empregatício. Isso leva os trabalhadores desamparados economicamente a buscarem outros espaços para assegurar a sobrevivência econômica.

2.7.2 Aspectos culturais e religiosos do município de Vera Cruz

Considerando a concentração de praias belíssimas, que tem atraído pessoas de diversos lugares do mundo, Vera Cruz é também uma cidade frequentemente visitada por pessoas de classe média e média-alta da capital baiana e das cidades pertencentes ao Recôncavo Baiano em busca de sol, praias, turismo e lazer. Esses são os principais atrativos culturais que os visitantes podem desfrutar, além dos demonstradas no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Atividades culturais, religiosas e culinárias no município de Vera Cruz

Atividades Culturais	Ruínas de igrejas, de fornos e de moinhos representam os atrativos históricos. Patrimônio Histórico da ilha de Itaparica (Século XVI) está localizado no povoado de Baiacu (Vila de Pescadores).
Atividades Religiosas	A Folia de Reis, o Bumba-Meu-Boi, a Puxada de rede, o Maculelê, a Capoeira, as festas de largo e o carnaval, o Candomblé, como também os festejos religiosos evangélicos compõem o folclore de Vera Cruz. A Igreja do Nosso Senhor da Vera Cruz. Tombamento histórico do município.
Atividades Culinárias	Uma parte da população vive tipicamente da pesca, alimentando-se de frutos do mar: ostra, chumbinho ³ , aratu, siri, caranguejo, sarnambi, polvo, lula, camarão, lagosta e os mais diversos tipos de peixes.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020), a partir de dados da Prefeitura de Vera Cruz, disponíveis em: <http://veracruz.ba.gov.br/portal/>. Acesso em 24 abr. 2020.

O Quadro 2 é um demonstrativo dos processos culturais, religiosos e alimentares que há no município de Vera Cruz, apontando destaque para algumas comemorações religiosas como também para o patrimônio histórico tombado existente na comunidade lócus de pesquisa. Evidenciamos, também, a culinária do lugar.

2.8 LÓCUS DA PESQUISA: DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE DE BAIACU

Iniciamos esta seção apresentando a imagem da praça centra da comunidade em estudo, na Figura 4.

³ *Anomalocardia flexuosa*.

Figura 4 - Praça central da comunidade de Baiacu



Fonte: Produzida pelo autor (2021).

A localidade de Baiacu se caracteriza como uma vila de pescadores e marisqueiras que surgiu a partir da presença de homens e mulheres que utilizavam os manguezais como fonte de sustento e renda. A origem do povoado se deu a partir dos ‘paieiros’ construídos próximos aos manguezais para guardar os instrumentos das atividades laborais realizadas por aqueles trabalhadores. Com o passar do tempo, as pessoas começaram a utilizar esses espaços como moradia e, assim, foi surgindo o povoado. Hoje, a comunidade de Baiacu se apresenta com grande parte das moradias nos modelos convencionais para os tempos atuais, mas é possível observar vários paieiros que são utilizados tanto para guardar instrumentos da pesca e mariscagem como para moradia.

Figura 5 - Paieiro – comunidade Baiacu.



Figura 6 - Área de saída e chegada para a atividade pesqueira - Baiacu.



Fonte: Produzidas pelo autor (2021).

A economia da localidade é baseada na pesca e na mariscagem, advindas da exploração da diversidade de espécies de crustáceos existentes nos manguezais. Muitas famílias complementam sua renda com auxílio do programa de governo Bolsa Família. As pessoas de idade mais avançada são aposentadas ou pensionistas, porém, muitos continuam com as atividades nos manguezais. A comunidade é cercada por esses ecossistemas de suma importância como fontes de renda e meio de subsistência da maioria dos moradores da vila.

Na comunidade de Baiacu, estão localizadas as ruínas de uma das maiores arquiteturas históricas do passado, a Igreja Senhor da Vera Cruz. Essa foi a segunda igreja católica edificada no Brasil pelos Jesuítas no século XVI, mais precisamente no ano de 1560. Com isso, a comunidade do Baiacu ganhou destaque entre as 27 localidades existentes no município. Essa vila também tem seus encantos, a exemplo dos manguezais com suas belezas encantadoras.

Figura 7 - Ruína da Igreja Senhor da Vera Cruz - parte interna.



Figura 8 - Ruína da Igreja Senhor da Vera Cruz - parte externa.



Fonte: Produzidas pelo autor (2021).

2.9 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS COLABORADORES DA PESQUISA

Os participantes desta pesquisa foram 16 sujeitos, homens e mulheres negros e negras trabalhadores e trabalhadoras artesanais da pesca e da mariscagem, estudantes da Educação de Jovens e Adultos que, na contemporaneidade, carregam marcas de um processo histórico de exclusão social que tem se perpetuando. Eles retiram dos manguezais, por meio do seu trabalho, uma parte dos alimentos que garante seu sustento e de seus familiares. Essas pessoas, mesmo depois de um dia árduo de trabalho, têm procurado a EJA por acreditar que esta modalidade de ensino pode contribuir para que eles possam adentrar no mercado de trabalho. No que se refere aos estudantes da EJA que possuem particularidade que advém de sua trajetória de vida, como aponta a Fundação Vale (2014 p. 15),

As experiências vivenciadas na família, na comunidade, na participação social e no trabalho conferem ao ser humano saberes fundamentais que influenciam seu meio, sua cultura e permitem a construção de biografias únicas, ricas, complexas e completas. O reconhecimento da singularidade e do potencial transformador dos conhecimentos construídos nas trajetórias não escolares é ponto de partida para a construção de novos saberes potencialmente transformadores da escola e dos conhecimentos por ela produzidos.

Para os alunos da Educação da EJA, as experiências vivenciadas ao longo de suas vidas, seja no âmbito familiar, na comunidade, na participação social ou no trabalho, desempenham um papel fundamental. Essas conferem a cada indivíduo saberes essenciais que influenciam não apenas seu meio e cultura, mas também possibilitam a construção de biografias únicas, ricas, complexas e completas.

A singularidade de cada aluno e o potencial transformador dos conhecimentos adquiridos fora do ambiente escolar são aspectos primordiais a serem reconhecidos. A trajetória de vida de cada aluno, com suas vivências diversas, traz consigo um acervo de saberes que muitas vezes não são tradicionalmente valorizados em ambientes educacionais convencionais. No entanto, constituem a base sobre a qual novos aprendizados podem ser construídos.

A valorização desses conhecimentos não escolares e a compreensão de seu potencial transformador são pontos de partida essenciais para a construção de um ambiente de aprendizado enriquecedor na EJA. Reconhecer a diversidade de trajetórias de vida, experiências e saberes dos alunos pode ser a base para a criação de novos tipos de conhecimento, que têm o potencial de impactar tanto a escola quanto os conhecimentos formais por ela transmitidos.

Para os fins propostos para este trabalho, também fazem parte do processo investigativo professores e professoras, coordenação pedagógica e direção da escola que oferta a modalidade EJA, na perspectiva de conhecer as inter-relações entre a escola e o cotidiano dos alunos que tecem relações de trabalho nos manguezais. É preciso ter como premissa que esse é um ecossistema importante para a preservação ambiental, que precisa ser tema gerador no diálogo da EJA, numa via dupla de experiência: do manguezal para a escola e da escola para o manguezal.

Quadro 3 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa, alunos da EJA, pescadores e marisqueiras.

IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	OCUPAÇÃO PESCADOR(A)/MARISQUEIRA (A)	GÊNERO	ESCOLARIDADE	IDADE	RENDA FAMILIAR
A	Marisqueira	F	EJA. Fund II	18	1 salário mínimo
B	Marisqueira	F	EJA. Fund II	18	2 salários mínimos
C	Marisqueiro e Pescador	M	EJA. Fund II	19	3 a 5 salários mínimos
D	Marisqueira	F	EJA. Fund II	19	1 salário mínimo
E	Marisqueiro e Pescador	F	EJA. Fund II	25	3 a 5 salários mínimos
F	Marisqueiro e Pescador	M	EJA. Fund II	25	1 salário mínimo
G	Marisqueiro e Pescador	M	EJA. Fund II	19	1 salário mínimo
H	Marisqueiro e Pescador	M	EJA. Fund II	18	1 salário mínimo
I	Marisqueiro e Pescador	M	EJA. Fund II	18	2 salários mínimos
J	Marisqueiro e Pescador	M	EJA. Fund II	18	Só auxílio Bolsa Família
K	Marisqueira	F	EJA. Fund II	18	1 salário mínimo e Bolsa Família
L	Marisqueira	F	EJA. Fund II	25	Só auxílio Bolsa Família
M	Marisqueira	F	EJA. Fund II	19	Só auxílio Bolsa Família
N	Marisqueiro e Pescador	M	EJA. Fund II	18	1 salário mínimo
O	Marisqueiro e Pescador	M	EJA. Fund II	25	2 salários mínimos
P	Marisqueira	F	EJA. Fund II	18	Só auxílio Bolsa Família

Fonte: Elaborado pelo autor (2021), a partir das entrevistas.

No Quadro 3, os pescadores e marisqueiras são apresentados através das letras do alfabeto, uma forma de não identificar por nome, mantendo, assim, no anonimato a identidade dos colaboradores da pesquisa. É possível perceber que a maioria dos participantes da pesquisa é do sexo feminino, porém, também se pode observar que alguns trabalhadores, do sexo masculino, desempenham as duas atividades - de pescadores e marisqueiros. Já as trabalhadoras do sexo feminino ficam restritas às atividades da mariscagem.

No que tange ao curso no qual estão inseridos, todos/as estão na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA, no Ensino Fundamental Anos Finais, 8º e 9º ano. Ao que se refere à idade, estão na faixa etária de 18 a 25 anos de idade. No que diz respeito à renda

familiar mensal, 40% dos entrevistados apontaram receber um salário mínimo, 15% disseram que recebem até dois salários mínimos e 20% sobrevivem da pesca e da mariscagem e recebem o auxílio Bolsa Família. Outros 20% informaram receber de 3 a 5 salários mínimos; 5% informaram receber renda de salário mínimo, mais o auxílio do Bolsa Família.

2.10 ETAPAS DO ESTUDO

O Quadro 4 apresenta o planejamento das etapas de desenvolvimento do presente estudo. Tomou-se, para a sistematização nele contida, de que o planejamento das atividades que se pretende realizar é de fundamental importância, pois sem ele o estudo poderá perder o direcionamento, comprometendo o percurso metodológico, assim como o recorte temporal na produção de dados.

Quadro 4 - Etapas do desenvolvimento da pesquisa

PRIMEIRA MOMENTO
<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento bibliográfico de materiais publicados sobre a temática, livros, revistas e artigos publicados pelo MPEJA, anais de eventos e dissertação dos egressos da pós-graduação <i>Stricto Sensu</i>. • Levantamento dos sujeitos de pesquisa na comunidade de Baiacu; • Apresentação do projeto à comunidade; • Parecer consubstanciado do CEP (Comitê de Ética e Pesquisa) nº 4.715.962, aprovando o projeto de pesquisa em 17 de maio de 2021.
SEGUNDO MOMENTO
<ul style="list-style-type: none"> • Realização de escuta, por meio de entrevistas os pesquisados, de modo a descrever a localidade, as atividades dos pescadores, marisqueiras e os manguezais; • Pesquisa de campo para observação direta <i>in loco</i>; • Exploração fotográfica da localidade; • Formação de grupos de diálogos, para uma maior colaboração na descrição e compreensão da realidade a pesquisar;
TERCEIRO MOMENTO
<ul style="list-style-type: none"> • Transcrição, observação e análises dos diários de campo; • Tratamento dos dados, categorização; • Construção dos resultados em formatos de gráficos, tabelas e quadros; • Aproximação teórica da realidade levantada.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A organização dos três momentos de desenvolvimento da pesquisa levou em consideração o fato de que o planejamento é uma parte que exige critério e atenção. Porém, tem-se clareza de que não se deve desconsiderar a flexibilidade inerente a todo ato de planejar.

2.11 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi imperativa a adoção de normas, conforme preconizado pelo conselho de ética, especialmente no que tange aos aspectos de inclusão dos participantes no estudo. Nesse sentido, delineamos de forma precisa o percurso seguido durante a incursão no estudo. Foram estabelecidos critérios claros para a seleção dos sujeitos participantes: residir na comunidade do Baiacu; engajar-se em atividades intrínsecas à pesca e mariscagem na mesma comunidade; estar matriculado na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no local da pesquisa; e possuir uma idade igual ou superior a 18 anos.

Concomitantemente, adotamos critérios de exclusão com igual rigor: indivíduos que não fazem parte da comunidade objeto do estudo; aqueles que não estão envolvidos em atividades de pesca e/ou mariscagem na região do Baiacu; os que não são estudantes da EJA na comunidade em questão; e menores de idade. Assim, a condução do estudo foi embasada em uma estrutura cuidadosamente delineada, alicerçada nos princípios éticos e nos parâmetros definidos pelo conselho de ética.

2.12 RISCOS

Na trajetória de processo e produção dos dados essenciais para compor os resultados da pesquisa, buscamos garantir a segurança dos colaboradores envolvidos, adotando medidas eficazes para evitar contratemplos que pudessem colocar suas vidas em risco. Nesse sentido, consideramos a disponibilidade de cada participante, assim como seu espaço de comunicação, linguagem utilizada, expressões faciais e estilo de expressão verbal.

Para enriquecer nossa compreensão, promovemos interações com temas relevantes sobre suas histórias de vida no contexto social. Isso nos permitiu uma abordagem mais próxima da realidade dos colaboradores, através de um diálogo interativo.

Somos conscientes de que os relatos de vida podem acarretar danos imediatos ou tardios, como rejeição ou arrependimento por parte do narrador. Tais sentimentos são comuns aos seres humanos e podem afetar o bem-estar individual e de grupo. Identificamos possíveis riscos,

como alterações emocionais ligadas ao arrependimento, desconforto físico diante de memórias emocionalmente carregadas, criação de uma visão imaginativa de eventos passados, influenciada por vaidades ou niilismo presentes nas narrativas.

Outras considerações incluem a possibilidade de depressão após a recordação de eventos negativos, como constrangimentos durante as entrevistas, aspectos relacionados à escolarização, relatos das práticas diárias e dificuldades nos manguezais. Também levamos em conta a confidencialidade, evitando divulgar nomes, imagens pessoais e detalhes do ambiente de atuação sem o consentimento explícito dos colaboradores envolvidos na pesquisa.

Além disso, reconhecemos o potencial de danos causados por dispositivos eletrônicos, como gravadores e celulares, durante a coleta de dados da pesquisa. Nossa abordagem visou minimizar tais impactos, adotando práticas que prezam pelo respeito, ética e bem-estar de todos os envolvidos no processo.

2.13 BENEFÍCIOS

No processo de desenvolvimento desta pesquisa, foram integradas perspectivas que destacam os potenciais benefícios advindos do estudo para a sociedade. Isso engloba não apenas os aspectos científicos que podem atender às demandas da comunidade acadêmica, mas também a contribuição para a comunidade tradicional, que é o foco do estudo.

Ao traçar o caminho desta investigação, foram concebidos pressupostos que têm o potencial de gerar benefícios significativos no avanço da pesquisa. Esses abrangem a estreita interação entre o pesquisador e a comunidade de pescadores e marisqueiras, que são parte integrante das comunidades locais e tradicionais. Também incluem a obtenção de conhecimentos sobre as dinâmicas de interação que sustentam a conservação e preservação dos ecossistemas manguezais.

Além disso, buscou-se um entendimento aprofundado das várias espécies de crustáceos que habitam os manguezais e das estratégias para garantir sua preservação. O objetivo foi desenvolver uma compreensão abrangente das questões ambientais envolvidas e promover práticas sustentáveis que assegurem a sobrevivência das espécies de frutos do mar presentes nos ecossistemas costeiros. Essas espécies desempenham um papel vital no sustento de numerosas famílias na comunidade local.

Através da aplicação dos conhecimentos científicos obtidos, buscou-se fomentar a adoção de práticas sustentáveis que, por sua vez, contribuíssem para o progresso das atividades econômicas e para a preservação da cultura dos habitantes locais. Dessa forma, a pesquisa não

apenas enriquece o conhecimento científico, mas também estabelece bases sólidas para a segurança cultural e a prosperidade das comunidades tradicionais envolvidas.

Detalhadas as intenções e o percurso metodológico da pesquisa, no próximo capítulo, apresentamos a concepção freiriana. Fundamental para orientar as diretrizes e os estudos da EJA, essa concepção é uma importante base teórica deste trabalho.

3 A CONCEPÇÃO FREIRIANA NA DIALOGICIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Como já explicitado, esta pesquisa contou com a participação ativa dos sujeitos-chave, pescadores e marisqueiras, estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da comunidade de Baiacu, em Vera Cruz. Esses sujeitos desempenharam um papel crucial, compartilhando suas experiências e conhecimentos sobre as práticas de pesca e mariscagem na região. Suas perspectivas e percepções forneceram informações valiosas para entender os desafios enfrentados pela comunidade pesqueira local e para explorar possíveis soluções para promover a sustentabilidade dessas atividades.

Os pescadores e marisqueiras, estudantes da EJA da comunidade de Baiacu, representam uma parte importante da comunidade local, e suas vozes e perspectivas foram valorizadas no estudo. A participação dessa população permitiu uma compreensão mais abrangente dos impactos socioeconômicos e ambientais das atividades de pesca e mariscagem na localidade. Além disso, sua participação no processo de pesquisa também promoveu a conscientização e o envolvimento dos jovens e adultos na busca por soluções sustentáveis para os desafios enfrentados pela comunidade.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil se configurou como uma modalidade de ensino com a finalidade de alfabetizar trabalhadores, mediante a necessidade da leitura e da escrita desses sujeitos que não tiveram condições em desenvolver tais habilidades, por terem suas cidadanias mutiladas, devido aos processos de negação de direitos socioeducacional. Nesse sentido, Freire (1981, p. 13, grifos no original) diz que “[...] na concepção crítica, o analfabetismo nem é uma ‘chaga’, nem uma ‘erva daninha’ a ser erradicada, nem tampouco uma enfermidade, mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta”. Sendo assim, dialogar sobre os processos educativos de pescadores e marisqueiras é evidenciar a necessidade de uma educação que possibilite conexão com as vivências cotidianas desses sujeitos. São trabalhadores e trabalhadoras que carecem de uma modalidade educativa que possibilite a ressignificação de sua inserção social.

Freire (1979, p. 72) aponta ainda que:

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador.

Para esse importante educador brasileiro, o processo de escolarização na EJA deve partir da realidade na qual esses sujeitos estão inseridos. Nesse sentido, o professor precisa adequar

seus métodos às necessidades dos educandos, de modo que eles(as) possam se sentir sujeitos do processo.

Ainda na mesma dialógica, Freire (1980, pp. 33-34) diz que “[...] toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se)”.

A proposta da educação na concepção freiriana é proporcionar aos sujeitos, sobretudo das comunidades tradicionais, um processo educativo por meio do qual eles possam perceber e entender a contribuição da escolarização em seu percurso de emancipação, em busca dos seus direitos na sociedade.

Diante da proposta desta pesquisa, é relevante questionar se essa modalidade de ensino oferecida aos pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu tem proporcionado que eles percebam os problemas que afetam o ecossistema de manguezal local. Esses problemas incluem questões sanitárias, moradias em áreas de manguezais, falta de saneamento básico, acúmulo de lixo em áreas de conservação natural e outras deficiências estruturais que comprometem o bem-estar da comunidade e a sobrevivência das espécies. Ao longo dos anos, essas espécies têm se tornado fonte de alimento e renda para os moradores de Baiacu.

O processo de escolarização dos sujeitos na Educação de Jovens e Adultos na concepção freiriana busca tecer um ensino que dialogue com a realidade à qual homens e mulheres estão conectados. Isso requer um processo educativo de forma não verticalizada, no qual o professor não impõe as suas verdades, numa vertente que parte das necessidades dos educandos, possibilitado que os sujeitos problematizem. Desse modo, Freire, (1987, p. 80) relata que:

[...] a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade. [...] Portanto, compreender os pescadores e marisqueiras que desenvolvem suas atividades de trabalho nos manguezais significa respeitar suas singularidades, mediante as suas necessidades de explorar esses ecossistemas costeiros em busca de prover suas necessidades alimentares.

Falar na EJA no Brasil é falar dos sujeitos oprimidos na sociedade que não tiveram a oportunidade de se escolarizar. Daí a importância de buscar evidenciar essa modalidade de ensino no modelo que defende Freire com relação a uma educação emancipatória que permita aos trabalhadores oprimidos alcançarem seus direitos educacionais. Portanto, é preciso entender esse processo como uma educação crítica para que essas pessoas reivindiquem seus direitos na sociedade. Diante dessas premissas, tomamos como base concepções freirianas em favor de

homens e mulheres de comunidades tradicionais, de pescadores e marisqueiras que, além de desenvolverem essas atividades, buscam na EJA uma alternativa emancipatória.

Freire (1987, p. 31) aponta que:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontra preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentiria, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? A libertação a que não chegarão pelo acesso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de luta por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, como o qual se operão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista de falsa generosidade referida.

Freire (1987) tece considerações no que diz respeito aos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos de modo a evidenciar que ninguém melhor que essas pessoas para falar sobre a sua condição oprimidos na sociedade, diante dos seus direitos usurpados. O autor chama atenção para a compreensão da luta desses sujeitos em busca da liberdade.

Nessa direção, a presente pesquisa busca entender se o ensino da EJA na comunidade de pescadores e marisqueiras tem possibilitado a esses sujeitos um processo de conscientização que lhes permita o desenvolvimento de práticas de trabalho respeitando o meio ambiente. Para isso, é necessário um processo de escolarização na concepção dialógica entre professor e estudante, de modo a dialogar com as dimensões do trabalho que os sujeitos tecem nos espaços em que estão inseridos, valorizando os saberes existenciais dos pescadores e marisqueiras nesses espaços de trabalho e vivências. Tomando como base a perspectiva freiriana, o processo formativo socioeducacional dos sujeitos deve ser permeado em consonância com as esferas ambientais, tecendo relações de conhecimento, como também respeitando a importância da natureza para a sustentabilidade das espécies e a sobrevivência desses pescadores e marisqueiras na esfera ambiental.

A Educação brasileira, especialmente a EJA, tem forte influência da pedagogia freiriana, de maneira que o processo ensino aprendizagem proporcione o diálogo entre educadores e educandos, respeitando as vivências para além da sala de aula. Nesse sentido, Paulo Freire defendia uma educação libertadora para que os sujeitos oprimidos tivessem as suas vozes respeitadas e direito de igualdade. Sendo assim, o sujeito educador deve proporcionar aos educandos uma educação crítica que lhes permita perceber e refletir seus lugares de inserção no mundo. Portanto, dialogar com homens e mulheres que desenvolvem suas atividades cotidianas e, sobretudo, nos ecossistemas de manguezais é saber respeitar suas práticas de trabalho; entender as necessidades desses pescadores e marisqueiras é considerar as vertentes pedagógicas freirianas, por meio de um processo educativo que liberte os sujeitos de uma educação opressora.

Freire (2011, p. 57) diz que:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Pensar na Educação de Jovens Adultos é levar em consideração a importância que Freire tem na construção dessa modalidade de ensino. É buscar um olhar diferenciado para atender as necessidades e especificidades dos sujeitos que aderem à EJA, na tentativa de uma escolarização capaz de ressignificar a perspectiva educacional mutilada devido à exclusão socioeducacional ainda presente no país. Sendo assim, na contemporaneidade, homens e mulheres, depois de um dia árduo de trabalho, têm procurado as escolas da EJA para aprimoramentos das suas habilidades e o desenvolvimento da escrita e da leitura. A comunidade de pescadores e marisqueiras, sujeitos deste estudo, está diretamente interligada com essa modalidade de ensino.

A EJA é uma modalidade educacional que perpassa pelas classes populares e está ligada aos movimentos sociais, dos quais fazem parte jovens e adultos em busca de um processo formativo de qualidade. Isso exige repensar, não com base em achismos, no que deve ou não ser atribuído a esses estudantes trabalhadores. Para Freire (1996, p. 27), "[...] a educação de adultos é melhor percebida quando a situamos hoje como educação popular". Nesse sentido, assegurar uma educação de qualidade a sujeitos jovens e adultos não se resume apenas a considerar ajustes nos currículos, mas, sim, demanda adotar um plano educacional que assegure os direitos garantidos por lei, evitando a transformação do currículo em um conhecimento construído com base nas demandas da elite.

A Educação de Jovens e Adultos na perspectiva de Freire é uma modalidade educacional atrelada ao mundo em que se encontram os sujeitos dessa modalidade de ensino e isso requer uma ligação com as histórias dos conhecimentos que trazem consigo desde os seus primeiros momentos de aprendizados. A educação popular tem um papel importante nessa construção. Diante disso, não se deve trabalhar o aprendizado desses sujeitos sem levar em consideração suas histórias. Para Freire (1996, p. 35) “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. Assim, Freire chama atenção, demonstrando que o processo educacional dos indivíduos na sociedade não pode estar desarticulado do mundo.

A população pesquisada na Comunidade do Baiacu, lócus do estudo, constitui-se por homens e mulheres que fazem parte de um processo educacional advindo da EJA. Nesse sentido, buscamos evidenciar tanto suas histórias no contexto educacional quanto do trabalho

que esses sujeitos desenvolvem na esfera ambiental nos espaços dos manguezais. Contudo, é necessário analisar como o percurso educacional ofertado aos pescadores e marisqueiras dialoga com a pesca e a mariscagem, de modo a perceber a importância da educação em seu processo de desenvolvimento educacional e intelectual, entendendo o contexto social do trabalho para que possam buscar uma concepção ambiental harmoniosa com a natureza, por meio da preservação do meio ambiente e dos recursos naturais existentes nele.

Freire (1980, pp. 33-34) diz que, “Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se)”.

Percorrer o campo da Educação de Jovens e Adultos na perspectiva freiriana é lidar com um conjunto de possibilidades no cenário educacional que permite dialogar com a essência dos sujeitos que fazem parte da EJA, visando proporcionar aos estudantes dessa modalidade de ensino o processo educativo libertador, de modo a respeitar o potencial que eles carregam em suas vozes. Na obra “Educação como prática da Liberdade”, que trata dos sujeitos oprimidos na sociedade, Freire (1989, p. 6) aponta que a “[...] liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode ser alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica do educando [...]”. Portanto, a pesquisa atrelada aos sujeitos que tecem essa relação com a Educação de Jovens e Adultos busca articular o desenvolvimento da leitura e da escrita, enquanto um processo que deve partir da concepção de mundo desses sujeitos.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que, historicamente, é integrada à Educação Básica, voltada a combater os índices do analfabetismo no país. Por outro lado, mesmo que de forma tímida, aproxima-se de cursos profissionalizantes, na perspectiva de atender à necessidade de mão de obra para atender aos serviços que a elite da sociedade brasileira não quer executar. Nesse sentido e tomando como base a pedagogia freiriana, entendemos que, ainda, o processo de escolarização de uma parte da sociedade brasileira acontece de forma opressora.

Essa realidade é descrita por Freire (1987, p. 67, grifos no original) da seguinte forma:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres "vazios" a quem o mundo "encha" de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

O processo de escolarização, na concepção de Freire, deve levar em consideração os saberes que os educandos trazem consigo das suas vivências de mundo. Portanto, tomando como base as atividades da pescas e da mariscagem que os sujeitos desta pesquisa desenvolvem em comunidade tradicionais, as suas práticas de trabalho devem ser valorizadas pela escola da EJA por eles frequentada, uma vez que seus espaços de trabalhos são espaços multirreferenciais do conhecimento das concepções tradicionais. Mais uma vez, retomamos Freire (2013, p. 49) que nos inquieta quando diz “[...] não há saber mais ou saberes menos; há saberes diferentes”. Sendo assim, podemos perceber a relevância que esta pesquisa pode evidenciar ao campo científico.

No processo de escolarização, em busca da aquisição da escrita e da leitura dos pescadores e marisqueiras da comunidade do Baiacu, observamos que vivem em situação educacional precária, mesma realidade vivenciada nas condições de trabalho. Nesse sentido, o educador Paulo Freire aponta para as devidas considerações no que diz respeito ao processo de alfabetização dos sujeitos que estão inseridos na EJA.

Ferreira (1990, p. 60) complementa a reflexão, ao afirmar:

Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global [...] A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sociocultural, política e técnica.

O mesmo autor segue tecendo suas considerações no que refere ao processo de alfabetização de trabalhadoras e trabalhadores que buscam dar sentido a sua existência enquanto pertencimento na sociedade através do processo de escolarização na EJA.

A alfabetização não pode ser reduzida a um aprendizado técnico lingüístico, como um fato acabado e neutro, ou simplesmente como uma construção pessoal intelectual. A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sócio-cultural, política e técnica. (Freire, 1996, p. 60).

A perspectiva educacional no Brasil gira em torno dos privilégios de uma parte da sociedade elitizada que busca a qualquer custo não perder seus privilégios. Enquanto houver essa divisão entre os que lutam por direitos e aqueles que lutam por privilégios, a educação brasileira jamais será igual para toda a sociedade. Conectamos essa situação, comparando com as condições em que vivem atualmente os participantes desta pesquisa no seu desenvolvimento educacional. É preciso considerar como a exclusão socioeducacional tem impactado negativamente na vida dessas pessoas que buscam seus direitos na sociedade brasileira.

Freire (2000, p. 36, 37) aponta que:

[...] vivemos em uma sociedade dividida em classes, sendo que os privilégios de uns, impedem que a maioria, usufrua dos bens produzidos e, coloca como um desses bens produzidos e necessários para concretizar a vocação humana de ser mais, a educação, da qual é excluída grande parte da população do Terceiro Mundo. Refere-se então a dois tipos de pedagogia: a pedagogia dos dominantes, onde a educação existe como prática da dominação, e a pedagogia do oprimido, que precisa ser realizada, na qual a educação surgiria como prática da liberdade.

O autor evidencia que a sociedade oprimida perpassa por dificuldades mediante a garantia dos seus direitos na contemporaneidade, uma vez que a burguesia da sociedade sempre luta pelos seus privilégios, negligenciando os direitos constitucional de outros sujeitos que compõem a esfera social. Nesse sentido é apontado dos grupos sociais a perspectiva dominante que busca dinamizar uma educação opressora, enquanto os outros grupos sociais evidenciam a educação como prática que tem possibilitado libertar os sujeitos das correntes opressoras de uma sociedade desigual.

A concepção freiriana na dialogicidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) revela-se como uma abordagem pedagógica que busca estabelecer uma relação horizontal e dialógica entre os sujeitos envolvidos no processo educativo. No contexto da comunidade de Baiacu, localizada em Vera Cruz, essa concepção adquire especial relevância ao ser aplicada com pescadores e marisqueiras, considerando suas vivências e saberes como ponto de partida para a construção do conhecimento. Por meio do diálogo e da troca de experiências, os pescadores e marisqueiras podem se tornar sujeitos ativos na construção do saber, possibilitando uma educação emancipatória que valoriza e respeita sua cultura e identidade.

Como afirma Silva (2010, p. 66):

Diante da proposição de se trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos –EJA depara-se, de pronto, com uma necessidade real de olhar para esses sujeitos de maneira diferenciada da comumente associada aos estudantes que seguem uma trajetória escolar quando crianças e adolescentes. As pessoas jovens e adultas, ao retornarem aos espaços de educação formal, carregam consigo marcas profundas de vivências constitutivas de suas dificuldades, mas também de esperanças e possibilidades, algo que não deveria ficar fora do processo de construção do saber vivenciado na escola

A abordagem da educação emancipatória, que busca valorizar e respeitar a cultura e identidade dos alunos, encontra uma aplicação crucial no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), conforme apresentado neste texto. Ao lidar com estudantes adultos que retornam à educação formal, a abordagem emancipatória reconhece a importância de considerar suas experiências de vida, dificuldades, esperanças e possibilidades individuais. Essa perspectiva contrasta com a abordagem via de regra implementada na dita educação regular, destinada a crianças e adolescentes. A educação emancipatória, ao reconhecer e incorporar

essas vivências, permite que os alunos da EJA se engajem em um processo de construção do saber que é sensível às suas identidades culturais e histórias de vida, promovendo assim uma aprendizagem mais significativa e empoderadora.

Nesse contexto, a dialogicidade freiriana na EJA permite a superação de uma educação tradicional e verticalizada, na qual o conhecimento é transmitido de forma unilateral e hierárquica. Ao estabelecer um diálogo horizontal e participativo, a aplicação da concepção freiriana valoriza as experiências e saberes dos pescadores e marisqueiras, reconhecendo sua importância como agentes ativos na produção e disseminação do conhecimento. Essa abordagem contribui para uma educação mais significativa e contextualizada, que fortalece a autonomia e o protagonismo dos sujeitos da pesquisa, permitindo-lhes desenvolver um olhar crítico sobre a realidade e a possibilidade de transformação social em sua comunidade. Portanto, o processo ensino aprendizagem deve partir do diálogo ente o educador enquanto mediador do conhecimento e os educandos. Freire (1983, p.78) aponta que:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já não valem.

O contexto da Educação de Jovens e Adultos ressalta a transformação do papel tradicional do educador. Nele se fortalece a ideia de que o educador não é apenas um transmissor de conhecimento, mas, sim, alguém que aprende e se desenvolve em conjunto com os educandos. Ambos se tornam participantes ativos do processo educacional, enriquecendo-o com suas perspectivas e contribuições únicas. Nesse ambiente colaborativo, a autoridade baseada apenas no conhecimento unilateral cede espaço para a coconstrução do saber, em que a troca de ideias e o respeito mútuo são os pilares da aprendizagem. Sugere-se, assim, que, na EJA, a relação educador-educando transcende a hierarquia tradicional, permitindo um crescimento conjunto e uma educação mais enriquecedora e contextualizada.

4 A BUSCA DAS HISTÓRIAS DE VIDA NA EJA: Na Educação de Jovens e Adultos, com Pescadores e Marisqueiras

A pesquisa envolvendo estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu, beneficia-se do uso da história oral como método de coleta de dados. Segundo Thompson (1992), a história oral permite que as pessoas revelem sua história em suas próprias palavras, dando voz aos participantes da pesquisa e permitindo que compartilhem suas experiências, conhecimentos e perspectivas únicas sobre a comunidade, seu modo de vida, suas lutas e suas conquistas.

Entrevistar os estudantes da EJA, pescadores e marisqueiras, possibilita a coleta de narrativas pessoais que abordam suas vivências individuais e coletivas. Essas histórias podem fornecer *insights* valiosos sobre as mudanças sociais, culturais e econômicas ocorridas ao longo do tempo na comunidade de Baiacu, assim como as perspectivas futuras desses grupos.

Ao utilizar a história oral, não apenas proporcionamos um sentido de história para esses sujeitos, mas também oferecemos a eles a oportunidade de empoderamento. Ao permitir que eles se reconheçam como agentes ativos de sua própria história e compartilhem suas narrativas, contribuimos com ferramentas para a construção de um futuro desejado por eles mesmos. Essa abordagem fortalece a identidade e a autoestima dos participantes, valorizando a cultura local e preservando as tradições.

Além disso, ao envolver os sujeitos da pesquisa no processo de coleta e análise dos dados, promovemos um diálogo mais horizontal e participativo, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas. Essa abordagem colaborativa contribui para a construção de um conhecimento mais inclusivo e contextualizado, refletindo as perspectivas e realidades dos estudantes da EJA, pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu.

A aplicação da história oral permite, ainda, que suas vozes sejam ouvidas, valoriza suas experiências e conhecimentos, fortalece sua identidade e os empodera como agentes de sua própria história. Essa abordagem contribui para a construção de um futuro baseado em sua visão e aspirações, construído por eles mesmos.

O pesquisador Paul Thompson (1992) dedicou-se extensivamente à pesquisa social envolvendo seres humanos, com um foco especial nas narrativas orais dos indivíduos que compõem diversos estratos e segmentos sociais. Em muitos casos, os registros históricos de suas vivências autênticas foram deliberadamente violados, ocultados e, em alguns casos, destruídos, na tentativa de apagar as evidências do valor desses documentos para a compreensão da história de uma parte significativa da população.

Thompson (1992, p. 337) argumenta que “A história oral desenvolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhe dar um passado ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”. Portanto, por meio das narrativas orais, pesquisadores e historiadores conseguiram recuperar fragmentos do passado e iluminar o presente, visando a construção de um futuro mais inclusivo. Nessa mesma linha de resgate das histórias de vida de grupos sociais marginalizados, emerge a importância de dar voz àqueles que foram excluídos das narrativas históricas convencionais.

Guedes-Pinto (2002, p. 95) afirmam que:

A história oral (HO) preocupa-se fundamentalmente em criar diversas possibilidades de manifestação para que aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea que não possuem formas suficientes fortes para enfrentamento da injustiça social.

Investigar o passado em busca do resgate das histórias de vida por meio da oralidade é um método de pesquisa que requer do pesquisador envolvido certas habilidades no estudo para que desenvolva a entrevista de modo a lograr sucesso em sua busca. Portanto, seguem algumas características que o entrevistado deve ter para poder realizar boa entrevista, definidas por Thompson (1992, p. 254):

Ha algumas qualidades que o entrevistador deve possuir: interesse e respeito pelo outro como pessoas e flexibilidades nas relações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar.

No tocante ao resgate das histórias de vida tomando como base a entrevista através da história oral, Thompson (1992) elenca diversas características inerentes ao perfil que um pesquisador entrevistador deve possuir para conquistar a confiança dos sujeitos entrevistados. O intuito é de permitir que as pessoas conheçam a sua própria existência em busca de um futuro.

Esse mesmo pensamento é apontado por Meihy (2005, p. 19) que afirma:

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso garante sentido social a vida de depoentes e leitores, que passam entender a sequência histórica e sentir parte do contexto em que vive.

Meihy (2005) aponta que a história oral contribui para o resgate verídico de histórias de vida esquecidas na sociedade. Baseados no método da oralidade, pesquisadores têm reconstruído a história de um passado através de registros com base na entrevista oral, de modo que essas pessoas possam lembrar as memórias, deixando-as registradas no presente.

Thompson (1992, p. 17), ao dialogar sobre a história oral, enfatiza que:

Nesse contexto, a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando evidências dos fatos coletivos.

Thompson (1992) evidencia que esse método tem trazido contribuições significativas para as pesquisas no campo científico em diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, o autor ainda aponta que a história oral procura evidenciar e valorizar as histórias de vivência do homem na sociedade. Para Thompson, (1992, p. 21), “Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as evoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitudes da juventude, mudanças tecnológicas [...]”. Tomando como princípio a importância das histórias contadas mediante a entrevista oral, não resta dúvida de que esse é um método de pesquisa que tem norteado novos sentidos aos registros da vivência dos seres humanos na sociedade.

Ao discutir, em sua obra, sobre a Voz do passado, Thompson (1992) evidencia alguns questionamentos para que possamos pensar nessas vozes no sentido de reconhecer as verdadeiras pessoas pertencente a elas. Ainda segundo o autor, “A voz do passado tem importância no presente. Mas de quem é a voz - ou de quem são as vozes – que se deve ouvir?” (Thompson, 1992, p.10). Diante disso, pode-se afirmar se tratar das vozes dos sujeitos que tiveram seus registros das suas histórias destruídos por uma sociedade opressora que sempre se fez presente no processo de negação dos direitos de uma parte da população no contexto social. Dar espaço a essas vozes silenciadas é devolver o direito dessas pessoas de lutarem por dias melhores, por de luta e resistência.

Nessa perspectiva, a realização desta pesquisa na comunidade de pescadores e marisqueiras em Baiacu, com a aplicação da história oral, de acordo com o que preconiza Thompson (1992), permite resgatar as memórias das vivências dos sujeitos habitantes dessa comunidade. Isso se dá ao reconhecer e registrar as vozes de um passado que foram silenciadas no contexto social. Segundo Thompson (1992, p.18-19):

A história oral possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Esse tipo de projeto propicia sobretudo fazer da história uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e principalmente de um determinado período, mediante suas referências e também seu imaginário. O método da história oral possibilita o registro de reminiscências das memórias individuais; enfim, a reinterpretação do passado[...].

A investigação da reconstrução das histórias de vida experienciadas por comunidades tradicionais de marisqueiras e pescadores destaca a compreensão profunda dos indivíduos no

lócus de pesquisa. Isso é alcançado ao buscar as memórias dessas pessoas através de suas próprias narrativas, revelando a riqueza da diversidade cultural ao longo da história.

Thompson (1992, p.25) reafirma que:

No sentido mais geral, uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão. A história oral oferece, quanto a sua natureza, uma fonte bastante semelhante à autobiografia publicada, mais de muito maior alcance. A maioria esmagadora das autobiografias publicadas são de um grupo restrito de líderes políticos, sociais e intelectuais e, mesmo quando o historiador tem a grande sorte de encontrar uma autobiografia exatamente do local, época e grupo social de que esteja precisando, pode muito bem acontecer que ela dê pouca ou nenhuma atenção ao tema objeto escolhido de seu interesse. Em contrapartida, os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito de que perguntar. A entrevista propiciará também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados.

A história oral contribui para a ressignificação do passado, de modo a revelar por meio da entrevista, o que está por trás da negação do passado histórico de homens e mulheres que carregam experiências de suas vivências sociais que, por um logo período, foram silenciadas e ocultadas. Nesse sentido, o apoiamo-nos novamente em Thompson (1992), pois o autor deixa claro que a história do passado só pode ser ressignificada a partir dos estudos das entrevistas com base na oralidade, levando o pesquisador a selecionar os sujeitos a serem entrevistados. O autor segue reafirmado em seus escritos a finalidade que conduz a história com base na oralidade dos sujeitos que vivenciaram a desconstrução da história de uma parte da sociedade e reconstrução da mesma mediante os relatos de vida, porém contados por essas pessoas que tiveram suas cidadanias mutiladas.

Aponta Thompson (1992, p.22) que:

[...] a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto a história o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existem entre professores e alunos, entre gerações, interinstituições educacionais e o mundo exterior na produção da história – seja em livros, museus, rádio, ou cinema- pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

O emprego da história oral como método de pesquisa permite ressignificar o processo de reconstrução da história, revelando novas evidências que acabam por moldar a identidade histórica emergente. Segundo Thompson (1992), é preciso ouvir as pessoas que vivenciaram os fenômenos associados ao seu modo de trabalho na sociedade. No caso dos pescadores e marisqueiras, objetos desta investigação, suas vivências e experiências estão intrinsecamente ligadas aos ecossistemas costeiros de manguezais.

As mudanças que afetam esses ecossistemas têm um impacto direto na vida desses trabalhadores, uma vez que eles dependem desses espaços para realizar suas atividades diárias e garantir sua subsistência. As alterações na biodiversidade dos manguezais, que incluem variedades como o Mangue Preto, Mangue Branco e Mangue Vermelho, aqui já descritos, têm implicações significativas, pois essas plantas fornecem recursos essenciais para diversas famílias na comunidade Tradicional de pescadores e marisqueiras do Baiacu, que dependem delas para se alimentar e atender às suas necessidades básicas.

Portanto, é crucial cuidar dessas espécies vegetais, pois elas representam uma parte vital da sustentabilidade e do bem-estar das famílias locais, cuja subsistência está profundamente conectada à preservação desses ecossistemas.

4.1 A EJA E O SUJEITO TRABALHADOR NA CONTEMPORANEIDADE

A Educação de Jovens, Adultos - e também de idosos - no Brasil necessita de uma reconfiguração que possa conectar o processo educativo às atividades que esse público desenvolve no cenário brasileiro e esse é um direito que é preconizado mediante a necessidade do aprender ler e escrever para atender às demandas do trabalho. Diante disso, os sujeitos trabalhadores e trabalhadoras buscam amparo. “Na, referência da EJA na LDB n. 9.394/1996 reafirma o direito dos jovens e adultos trabalhadores terem acesso ao ensino básico de acordo com suas condições e especificidades”. Diante disso, espera-se que esse processo esteja de acordo com a realidade de vida do seu público-alvo. Essas afirmações encontram respaldo em Marx e Engels (2001, p. 116) que afirmam:

O trabalho, atividade vital, a vida produtiva, aparece agora para o homem como o único meio que satisfaz uma necessidade, a de manter a existência física. A vida produtiva, entretanto, é a vida genérica. É vida criando vida. No tipo de atividade livre, consciente, constitui o caráter genérico do homem. A vida revela-se simplesmente como meio de vida.

Assim, Marx e Engels (2001) definem a importância do trabalho na vida do ser humano, pois, é por meio dele que viabiliza a manutenção para a sua sobrevivência na sociedade. Sendo assim, os autores revelam o papel do trabalho na vida cotidiana. Na mesma lógica, Paiva (1983, p. 19) define da seguinte forma o perfil do estudante da EJA:

São homens e mulheres, trabalhadores/as empregados/as e desempregados/as ou em busca do primeiro emprego; filhos, pais e mães; moradores urbanos de periferias e moradores rurais. São sujeitos sociais e culturalmente marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem no mundo urbano, industrializado,

burocratizado e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas. Portanto, trazem consigo o histórico da exclusão social. São, ainda, excluídos do sistema de ensino, e apresentam em geral um tempo maior de escolaridade devido a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar, quando crianças, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas.

A EJA é uma modalidade de ensino pensada para atender as necessidades dos sujeitos que tiveram seu processo de escolarização interrompido. Porém, também atende àqueles que nunca frequentaram uma sala de aula. Diante disso, necessita-se de um olhar diferenciado para a Educação de Jovens e Adultos, no âmbito das suas atividades. Porém, nunca foi e não será fácil ser aceito nesse processo, em busca dos nossos direitos nas condições de alunas e alunos no contexto educacional numa sociedade racista e preconceituosa. Diante disso, Sacristán (2005, p. 105) afirma:

Ser aluno foi e continua sendo uma experiência e uma condição social fundamentalmente dos menores, que deu a eles a presença e identidade singulares, como classe social diferenciada e reconhecida. Uma oportunidade que foi e continua sendo desigual para diferentes grupos sociais, em função de sua condição econômica, gênero, etc. Se o fato de estar escolarizado é uma vivência que marca o caráter, a condição social daqueles que estão nas salas de aula, a aceitação no mundo e seu futuro, é preciso admitir que é uma experiência que nem todos tiveram, nem a têm em igualdade de condições, durante o mesmo tempo e na mesma especialidade.

Dessa forma, fazer parte de uma rede escolar de acordo com a afirmação acima é de fundamental importância para que os alunos se sintam estimulados ao saber que existem dentro de um processo educacional que visa o seu crescimento, mesmo diante de um processo histórico de desigualdade educacional que vem se perpetuando de longa data.

Nessa direção, Cavalcante (2006, p.52) destaca ser “[...]necessário alfabetizar para manter os alunos estudando. Mostrar que a escola se modernizou. Ensinar as disciplinas como elas aparecem na vida e usar a experiência da turma como base das aulas. Ampliar os horizontes culturais dos estudantes e integrar os jovens e adultos aos demais alunos.” É nesse processo de busca pela integridade do sujeito dessa modalidade de ensino que o autor considera a EJA não como uma formação lhes possibilita adentrar no mundo do trabalho, mas para trazer-lhes novas possibilidades de vida, além disso.

O processo ensino aprendizagem na EJA vem permeando a esfera educacional brasileira para corrigir a injustiça que historicamente recai sobre uma parte da população, com a negação dos direitos de usufruir do processo educacional como todos os cidadãos e cidadãs brasileiros e brasileiras. Assim, visando incluir os sujeitos jovens, adultos - e o idoso, apenas políticas de inclusão não são suficientes, se não houver uma política voltada para a permanência desses

estudantes na escola. Fica evidente que a história da educação no Brasil na perspectiva da EJA corre de forma excludente.

Segundo dados do Relatório Educação para todos no Brasil 2000-2015 (Brasil, 2014, p.101), “[...] 68 milhões de jovens e adultos trabalhadores brasileiros com 15 anos ou mais não concluíram o ensino fundamental e, apenas, 6 milhões (8,8%) estavam matriculados em cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA)”. Conclui-se, assim, que, uma parcela significativa dos sujeitos jovens e adultos na sociedade brasileira vivem em condições de vulnerabilidade social por terem seus direitos negados. Muitos brasileiros e brasileiras foram privados, historicamente, do acesso ao processo de escolarização. Com isso, não puderam desenvolver suas múltiplas habilidades. Diante disso, há um elevado número de jovens e adultos analfabetos no país.

A temática do trabalho no viés educacional no sentido escolarização para o futuro está inserida na vida de uma parte da população brasileira, pois essa gente carrega consigo marcas de um processo histórico que lhes deixou de fora das oportunidades. Hoje, essas pessoas, para sobreviver, procuram aproveitar as poucas oportunidades que lhes restam. Diante disso, passar por um processo educacional que reconhece a sua história de vida é um ganho inestimável tanto para os alunos quanto para os profissionais da educação.

Na visão de Arroyo (2005, p. 39):

[...] para muitos professores, as interrogações que vieram das vidas dos jovens-adultos são uma nova luminosidade para rever os conhecimentos escolares. Apostam que novas formas de garantir o direito ao conhecimento são possíveis quando os educandos são jovens e adultos que, em suas trajetórias, carregam interrogações existenciais sobre a vida, o trabalho, a natureza, a ordem-desordem social, sobre sua identidade, sua cultura, sua história e sua memória, sobre a dor, o medo, o presente e o passado. Sobre a condição humana. Interrogações que estão chegando à docência, aos currículos, à pedagogia. Quando o diálogo é com percursos humanos tão trancados de jovens-adultos populares, essas interrogações podem se tornar mais prementes.

A abertura à presença das histórias de vida dos sujeitos da EJA no processo ensino aprendizagem tem gerado segurança tanto para os profissionais da educação em atingir seus objetivos, quanto para os alunos que têm desenvolvido seus potenciais cognitivos, assim gerando o aprendizado.

Nesse contexto, ao considerarmos o retorno aos estudos por parte de alunos jovens e adultos, torna-se imperativo repensar e reformular estratégias educacionais que possam efetivamente contribuir para o preparo desses sujeitos no âmbito profissional. Esse preparo pode se desdobrar tanto em ambientes formais quanto não formais, proporcionando uma experiência educacional abrangente e adaptada às necessidades específicas desse público.

Para Soares (2004, p.208)

A educação de adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as da sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não-formal e o aspecto de aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e prática devem ser reconhecidos.

Mediante o que afirma Soares (2004), fica evidente que todas as atividades relacionadas aos sujeitos da EJA podem ser desenvolvidas a partir das experiências que eles trazem às salas de aula, vislumbrando, assim, a aprendizagem desses sujeitos tanto nos espaços formais quanto nos espaços não formais. Sempre, pode-se aproveitar os saberes que os educando da EJA carregam consigo, advindos das suas histórias de vida.

Os seres humanos são capazes de desenvolver seus aprendizados de diversas formas, o que diferencia o desenvolvimento das habilidades desses seres são as oportunidades que não são iguais para todos. Diante disso, cada um adentra o mundo escolar com os conhecimentos adquiridos anteriormente desde o seio familiar à convivência em sociedade, mediante as práticas culturais. O ser humano, independentemente de sua idade, é capaz de apreender.

Valle (2004, p. 07) afirma que:

A primeira é que a experiência escolar se insere em um processo contínuo de desenvolvimento do sujeito, que se iniciou antes de sua entrada na instituição. A segunda é que a escola não é um espaço independente de socialização e aprendizagem, mas um espaço que vem se somar aos outros nos quais o sujeito transita, os quais de uma forma ou de outra já imprimiram certas marcas nas formas de atividades, desses sujeitos.

Por meio do escrito por Valle (2004) é apontado que o sujeito, ao entrar no contexto educacional, advém de um mundo que antecede o processo educativo. Ao ser inserido no universo educacional, cada um traz experiências de mundo, através das suas vivências, mediante suas atividades cotidianas.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino atrelada ao contexto dos movimentos sociais como espaços de luta e oportunidade para que os sujeitos excluídos socialmente possam desenvolver seu processo educacional. Diante disso, podemos dizer que os questionamentos sobre direitos educacionais têm se perpetuado em busca de uma educação igualitária.

Considerando o mundo globalizado no qual vivemos, os processos educativos precisam estar conectados com essa realidade. Essa premissa vale também para a Educação de Jovens Adultos e Idoso, dado que as demandas do século XXI se fazem presentes na sociedade e exigem dos sujeitos o preparo para o mercado de trabalho. Assim, não é possível pensar o mundo do trabalho e a educação de forma dissociada.

4.2 O ENSINO NA EJA NA PERSPECTIVA DO MUNDO DO TRABALHO NA COMUNIDADE DO BAIACU

Na contemporaneidade, traçar debates a respeito do ensino para os sujeitos jovens adultos - e idosos - numa perspectiva do mundo do trabalho precisa levar em conta que homens e mulheres na luta pela sobrevivência requerem das instituições de ensino políticas de acolhimento que possam viabilizar meios para que desenvolvam suas competências e habilidades de acordo com seus afazeres cotidiano. Isso é de suma relevância no contexto educacional de uma população que foi excluída desse cenário por diversos fatores históricos, culturais, religiosos e econômicos.

Haddad (*apud* Arroyo, 1991, p. 166) aponta que:

Haveria uma relação direta entre trabalho, escola e ascensão social? Acredito que sim. Para muitos, o sonho da mudança social via escolarização é fato. Quase todos respondem que estão estudando para “melhorar de vida” e neste melhorar de vida quase sempre está referida uma mudança salarial. [...] Mas dizer que o aluno sempre busca a escola por isso é, [...], limitar as possibilidades da escola. [...] No entanto, a escola pode ser muito mais. Ela é, na verdade, um grande espaço social de convivência daqueles que são sistematicamente desumanizados pelo trabalho, pelo isolamento e por suas condições de existência. É também, um local de fala dos que não tem voz no dia a dia; de participação daqueles acostumados a obedecer; de encontro dos desencontros, de saber das coisas do mundo dos que foram afastados da possibilidade de parte deste conhecimento.

O autor reconhece a existência de uma relação direta entre trabalho, escola e ascensão social. No entanto, argumenta que essa perspectiva limita o verdadeiro potencial da escola. Haddad (*apud* Arroyo, 1991) sugere que o papel da escola vai além de ser simplesmente um meio para atingir objetivos financeiros; ela desempenha um papel crucial como espaço social de convivência para aqueles marginalizados pelo trabalho, isolamento e condições de vida. Além disso, pode proporcionar uma voz aos que são silenciados diariamente, oferecer uma plataforma de participação para aqueles acostumados a obedecer e criar um espaço de encontro para superar os desencontros. Portanto, a escola não apenas abre caminhos para a ascensão social, mas também tem o poder de empoderar, ampliar perspectivas e conectar indivíduos que, de outra forma, estariam excluídos do conhecimento e da participação ativa na sociedade.

Diante do cenário atual, no qual estamos vivenciando retrocessos políticos educacionais, trazer essa modalidade de educação articulada com o mundo do trabalho caracteriza-se como um desafio. Porém, é necessário argumentar a respeito de uma educação que prepare os sujeitos inseridos na EJA não só para atender à necessidade capitalista como também as vivências em sociedade, de forma que essas pessoas possam interpretar e entender o mundo que as cerca. Para isso acontecer, faz-se necessário um trabalho diferenciado, desde a

direção escolar com o setor pedagógico, articulado com o corpo docente da instituição de ensino, na busca de um método eficaz que possa atender os sujeitos trabalhadores em EJA.

Para Arroyo (2005, p.22).

A Educação de Jovens e Adultos tem de partir, para sua configuração como um campo específico, da especificidade desses tempos de vida – juventude e vida adulta – e da especificidade dos sujeitos concretos que vivenciam esses tempos. Tem de partir das formas concretas de viver seus direitos e da maneira peculiar de viver seu direito à educação, ao conhecimento, à cultura, à memória, à identidade, à formação e ao desenvolvimento pleno.

O autor expõe a necessidade de abordar a EJA de forma sensível às características únicas dos indivíduos que a vivenciam. Ele enfatiza que a configuração desse campo educacional deve se basear nas circunstâncias peculiares da juventude e da vida adulta, assim como nas formas concretas em que esses grupos experimentam seus direitos à educação, conhecimento, cultura, memória, identidade, formação e desenvolvimento. Ao reconhecer a singularidade desses tempos de vida e dos sujeitos envolvidos, o autor destaca a importância de uma abordagem personalizada e contextualizada, que leve em consideração as diferentes necessidades, aspirações e contextos dos aprendizes adultos e jovens, promovendo assim uma educação mais eficaz e significativa.

Os sujeitos da EJA no contexto educacional brasileiro são aqueles que por vários motivos saíram da escola ou até mesmo nunca frequentaram uma sala de aula. Dessa forma, nas concepções das leis educacionais, esses sujeitos não se enquadram no ensino regular e são matriculados na EJA, por sua faixa etária não se adequar ao ensino fundamental e médio na modalidade regular.

Com isso, fica uma indagação: se o ensino na idade certa é o regular, logo o ensino na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - e idosos - está na idade errada e é irregular? Mediante algumas afirmações, fazem-se necessários cuidados ainda mais quando se trata dos processos educacionais aos quais uma boa parte da população brasileira não é contemplada. Nessa perspectiva, necessitamos de uma educação que possa articular o processo de ensino aprendido conforme a realidade dos sujeitos, o que torna a EJA fundamental na vida dessas pessoas.

A necessidade de integrar a EJA com o trabalho realizado pelos membros dos grupos sociais envolvidos nessa modalidade de ensino na sociedade brasileira requer a implementação de políticas públicas de reparação social. Essas políticas devem viabilizar meios para que os indivíduos consigam conciliar suas atividades profissionais com seus estudos, garantindo, assim, a continuidade desse público nas turmas da EJA. Dessa forma, é necessário ir além do

acesso e implementar políticas de permanência. Nesse sentido, Barros e Oliveira (2011, p. 3) destacam:

[...] a escola deve estar entrelaçada dentro de um projeto voltado para a autonomia e liberdade do sujeito, garantindo através do orientador o processo de instigar a pensar, saber comunicar-se, pesquisar, ter raciocínio lógico matemático, fazer sínteses e elaborações teóricas, saber organizar seu próprio trabalho, ter disciplina, ser independente, saber articular o conhecimento com a prática, ter o discernimento das escolhas, procurando nos quatro pilares da educação a base sólida do conhecimento, aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver.

A Educação de Jovens e Adultos apresenta um cenário em constante evolução, com um público diversificado, cujo contingente jovem se une aos adultos e idosos, todos em busca de uma qualificação que se alinhe às suas atividades diárias. No entanto, essa busca por aprendizado enfrenta desafios únicos devido às variadas perspectivas que emergem das diferentes turmas de estudantes. Cada participante traz consigo suas próprias formas de pensar, experiências singulares e visões de mundo moldadas por vivências distintas. Embora coexistam no mesmo contexto educacional, não podemos ignorar as marcas indelévels deixadas pelo processo histórico de exclusão socioeducacional.

Pensar na Educação de Jovens e Adultos é compreender que a aprendizagem se dá de forma contínua ao longo da vida. É analisar a realidade social, cultural e econômica dos sujeitos que integram essa modalidade e criar um sistema de ensino que se identifique com as características da própria EJA, oferecendo assim uma educação de qualidade para as pessoas que não tiveram acesso à escola na idade regular. (Nobre; Maia, 2010, p. 2).

Os autores enfatizam a EJA como um processo educacional que reconhece a aprendizagem como um contínuo ao longo da vida, ressaltam a importância de considerar as diversas dimensões da realidade dos estudantes adultos, incluindo aspectos sociais, culturais e econômicos. Além disso, abordam a necessidade de desenvolver um sistema educacional específico que se adapte às características dessa modalidade de ensino, visando proporcionar uma educação de qualidade para aqueles que não tiveram oportunidade de frequentar a escola na idade regular. Isso reflete um compromisso com a inclusão e a equidade educacional, reconhecendo a importância de oferecer oportunidades de aprendizado significativas ao longo da vida.

Na comunidade tradicional de Baiacu, onde pescadores e marisqueiras formam parte fundamental da vida cotidiana, as marcas da educação têm um impacto profundo e duradouro. Esses indivíduos enfrentam desafios únicos em relação ao acesso à escola, muitas vezes relacionados à sazonalidade de suas atividades e às particularidades de sua cultura e estilo de

vida. Diante dessas circunstâncias, torna-se evidente a necessidade de um processo educativo que vá além das abordagens tradicionais, de modo a atender às suas necessidades específicas.

A educação nessa comunidade não deve ser vista apenas com um processo de transferência de conhecimento, mas, sim, como uma oportunidade de criar um ambiente sensível e inclusivo, que valorize a diversidade de experiências e modos de aprendizagem. Isso implica em adotar abordagens pedagógicas inovadoras e flexíveis, que possam se adaptar aos diferentes ritmos de aprendizado e aos momentos de maior ou menor disponibilidade dos pescadores e marisqueiras. A sazonalidade das atividades pesqueiras, por exemplo, poderia ser levada em consideração no planejamento curricular, permitindo que os estudantes participem ativamente da educação sem comprometer suas atividades tradicionais.

Para Santos *et al*, (2019, p.5)

O campo da Educação de Jovens e Adultos é um espaço complexo e carregado de especificidades, sempre tensas e de forte impacto psicológico, pois trazem marcas das histórias de vidas de milhares de cidadãos brasileiros excluídos dos processos sociais, que ao longo de sua existência os mantiveram na condição de analfabetos.

Além disso, a compreensão das diferenças cognitivas, emocionais e culturais de cada aluno é essencial para construir um ambiente educacional enriquecedor e autêntico. Isso significa reconhecer que a educação deve se adequar à trajetória de vida de cada indivíduo, levando em conta suas vivências e conhecimentos prévios. Para os pescadores e marisqueiras, que possuem um conhecimento profundo sobre o mar e os ecossistemas costeiros, essa abordagem poderia envolver a integração de seus saberes tradicionais com os conhecimentos formalmente transmitidos na escola.

Portanto, na busca por um processo educativo mais significativo e relevante para os estudantes da comunidade de Baiacu, é crucial adotar uma perspectiva que valorize a flexibilidade, a inclusão e o respeito pela cultura e modo de vida dos pescadores e marisqueiras. Somente assim será possível construir um ambiente de aprendizado que esteja verdadeiramente alinhado com suas necessidades e aspirações, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural local e para o desenvolvimento pessoal e profissional de cada indivíduo.

4.3 A CULTURA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA COMUNIDADE DO BAIACU

A Educação de Jovens e Adultos se tornou uma cultura de uma modalidade de ensino na perspectiva de atender os sujeitos que por diversos motivos do contexto histórico e cultural do país não puderam adentrar ou prosseguir em seus percursos educativos. Essa é uma modalidade de ensino que no que lhe concerne tem se configurado em uma alternativa de acesso à escolas aos sujeitos que vivem nos espaços rurais, comunidades tradicionais e nas periferias.

A negação do direito a uma educação de qualidade é um dos fatores que tem contribuído para que uma boa parte da população brasileira viva em condições de miséria, sem sequer reconhecer seus direitos. Para Paiva (1973, p.16), “A educação de jovens e adultos é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários”.

Nessa dimensão, tratamos do fator educacional na perspectiva da EJA voltada para o público de pescadores e marisqueiras que vivem na comunidade pesqueira do Baiacu. A EJA, mesmo passando por sérios desafios no contexto político na contemporaneidade, vem se configurando como bandeira de luta de uma população sofrida que, após um dia árduo de trabalho, ainda encontra força para continuar os estudos, por ver sentido na educação.

Portanto, essa é uma modalidade de ensino que tem contribuído para que as pessoas que nela estão inseridas tenham uma compreensão crítica do mundo no qual vivem. O art. 205 da Constituição Brasileira afirma que “a educação direito de todos e dever do Estado [...], visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Constituição (Brasil, 1988). Nessa perspectiva, seguimos respaldados em busca desses direitos que estão visíveis também na LDB, (Brasil, 2017, p. 30-31). O documento aponta:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Observamos, assim, que os direitos que asseguram essa modalidade de ensino a uma parte da população brasileira têm se configurado desarticulados do que são preconizados na

Constituição Federal de 1988, como também no artigo 37 e nos incisos um e dois da LDB. Na prática, quando nos referimos à Educação de Jovens e Adultos, esses direitos não se aplicam.

Piaget (1973 p. 39) afirma que:

A educação é, por conseguinte, não apenas uma formação, mas uma condição formadora necessária ao próprio desenvolvimento natural. Proclamar que toda pessoa humana tem direito à educação não é, pois unicamente sugerir, tal como supõe a psicologia individualista tributária do senso comum, que todo indivíduo, garantido por sua natureza psicobiologia ao atingir um nível de desenvolvimento já elevado, possui, além disso, o direito de receber da sociedade a iniciação às tradições culturais e morais; é, pelo contrário e muito mais aprofundadamente, afirmar que o indivíduo não poderia adquirir suas estruturas mentais mais essenciais sem uma contribuição exterior, a exigir um certo meio social de formação, e que em todos os níveis (desde os mais elementares até os mais altos) o fator social ou educativo constitui uma condição do desenvolvimento.

É apontado por Piaget que o processo, no âmbito educacional, é um direito de todas as pessoas numa perspectiva formativa, de modo a contemplar todos os aspectos dos seres sociais nas suas múltiplas dimensões de forma integrada. Entretanto, o autor discorre sobretudo acerca da importância que tem o meio social para o convívio formativo dos seres humanos na construção da sua formação pessoal e profissional.

4.4 ASPECTOS DE DESENVOLVIMENTO DOS SUJEITOS DA EJA NA COMUNIDADE DO BAIACU

Os alunos EJA na comunidade em análise são indivíduos que optaram por essa modalidade de ensino devido a circunstâncias diversas. Muitos desses fatores estão vinculados à necessidade de sustentar suas famílias, em virtude das profundas desigualdades sociais que enfrentam. Além disso, é importante mencionar que uma parcela significativa das famílias em situação de vulnerabilidade social no Brasil tem mulheres como chefes de família, o que acarreta em desafios adicionais para seus processos educacionais. Também devemos considerar o impacto da migração, tanto entre cidades quanto entre regiões. Por exemplo, é comum que homens e mulheres abandonem a escola durante períodos de sazonalidade, quando não têm outra alternativa a não ser buscar emprego para enfrentar a situação de pobreza em que se encontram.

Compreender o perfil do educando da EJA requer conhecer a sua história, cultura e costumes, entendendo-o como um sujeito com diferentes experiências de vida e que em algum momento afastou-se da escola devido a fatores sociais econômicos políticos e ou culturais, (Brasil, 2005 p.33)

Entender os Jovens e Adultos nessa modalidade de ensino, de antemão, é valorizar suas trajetórias na dimensão social, uma vez que eles carregam marcas de um processo histórico

colonial perverso. E isso tem refletido fortemente na vida desses educandos na contemporaneidade.

Os processos de escolarização dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos têm corroborado para o desenvolvimento desses estudantes tanto no sentido intelectual e cultural, mental, como também no mercado de trabalho. As mulheres, principalmente as negras, iniciaram seus processos de empoderamento mediante os movimentos sociais. Desse modo, as práticas educacionais advindas dessa modalidade de ensino têm proporcionado aos estudantes da EJA irem em busca de seus direitos não só no contexto educacional, mas em toda a conjuntura que compõe a sociedade. Freire (2007, p. 20) entende que “toda prática educativa visa ir além de onde se está”. Portanto, a EJA tem o papel de contribuir no processo educacional desses educandos para que eles e elas percebam onde estão criticamente e busquem ir além do que está posto. Nessa direção, não podemos ignorar as especificidades presentes nas turmas que compõem essa modalidade de ensino.

Para Arbache (2001, p. 22), “Visualizar a Educação de Jovens e Adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a elas recorrem torna-se, pois, um caminho renovado e transformador nessa área educacional”. É apontado pelo autor que, no contexto do desenvolvimento dessa modalidade de ensino com público multicultural, há de se considerar e respeitar as multiculturalidades que permeiam o cotidiano de cada sujeito que está inserido na EJA que carrega vasto conhecimento de trajetórias vivências na dimensão social.

Portanto, para Santos (2003, p. 74), “Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não aprender. A não-aprendizagem, em muitos casos, decorre de um ato de violência, [...]”. Nessa dimensão da educação para os sujeitos trabalhadores, foram criadas as possibilidades de acesso por meio das políticas públicas. Por outro lado, não basta ter política quando não há política de permanência que apoie esses estudantes em seu percurso educacional, sendo que muitos deles deixam de estudar por não terem condições de conciliar suas atividades cotidianas com os estudos e isso impacta em seu desenvolvimento educacional.

5 A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO E A RELAÇÃO NO CONTEXTO SOCIAL

Para Merleau-Ponty (1999, p. 01), a fenomenologia pode ser conceituada como sendo:

[...] o estudo das essências e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas Fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essenciais na existência, e não pensa que se possa compreender o fenômeno e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade.

Sendo assim, podemos perceber que a concepção fenomenológica visa analisar os fenômenos presentes na dimensão do mundo que estamos inseridos. Portanto, a fenomenologia, por meio dos seus conceitos científicos, tem possibilitado ao homem maior compreensão dos fenômenos que o cercam.

No campo da fenomenologia, as atividades que são desenvolvidas pelos seres humanos são diversas e isso requer consistentes análises que possam levar em considerações fatores fundamentais. Esses estão eminentemente interligados aos processos da cognição dos sujeitos no âmbito dessas atividades do trabalho, advindos das práticas cotidianas dos sujeitos nas comunidades tradicionais. Para Merleau-Ponty (*apud* Caminha, 2019, p. 20). “Toda percepção é realização de um corpo situado radicalmente no mundo”. No caso específico desta pesquisa, a fenomenologia pode nos levar a entender a percepção dos sujeitos com relação à esfera ambiental, contribuindo para melhor tratamento e compreensão do meio ambiente.

Para Merleau-Ponty (2019), a fenomenologia da percepção tem proporcionado aos seres humanos questionamentos a respeito das condições que vivem no mundo. Portanto, o ato de perceber as coisas por meio da percepção, enquanto corpo que faz parte de uma sociedade, tem possibilitado aos sujeitos se posicionarem perante os fenômenos que têm ocorrido na dimensão social. Nesse sentido, a linha filosófica do autor busca evidenciar o corpo dos sujeitos como base do aprimoramento dos conhecimentos por meio dos quais aprendem a questionar o mundo em que vivem, com base em sua percepção. Assim, Merleau-Ponty (*apud* Caminha, 2019, p.7), aponta em sua escrita que “[...] uma filosofia que faz de seus estudos uma interrogação pertinente sobre o sentido primeiro de nossa condição de ser no mundo pelo corpo”. A fenomenologia da percepção proporciona aos sujeitos nas mais amplas escalas sociais a possibilidade de elaborar questionamentos.

Entretanto, discutir a percepção dos sujeitos pescadores e marisqueiras que realizam suas atividades cotidianas nos espaços dos manguezais é evidenciar as suas vivências por meio dos seus corpos que percebem o mundo ao seu redor. Desse modo, para Merleau-Ponty (*apud* Caminha, 2019, p.7), “A cultura filosófica dirige sua atenção para a atividade intelectual e

cognitiva ou racional.” Diante disso, o autor nos proporciona analisar, entender e compreender através dos seus pensamentos filosóficos o homem como parte do mundo percebido.

Segundo Merleau-Ponty (2019), os seres humanos podem entender o mundo com base na sua percepção existencial que está interligada por meio do seu corpo próprio aos fatos econômicos e sociais que permitem a ocorrência dos fenômenos que implicam na vida da população de forma negativa. O autor afirma ainda que “O corpo próprio é a experiência de uma presença que nos dá garantia de obter dele estrutura indivisa da percepção concordantes” (Merleau-Ponty, 2019, p. 33). Nesse sentido, a percepção é um elemento discutido de modo a valorizar o comportamento do perceber o mundo não de maneira desarticulada das vivências dos sujeitos.

Com base na teoria da percepção, a fenomenologia nos permite perceber, por meio do corpo, as esferas que articulam a relação homem e sociedade. Entretanto, com base na concepção de Merleau-Ponty (2019), pode-se afirmar que os sujeitos que pertencem às comunidades tradicionais e locais desempenham papéis fundamentais no ato do perceber as coisas e de como se relacionar com elas de modo a defender seus espaços de luta através das vivências experiências concebidas no mundo.

Caminha (2019, p.12), nos escritos sobre as 10 Lições de Merleau-Ponty, afirma o seguinte:

Não existe experiência perceptiva pura, pois nossa percepção não é uma vivência desinteressada. A experiência de perceber não se reage mecanicamente aos dados físicos; ela se situa sempre em relação ao mundo perceptivo. Antes de tudo, ela é uma pluralidade de maneiras de se relacionar com o mundo. Mas precisamente, ela é relação com o mundo.

Como base na filosofia da percepção de Merleau-Ponty para entender a relação que os sujeitos trabalhadores têm com o mundo e com os espaços de labores aos quais estão inseridos no mundo pode significar “[...] estudar as relações da consciência com a natureza.” Merleau-Ponty (2019, p. 18-19) propõe “examinar as imbricações que há entre o físico, o orgânico, o psicológico e o social”. Portanto, evidenciamos conhecer a percepção das pessoas do lugar, campo de pesquisa, com relação ao seu papel enquanto seres sociais que vêm de uma longa jornada experiencial do mundo percebido. Dessa forma, a fenomenologia da percepção oportuniza ao pesquisador dialogar com os sujeitos da pesquisa e com sua própria história existencial por meio do ato perceptivo.

Neste trabalho, incorpora-se à análise a fenomenologia da percepção proposta por Merleau-Ponty (2019), a fim de examinar os indivíduos que desempenham suas atividades como meio de subsistência nas comunidades tradicionais. Isso implica um diálogo com o campo

multirreferencial do conhecimento, cujo propósito é enaltecer a percepção dos seres humanos no mundo, permitindo-nos refletir sobre nossa existência através da vivência sensorial. Segundo Caminha (2019, p. 101), “Seguindo os passos nessa direção o que nos faz existir, no sentido originário não é o pensar, mas o sentir”. Logo, acreditamos que a percepção dos sujeitos pescadores e marisqueiras advém do processo do sentir corporalmente os fenômenos que estão impactando suas vidas na sociedade.

Para Caminha (2019) a partir dos estudos de Merleau-Ponty, a fenomenologia da existência permite ao homem perceber as coisas, levando em consideração as vivências de mundo dos indivíduos na sociedade. Com isso, Caminha (2019, p.23) aponta que “A fenomenologia tem, desse modo duas funções: relevar a existência das coisas e considerar a essência a partir da existência”. Nessa perspectiva, ao trazer a concepção da fenomenologia que o autor defende, podemos agregar esses conceitos no viés das populações que vivem em comunidade tradicionais, buscando manter suas tradições e preservar os princípios do mundo percebido por meio do corpo próprio.

O espaço no qual os pescadores e marisqueiras praticam suas atividades de trabalho está conectado com seu próprio corpo, no modo de perceber e lidar com a diversidade das coisas. Nesse sentido, perceber o mundo por meio do corpo é sentir o próprio mundo. Com isso, Merleau-Ponty (1992 *apud* Caminha, 2019, p. 34) afirma que “O corpo não está posicionado no espaço, mas toma lugar nas paisagens do mundo percebido. O espaço é para o corpo próprio um espaço vivido, quer dizer, um espaço tributário do poder perspectivo de nosso corpo sobre o mundo”. É nessa articulação que o autor busca dialogar de forma que os seres humanos, com base na fenomenologia da percepção, percebam de forma crítica o papel que tem o corpo na dimensão espacial.

Ao estabelecer a relação entre o espaço onde os pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu, em Vera Cruz, Bahia, realizam suas atividades e seus corpos, é possível destacar que percebem e lidam com o fato de que a diversidade do mundo está intrinsecamente ligada ao seu próprio corpo. Em outras palavras, eles experimentam o mundo através de seus corpos. Merleau-Ponty (*apud* Caminha, 2019) argumenta que o corpo não está apenas posicionado no espaço, mas ocupa um lugar nas paisagens do mundo percebido. O espaço vivenciado pelo corpo é influenciado pelo poder perspectivo que esse exerce sobre o mundo. Essa perspectiva fenomenológica da percepção sugere que os seres humanos devem considerar criticamente o papel do corpo na dimensão espacial.

No contexto dos pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu, essa relação entre o corpo e o espaço ganha relevância. A forma como eles percebem e interagem com o ambiente

natural em que realizam suas atividades é fundamental para o seu trabalho. Eles dependem de sua experiência sensorial e corporal para navegar pelas águas, identificar os melhores locais de pesca, coletar mariscos e se adaptar às condições do ambiente (Merleau-Ponty, 1992).

Essa conexão entre o corpo e o espaço vivido pelos pescadores e marisqueiras destaca a importância da sabedoria local e do conhecimento prático adquirido ao longo das gerações. Eles desenvolvem uma compreensão íntima do ambiente costeiro e das dinâmicas naturais, ajustando suas atividades de acordo com as mudanças sazonais e as condições do ecossistema. Ao considerar a fenomenologia da percepção, os pescadores e marisqueiras podem desenvolver uma consciência crítica sobre o papel do corpo em sua relação com o espaço. Eles podem refletir sobre como suas percepções corporais moldam sua compreensão do ambiente e como essa afeta suas práticas de trabalho. Essa consciência pode levar a uma abordagem mais sustentável e cuidadosa em relação aos recursos naturais, levando em consideração a interdependência entre o corpo, o espaço e a comunidade local (Caminha, 2019).

Quanto à relação com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), pode-se estabelecer uma conexão através da compreensão da importância da percepção existencial e do corpo próprio no processo educacional desses indivíduos. A EJA busca atender àqueles que, por diversos motivos, não tiveram acesso à educação formal na idade adequada. Nesse contexto, a percepção existencial mencionada por Merleau-Ponty destaca a importância de considerar a experiência de vida e a subjetividade desses estudantes como elementos fundamentais para o processo educativo. O corpo próprio, por sua vez, representa não apenas um instrumento físico, mas também uma fonte de conhecimento e vivência. Ao reconhecer a estrutura indivisa da percepção concordante no corpo próprio, podemos entender a necessidade de valorizar a singularidade de cada aluno na EJA, considerando suas vivências, perspectivas e formas de compreender o mundo, a fim de proporcionar uma educação significativa e inclusiva.

A pesquisa com pescadores e marisqueiras da comunidade pesqueira de Baiacu pode ser relacionada com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da valorização da experiência de vida e da subjetividade desses grupos como elementos essenciais para o processo educativo. Assim como os estudantes da EJA, os pescadores e marisqueiras podem ter sido privados do acesso à educação formal devido a diversos motivos. Portanto, ao realizar a pesquisa com esses grupos, é importante reconhecer a importância da percepção existencial mencionada por Merleau-Ponty. Essa percepção enfatiza a necessidade de considerar a experiência de vida e a subjetividade dos participantes como aspectos fundamentais no contexto educativo.

Além disso, a compreensão do corpo próprio como uma fonte de conhecimento e vivência é relevante para a pesquisa. O corpo não é apenas um instrumento físico, mas também

está intrinsecamente ligado às formas de conhecer e compreender o mundo. Portanto, ao aplicar a história oral nesse contexto, é possível valorizar a singularidade de cada pescador e marisqueira, levando em conta suas vivências, perspectivas e formas de perceber e se relacionar com o ambiente em que vivem.

Ao considerar a estrutura indivisa da percepção concordante no corpo próprio, é possível compreender a importância de uma abordagem inclusiva e significativa na pesquisa com pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu. Isso implica reconhecer e valorizar as experiências desses grupos, permitindo que expressem suas histórias e contribuam ativamente para a construção do conhecimento.

Portanto, entender os sujeitos da EJA que desenvolvem suas práticas de trabalhos da pesca e da mariscagem nos manguezais é evidenciar, com base na percepção fenomenológica proposta por Merleau-Ponty, que esses sujeitos advêm de um mundo experiencial das suas vivências que jamais devem ser desarticuladas do seu corpo próprio. Sendo assim, Merleau-Ponty (2018, p.3) afirma que “Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos das ciências não poderiam dizer nada.” Desse modo, a ciência busca evidenciar suas comprovações científicas com base na dimensão dos corpos que falam na sociedade.

Ainda, Merleau-Ponty, (2018, p. 44) nos inspira no sentido do método, ao apontar que:

[...] para vir completar a percepção, as recordações precisam ser tornadas possíveis pela fisionomia dos dados. Antes de qualquer contribuição de memória, aquilo que é visto deve presentemente organizar-se de modo a oferecer-me um quadro em que eu possa conhecer minha experiência anteriores.

Conclui-se, portanto, que a fenomenologia, uma das vertentes filosóficas de Merleau-Ponty, está presente em diversos espaços no mundo social por meio do corpo perceptível. Nesse sentido, conhecer o espaço vivido no mundo através da percepção, segundo Merleau-Ponty (2018, p. 47), é evidenciar os sujeitos numa dimensão de mundo no qual eles possam compreender que: “O corpo já esboça um tipo de flexibilidade que aparece na simples experiência da mão que toca e é tocada ao mesmo tempo”. É nessa perspectiva que a percepção dos seres humanos deve permear. E ainda fica mais latente quando se trata dos fenômenos que ocorrem no mundo de modo a marcar a vida dos sujeitos no contexto social de forma negativa do ponto de vista a aprofundar a exclusão social. Sendo assim, podemos dizer que a fenomenologia é uma categoria filosófica que proporciona às pessoas perceberem o contexto de vida em que estão inseridas na sociedade.

Entender a percepção dos estudantes jovens e adultos trabalhadores que tecem relações com o meio ambiente no desenvolvimento das suas atividades nos ecossistemas de manguezais,

mediante o que nos propõe a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, possibilita dialogar com as práticas de trabalho que os pescadores e marisqueiras desempenham nas comunidades tradicionais, buscando reconhecer a importância dessas tradições. Desse modo, o apoio na filosofia da fenomenologia nos aproxima do sentir dos sujeitos, através do corpo que percebe e sente os fatores advindos dos fenômenos que ocorrem nesses espaços de luta e de resistência.

6 OS SUJEITOS DA EJA E A SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Na contemporaneidade, a Educação Ambiental emergiu como um tema central de debates, visando estabelecer uma relação harmoniosa entre o ser humano e o meio ambiente. Isso é especialmente relevante dado o contexto em que parte da população depende da exploração do meio ambiente para sua subsistência, tornando crucial que tais práticas cotidianas sejam conduzidas de maneira sustentável. O objetivo é assegurar a preservação dos recursos naturais que são essenciais para a vida na Terra.

Os episódios de degradação ambiental têm sido recorrentes no país, sejam eles em pequena ou grandes escalas. Eles ocorrem de norte a sul do país, e têm causas multifatoriais. Quando se pensa em educação ambiental, não são tão somente ações simplificadas de comportamentos humano com relação à natureza que são suficientes para resolver os problemas ambientais, muitas delas têm causas muito maiores, com interferências econômicas e políticas, bem distante do que se é ensinado nas escolas primárias. (Santos *et al*, 2019, p. 7).

Nesse cenário, torna-se imperativo implementar abordagens sustentáveis que sensibilizem e engajem os envolvidos na Educação Ambiental. É fundamental que esses indivíduos compreendam a importância não somente de suas atividades laborais, mas também de suas atitudes diárias, no contexto mais amplo da sustentabilidade. Para alcançar tal compreensão, é necessário investir em um diálogo construtivo e participativo com os praticantes dessa modalidade de ensino. Segundo Dias (2004, p. 255), “a Educação Ambiental é um agente otimizador de novos processos educativos que influencia as pessoas para um processo de mudança e melhoria do meio ambiente”.

É preciso, portanto, integrar os processos educativos dos alunos da EJA em uma perspectiva socioambiental abrangente. Isso garantirá que essas pessoas adquiram conhecimentos genuinamente significativos, os quais poderão ser aplicados de maneira prática e eficaz em seu ambiente de trabalho e em suas interações com o meio ambiente.

Tratar da temática da Educação Ambiental (EA) em relação às atividades praticadas pelos indivíduos na Educação de Jovens e Adultos, sem levar em conta as exigências das suas práticas laborais, equivale a negligenciar a presença significativa desses sujeitos na sociedade. No entanto, é importante destacar que a visão ambientalista, conforme delineada no Art. 3º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (2012), busca enriquecer as competências por meio do engajamento nas atividades humanas no meio ambiente, promovendo a assimilação de valores sociais que visam alcançar equilíbrio e salvaguarda da natureza, com a devida preservação dos recursos naturais que nosso planeta abriga.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n.º 9394/96, a EJA “[...] é uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio” (Souza; Silva, 1997, p. 63) que, no que lhe concerne, recebe uma demanda de educandos maiores de quinze anos, em busca de uma certificação visando lograr sucesso no mercado de trabalho.

Ao considerar os conhecimentos que a clientela da EJA carrega consigo, advindos das suas experiências cotidianas, Paulo Freire (2003, p. 30-31) afirma que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e criticidade”. Esse é um fator primordial para o desenvolvimento da pessoa que busca nessa modalidade de ensino recompor o que lhe foi negado por longo período. E nessa linha buscamos amparo na Constituição Federal, em seu Art.225, ao afirmar que:

[...] todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado” (Brasil, 1988, p.140). E o fator que marca a inserção da EA na EJA é a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei n.º 9.795\ 99), em seu Art. 9º, inciso V, que estabelece o desenvolvimento da educação ambiental na Educação de Jovens e Adultos. A escola, portanto, é um dos agentes fundamentais para a divulgação dos princípios e práticas da educação ambiental.

Diante disso, a concepção dos professores a respeito da temática e como ela deve ser trabalhada na EJA é de fundamental importância para que os estudantes possam construir uma percepção de desenvolvimento sustentável homem-meio ambiente, de modo a seguir o que defende a Constituição Federal de 1988, indicada acima.

Para Reigota (*apud* Jacobi; Fleury; Rocha, 2004, p. 196), “educação ambiental aponta para propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação dos educandos”. Sendo assim, é um conceito que visa a preparação dos sujeitos para tomadas das decisões ambientais.

Para Marcatto (2002, p. 12):

A educação ambiental é uma das ferramentas existentes para a sensibilização e capacitação da população em geral sobre os problemas ambientais. Com ela, buscase desenvolver técnicas e métodos que facilitem o processo de tomada de consciência sobre a gravidade dos problemas ambientais e a necessidade urgente de nos debruçarmos seriamente sobre eles.

É com base nos preceitos da Educação Ambiental, como é apontado por Marcatto (2002), que esta, no que lhe concerne, tem um papel importante na vida dos sujeitos que compõem uma sociedade de modo que os seres humanos se tornem sensíveis às questões no âmbito da dimensão ambiental. Espera-se, ainda nessa perspectiva, que percebam a necessidade de tecerem uma relação de responsabilidade com a natureza.

A escola desempenha um papel de extrema importância na promoção da Educação Ambiental, contribuindo significativamente para a conscientização dos indivíduos e a construção de uma sociedade sustentável. Nesse sentido, é fundamental que a escola implemente abordagens que orientem os alunos a desenvolver uma consciência ambiental. Isso permitirá que os alunos se autoconscientizem e implementem, por meio de suas ações, a relevância da conscientização ambiental para a sociedade em geral.

Conforme destacado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2005 p. 44), a Educação Ambiental é uma disciplina consolidada que enfoca a interação entre os seres humanos e o ambiente natural, destacando maneiras de preservá-lo, conservá-lo e gerenciar seus recursos de maneira adequada. Nesse contexto, é imperativo ressaltar o papel da escola no processo de formação dos alunos, preparando-os para adotar uma postura cidadã em relação ao meio ambiente, refletindo sobre suas atitudes e comportamentos no âmbito ambiental.

A escola possui o potencial de fomentar debates enriquecedores sobre a Educação Ambiental, fortalecendo a compreensão acerca da importância da preservação do meio ambiente. Ao enfatizar seu papel na preparação dos educandos para uma abordagem ambientalmente responsável, a escola contribui para a construção de uma consciência coletiva voltada à sustentabilidade e à conservação dos recursos naturais.

Os processos educativos na contemporaneidade têm buscado envolver os educandos numa concepção de uma formação na dimensão de um planeta sustentável. Dessa forma, proporcionado aos estudantes da atualidade conhecimentos significativos para que possam tornar os seres humanos sensibilizados as causas da degradação ambiental. Nessa perspectiva, podem-se desenvolver práticas numa concepção que vise a sustentabilidade do meio ambiente como também das espécies tanto de animais quanto de vegetais existente nele. Sendo assim, Dias (2004, p. 125-126) aponta que:

Se a pessoa não é sensibilizada, ela não valoriza o que está sendo degradado ou ameaçado de degradação. Sem a valorização, não há envolvimento. O ser humano é movido por emoções. Caso elas não sejam estimuladas, a resposta não ocorre. Os processos de sensibilização têm o potencial de preparar as pessoas para as mudanças.

Dias (2004) traz uma dimensão no que diz respeito ao contexto de assegurar um ambiente saudável diante das concepções de sensibilidade do homem para com o meio ambiente, apontando a necessidade de tornar a humanidade saudável em defesa da natureza, em busca de um mundo sustentável para as futuras gerações.

A EA deve ser praticada pelos seres humanos na dimensão que os indivíduos passam conceber novos conhecimentos ser atrelados nas suas práticas diárias, em busca de uma

natureza sustentável, entendendo os problemas causados ao meio ambiente, que implica na qualidade de vida do próprio ser humano. Entretanto, esse é um processo que se dá através de um ensino crítico e reflexivo na tentativa de que ocorram mudanças significativas mediante as atividades desenvolvidas pelos homens no meio ambiente.

6.1 A EJA E A FORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NA COMUNIDADE DO BAIACU

Na contemporaneidade o modelo de produção capitalista tem preocupado parte da sociedade brasileira que luta cotidianamente em defesa de um ambiente sustentável. A Educação de Jovens e Adultos tem corroborado de forma eficaz com sujeitos que vivem dos sustentos retirados dos ecossistemas costeiros, a exemplo dos manguezais, possibilitando o fomento econômico dessas pessoas e a apropriação do conhecimento escolar. Essa interligação permite que essas pessoas saibam como e de que forma explorar os recursos naturais sem levar ao risco de extinção das espécies tanto de plantas como de animais presentes nesses espaços. Sendo assim, tecendo uma relação reflexiva e consciente com o meio ambiente.

Para Reigota (2001, p. 21) a concepção ambiental consiste em:

Um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade.

A Declaração de Hamburgo visa a Educação de Adultos, segundo a Confinteia V (*apud* Romão; Gadotti, 2007, p. 128, grifos no original), definindo essa modalidade como aquela que:

[...] engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade, desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade.

Essa é uma modalidade educacional que visa crescimento dos seus educandos de forma que eles possam aprimorar seus processos formativos tanto na esfera da formalidade quanto na informalidade, conforme o que pontua o documento anteriormente citado. Já a educação socioambiental nas comunidades que desenvolvem suas atividades tradicionalmente visa um processo educativo vinculado à forma de trabalho nelas desenvolvidas. Desse modo, a formação do educando da EJA no que diz respeito às necessidades educativas dos participantes da comunidade do Baiacu, tece relação ao trabalho nos manguezais, visto que necessitam de um processo formativo que lhes dê sustentabilidade no desenvolvimento das suas atividades nesses ambientes.

Para Guimarães (2004, p. 24), “Viabilizar uma educação ambiental crítica, que venha de maneira eficaz e comprometida com uma ética de justiça socioambiental, participar na construção de uma nova sociedade ambientalmente sustentável”. Assim, fica evidente a importância de uma construção ambientalista consciente de um ambiente preservado, através de um processo socioambiental crítico, possibilitando o desenvolvimento da consciência humana e visando a sustentabilidade.

O processo educativo dos educandos nas comunidades tradicionais no que tange a esta pesquisa em Baiacu, necessita mediar as questões ambientais com as quais essas pessoas estão lidando diariamente. Nesse viés, as instituições de ensino precisam adequar suas práticas pedagógicas diante da exigência ou premissa da valorização de um mundo sustentável para a humanidade buscar um processo de conscientização ambiental desde as séries iniciais as mais avançadas. Nessa dimensão, é essencial trabalhar a educação dos sujeitos que tecem relações de trabalho nas esferas ambientais e caminhando de mãos dadas para que essas pessoas entendam a sua relação com esses lugares.

6.2 O MANGUE E A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

O mangue desempenha um papel vital na preservação ambiental, oferecendo uma série de benefícios essenciais para os ecossistemas costeiros e a vida marinha. Esse ecossistema único atua como um berçário natural para uma diversidade de espécies marinhas, incluindo peixes, crustáceos e aves migratórias. Além disso, os manguezais desempenham um papel crucial na proteção das áreas costeiras contra erosão e tempestades, agindo como uma barreira natural que minimiza danos causados por eventos climáticos extremos. A capacidade dos mangues de filtrar poluentes e nutrientes em excesso também contribui para a melhoria da qualidade da água e da saúde dos oceanos. No entanto, os manguezais estão ameaçados pela urbanização descontrolada, pela degradação da qualidade da água e pela exploração desenfreada.

Este trabalho busca compreender a importância da preservação ambiental na dinâmica social, cultural e econômica das comunidades tradicionais, uma vez que o desenvolvimento industrial atrelado ao capitalismo tem levado homens e mulheres a explorar a natureza sem pensar nas consequências. Diante disso, os grupos tradicionais vêm perdendo espaço para o trabalho qualificado através da modernização do setor industrial. Assim sendo, esta pesquisa procura investigar as práticas de trabalho desenvolvidas em área de manguezais.

Desse modo, pode-se atentar para a preservação ambiental de modo a assegurar as condições de equilíbrio entre o homem e o meio ambiente. Os ecossistemas são de suma relevância para a fauna aquática local que muitas espécies desenvolvem seu processo de reprodução, daí o homem necessita estabelecer uma relação de cuidado nas suas práticas de trabalho para a conservação do meio ambiente e a preservação das espécies existente nele.

Os manguezais são biomas brasileiros, espaços naturais encontrados em boa parte das regiões do Brasil. Esses biomas são considerados de suma importância, pois são conhecidos como ecossistemas costeiros e berçário natural da reprodução de diversas espécies de vida existente nele, tanto marinha quanto terrestre. Os manguezais são biomas muito produtivos que têm oferecido aos seres humanos diversidades de alimentos, sendo explorados de forma desordenada como fonte econômica. Diante disso, faz-se necessária uma prática conscientizada para a manutenção e preservação das formas de vida presentes nesses ecossistemas.

Schaeffer-Novelli (1995, p. 22) afirma que:

O manguezal é considerado um dos ecossistemas mais complexos do ambiente marinho, não apenas por sua diversidade biológica, mas principalmente devido à diversidade funcional. Sistemas complexos tendem a resistir mais eficientemente às perturbações tanto naturais quanto induzidas pelo homem. Mas a cada perturbação há perda de elementos do sistema, levando a uma simplificação, tornando-o menos apto a ação de novos tensores e por consequência, mais vulnerável e com menor capacidade de suporte.

Nesse contexto, é importante destacar que as relações do homem com os manguezais têm sido tensas, visto que esses trabalhadores, ao desenvolvem suas práticas diárias, deveriam ter um olhar diferenciado no que se refere à preservação ambiental tanto dos manguezais quanto das espécies de vida que nele existem. Pois, o cuidado ambiental com os manguezais possibilitara aos sujeitos encontrar os recursos que contribuirão na sua sobrevivência.

Para Santos *et.al* (2019, p.6) apontam que:

Os manguezais são biomas, espaços naturais encontrados em grande parte do litoral brasileiro. Esses biomas são considerados de suma importância, já que são espaços conhecidos como ecossistemas costeiros e berçários naturais da reprodução das diversas espécies de vida tanto marinha quanto terrestre. Como biomas produtivos, os mangues têm oferecido aos seres humanos a oportunidade de exploração dos recursos neles existentes para o desenvolvimento das suas práticas de trabalho alimentação além da melhoria das condições econômicas.

Os manguezais representam ecossistemas essenciais, localizados em regiões costeiras, desempenhando um papel significativo na vida da população brasileira. Esses espaços culturais são amplamente explorados como recursos públicos, contribuindo tanto para a subsistência das comunidades necessitadas quanto para a promoção do desenvolvimento econômico. Diante

dessa dinâmica, é imperativo que aqueles que dependem desses recursos adotem uma perspectiva mais consciente e responsável.

Os indivíduos que encontram no uso dos manguezais uma fonte de sustento devem também reconhecer sua responsabilidade no cuidado ambiental desses ecossistemas. A preservação desses espaços naturais é fundamental para garantir sua contínua utilização, exigindo a implementação de práticas sustentáveis que protejam a rica biodiversidade de espécies marinhas e vegetais que habitam os manguezais.

Portanto, à medida que essas comunidades buscam equilibrar suas necessidades econômicas com a conservação do meio ambiente, torna-se primordial adotar estratégias que não apenas mantenham os recursos disponíveis, mas também enriqueçam a biodiversidade existente. Somente através do cuidado consciente e da adoção de abordagens sustentáveis será possível garantir que as futuras gerações possam continuar desfrutando dos benefícios proporcionados pelos manguezais, ao mesmo tempo em que preservam a integridade desses ecossistemas vitais.

Figura 9 - Área de manguezal em Baiacu, Vera Cruz, Bahia.



Fonte: Produzida pelo autor (2022).

Os manguezais são ricos em biodiversidade de espécies e são encontrados nas áreas tropicais e subtropicais em todo o mundo. Esses ecossistemas recebem também influências dos mares. Assim, são vários os fatores que contribuem nesse processo de existência dos manguezais. Isso favorece ao homem debruçar-se sobre essas fontes de vida para a manutenção econômica.

Os manguezais, como espaços econômicos, contribuem com muitas famílias de baixa renda das comunidades tradicionais pesqueiras como fonte de renda para a superação da

pobreza. Esses ecossistemas têm oferecido economicamente possibilidades para aquisição de produtos tanto para seu consumo pessoal quanto para a comercialização.

Os ecossistemas de manguezais são ambientes costeiros que têm sofrido pressões de longas décadas, devido às alterações ocorridas por meio das atividades desenvolvidas nesses espaços. Desse modo, faz-se urgente a busca por um trabalho por meio do qual os seres humanos possam autoconscientizar-se criticamente de modo a perceberem a importância de preservar a biodiversidade de mangues existentes no planeta. Nessa perspectiva, podemos apontar que os manguezais, enquanto espaços naturais, têm contribuído de forma relevante para a subsistência de uma parte da população que vive em vulnerabilidade social.

6.3 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM ÁREA DE MANGUEZAIS

Os problemas ambientais existentes no mundo são recorrentes de um processo histórico do descuido do homem com a natureza, além de serem, também, resultado do avanço das tecnológicas, que contribuem com a degradação do meio ambiente a cada dia. Isso tem se alastrado no planeta, visto que o processo tecnológico, também no contexto atual, é um dos fatores primordiais que têm colaborado para que os seres humanos explorem a natureza de maneira desordenada, sem pensar nas consequências desastrosas que sofrerão tanto o meio ambiente quanto o próprio homem, pois é dela que ele explora os recursos de que necessita para a sua sobrevivência. A falta de manutenção desses espaços de trabalhos acarretará em desequilíbrio nos espaços ambientais.

Heine (2017, p.62) destaca que todos têm o direito a um ambiente ecologicamente equilibrado, um recurso de uso coletivo essencial para uma vida harmoniosa, impondo tanto ao Poder Público quanto à coletividade a responsabilidade de protegê-lo e conservá-lo em prol das gerações atuais e futuras. A partir da análise da autora, torna-se evidente a necessidade de uma Educação Ambiental consciente, fundamental para a preservação da natureza. Portanto, esse processo de conscientização é fomentado por ações colaborativas das diferentes esferas da sociedade. É crucial compreender que as práticas de preservação podem ser instigadas desde a infância, possibilitando que as gerações futuras cresçam com uma mentalidade voltada à conservação, uma vez que o equilíbrio da população depende diretamente dessas ações.

Muitos problemas ambientais que ocorrem nos espaços naturais do município de Vera Cruz são decorrentes das atividades desenvolvidas pelo próprio homem sem se preocupar em manter uma relação de equilíbrio com o meio ambiente. Isso requer prevenções que assegurem os direitos das futuras gerações. Assim, a Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento - CMMAD (1988, p. 9) indica que “[...] a capacidade de satisfazer as

necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades”. Nesse sentido, a exploração dos recursos existentes na natureza requer uma ação sustentável.

A relação do homem com a natureza, no tocante a esta pesquisa nas áreas de preservação, a exemplo dos ecossistemas de manguezais, vêm acontecendo por processo de devastação. Os impactos se manifestam tanto nas formas de vida existentes nesse ambiente quanto na vida do próprio homem que necessita da reprodução dessas espécies para que possa retirar o que necessita para a sua própria subsistência alimentícia.

As dinâmicas recorrentes na natureza nos levam a traçar debates acerca da preservação ambiental no país. No que tange a esta pesquisa, visamos, por meio da Educação Ambiental, rever como têm sido desenvolvidas as práticas de trabalhadores, homens e mulheres que tercem relações diretamente com os espaços ambientais em busca da sobrevivência.

De acordo Segura (2001, p.165),

Quando a gente fala em educação ambiental pode viajar em muitas coisas, mais a primeira coisa que se passa na cabeça ser humano é o meio ambiente. Ele não é só o meio ambiente físico, quer dizer, o ar, a terra, a água, o solo. É também o ambiente que a gente vive – a escola, a casa, o bairro, a cidade. É o planeta de modo geral. [...] não adianta nada a gente explicar o que é efeito estufa; problemas no buraco da camada de ozônio sem antes os alunos, as pessoas perceberem a importância e a ligação que se tem com o meio ambiente, no geral, no todo e que faz parte deles. A conscientização é muito importante e isso tem a ver com a educação no sentido mais amplo da palavra. [...] conhecimento em termos de consciência. [...] A gente só pode primeiro conhecer para depois aprender amar, principalmente, de respeitar o ambiente.

Atualmente, a natureza tem passando por diversas transformações decorrentes das ações antrópicas e isso tem se refletido em consequências sérias na vida da população que necessita do meio ambiente para poder continuar com suas práticas de trabalho de forma organizada e conscientizada. No que se refere à Educação Ambiental, hoje, buscam-se estratégias que possam contribuir para amenizar o processo de exploração do homem de forma desequilibrada no meio ambiente que, a cada dia, tem se tornado alvo desse processo exploratório. Na visão de Heine (2017, p.16):

[...] no início do século XXI já se percebia a necessidade de os seres humanos enfrentarem os graves problemas relacionados às questões ambientais, produzidos pelos avanços tecnológicos e pela marca alcançada de sete bilhões de habitantes humanos desejando tudo o que é produzido pelo capitalismo e oferecido pela sociedade de consumo. Já havia um movimento buscando a preservação ambiental, posto que está escrito na Constituição Brasileira de 1988 que, usufruir de um meio ambiente ecologicamente equilibrado é um direito de todos e é dever do poder público e da coletividade defendê-lo.

É apontado por Heine (2017) que, na atualidade, os problemas ambientais têm se intensificado. A autora aponta que as rápidas mudanças das tendências tecnológicas têm

atingido as esferas ambientais devido à polarização do consumo exacerbado advindo do capitalismo. No ramo da pesca e da mariscagem, foco deste trabalho, essas questões aparecem principalmente nos problemas gerados pela pesca no tempo da desova.

Cavalcanti (1997, p. 386-387) afirma que isso impacta:

[...] o ambiente e as demais espécies que habitam o planeta, auxiliando uma análise crítica do princípio antropocêntrico, que tem levado, muitas vezes, à destruição inconsequente dos recursos naturais e de várias espécies. É preciso considerar que a natureza não é fonte inesgotável de recursos, suas reservas são finitas e devem ser utilizadas de maneira racional, evitando o desperdício e considerando a reciclagem como processo vital. Ao se ter a Educação Ambiental poderá ter-se a racionalidade de utilização dos recursos que são oferecidos a nós, seres humanos, pelo planeta no qual vivemos.

Cavalcanti (1997) chama atenção para o exacerbado uso dos recursos naturais, como se fossem fonte inesgotável, infinita e sem limites. Mas o que tem se observado é que o planeta, a cada dia, perde fontes naturais de recursos, o que compromete o equilíbrio ambiental e, como consequência, a sobrevivência dos homens e demais espécies da Terra. A racionalidade dos recursos naturais e a diminuição dos agentes poluentes tornam-se cada vez mais medidas necessárias e urgentes para que, a médio e longo prazo, possa haver estabilidade sustentável do planeta.

As catástrofes naturais têm se intensificado nos últimos anos, devido às ações desordenadas dos seres humanos sobre a natureza. O desmatamento, as queimadas, a poluição dos rios e os desvios dos cursos d'água têm provocado um impacto significativo nos processos naturais que ocorrem no meio ambiente. Diante dessa realidade, torna-se imperativo desenvolver uma Educação Ambiental integrada aos processos educativos, capaz de perdurar ao longo da vida, mediante as interações que os indivíduos buscam estabelecer entre si e a natureza, da qual fazem parte intrinsecamente por meio das atividades que realizam.

Nesse contexto, é fundamental estabelecer um processo educativo que abranja uma compreensão holística, incluindo aspectos sociais e culturais. Tal abordagem pode equipar o ser humano com os conhecimentos necessários para interagir com a natureza de maneira mais responsável e consciente no seu dia a dia. O propósito desse esforço é promover a construção de uma mentalidade ambientalista participativa, na qual os indivíduos se tornem agentes ativos na preservação e restauração do equilíbrio ecológico.

Educação Ambiental é um processo a ser constituído em consonância com as modalidades de ensino do Brasil e com os sujeitos que desenvolvem suas atividades no meio ambiente. Assim, Reigota (2010, p.2) diz que “A participação dos cidadãos, ao nível individual ou em ONGs e movimentos sustentáveis, tem sido crescente, e a sua importância é indispensável”. E essa relação homem x meio requer uma maior articulação tanto das leis que

regem as concepções históricas identitárias sociais como também das instituições de ensino em buscarem meios que possam contemplar um ensino interdisciplinar perpassando diversos aspectos e dialogando com outras bases.

Reigota (2010, p.11) nos diz que:

Parto do princípio de que a educação ambiental é uma proposta que alerta profundamente a educação como a conhecemos, não sendo necessariamente uma prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimento sobre ecologia. Trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos naturais, mas basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental.

Na perspectiva de um processo educacional no viés da preservação ambiental, Reigota (2010) deixa claro que esse é um processo que deve envolver os sujeitos que desenvolvem as ações na natureza. Diante disso, a população poderá repensar sua práxis de forma que possa preservar o ambiente, tecendo relações sustentáveis, no rigor das suas práticas cotidianas.

Há algumas décadas que se procura discutir as questões ambientais no Brasil, muitas delas, movidas pelos problemas globais que vêm se desenvolvendo, com impactos de diversas ordens ao meio ambiente, mediante as práticas de exploração que visam atender às demandas do capitalismo sem pensar nas consequências advindas da ambição humana. Diante desses fatores, a natureza vem sendo degradada, o que requer um olhar diferenciado das leis ambientalistas no sentido de preservar os recursos naturais que temos hoje no Brasil.

A exploração desenfreada do meio ambiente tem trazido sérios problemas em diversos ecossistemas brasileiros. Por isso, tem-se buscado, através de diferentes ações, contribuir para com a população de forma que todos possam se conscientizar e rever as suas práticas diárias que trazem impactos à natureza.

Assim, Reigota (2010, p.27) diz que: “A participação do cidadão na elaboração de alternativas ambientalista, tanto na micropolítica das ações cotidianas como na micropolítica da nova (des.) ordem mundial, exige deles a prática e o aprendizado do diálogo entre gerações, culturas e hábitos diferentes”. Portanto, faz-se necessário permitir aos sujeitos que utilizam desses locais para desenvolver suas atividades participar desse processo de conscientização ativamente para que possam rever suas práticas de exploração mediante os espaços ambientais.

Para Reigota (2010, p 63), “A educação ambiental não deve se preocupar em transmitir os conhecimentos, mas sim, produzir conhecimentos, considerando que não aprendemos do outro, mas com o outro, criando com ele [...]”. Diante dessa afirmação, faz-se necessária a tomada de decisões em relação à Educação Ambiental com a participação popular em um processo que não deve ser feito verticalmente sem que os sujeitos que dependem dessas políticas participem de sua construção.

Sustentabilidade é um dos aspectos considerados essenciais na construção desta pesquisa, pois na exploração dos espaços naturais o ser humano necessita desenvolver um trabalho sustentável, pensando na preservação e manutenção dos ecossistemas, de modo a assegurar os direitos das futuras gerações. O modelo econômico que temos hoje de exploração sempre em busca do capitalismo industrial visando lucro leva o homem a explorar a natureza sem nenhum compromisso sustentável. Assim, faz-se necessário criar estratégias para destacar a importância da natureza e dos recursos nela existentes para a manutenção da vida. Isso requer uma busca pela sustentabilidade, mediante as atividades desenvolvidas nesse processo pelo próprio homem.

De acordo com Leff (2001, p.31):

O princípio de sustentabilidade surge como uma resposta à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade a partir da diversidade cultural do gênero humano. Trata-se da reapropriação da natureza e da invenção do mundo; não só de um mundo no qual caibam muitos mundos, mas de um mundo conformado por uma diversidade de mundos, abrindo o cerco da ordem econômico-ecológica globalizada.

Leff (2001) descreve que os espaços ambientais vêm sofrendo interferência mediante à sistematização do mundo globalizado que aderiu às novas demandas tecnológicas que têm interferido na natureza de forma desordenada. E a partir desse processo, viu-se a necessidade de debate acerca da sustentabilidade.

Nessa mesma dimensão, é ainda pontado por Leff (2001, p. 31) que:

A sustentabilidade é um processo que deve ser estabelecido em longo prazo, pois é fato que para haver um desenvolvimento sustentável é necessário trocar o atual modelo de desenvolvimento: o capitalista-industrial, uma vez que este desenvolvimento é preciso, mas também é necessária uma maneira de ter o desenvolvimento com sustentabilidade, ou seja, devesse desenvolver, mas considerando o pleno desenvolvimento, dos seres humanos, dos animais, das plantas, de todo o planeta Terra.

Ainda de acordo com o autor, para haver o desenvolvimento sustentável deve-se buscar um modelo de acesso às retiradas dos recursos naturais que visem preservar o meio ambiente. O modelo de exploração perversa que os seres humanos têm submetido à natureza, na perspectiva de atender as necessidades do capital, tem corroborado para a degradação do planeta. Leff (2001) salienta que fazer um trabalho que vise recuperar a sustentabilidade do meio ambiente é um processo cujos resultados podem ser alcançados ao longo dos anos de persistência.

As discussões nas escolas com base nas questões de cunho ambiental constituem-se como um processo que deve ser atrelado com as vivências dos seres humanos, pois é nos espaços escolares que buscamos socializar os conhecimentos contra o desrespeito à natureza

para que os sujeitos possam se conscientizar a partir das suas práticas. A contribuição da escola nesse processo é de fundamental importância na percepção da formação cidadã e conscientização das suas ações para com o meio ambiente. Para isso, faz-se necessário que os cidadãos participem ativamente das ações tanto na escola quanto nas tomadas de decisões pelos órgãos competentes de defesa da natureza.

No presente caso, busca-se articular a Educação Ambiental com a análise das ações laborais que vinculam o ser humano à natureza. Portanto, discutir desenvolvimento sustentável em área de preservação ambiental dos ecossistemas de manguezais sem considerar as necessidades dos sujeitos que utilizam da exploração desses ecossistemas de forma artesanal, para adquirir alimentos para a própria sobrevivência não se faz relevante. É nesse ecossistema que uma boa parte dos sujeitos de comunidades tradicionais de pescadores e marisqueiras desenvolvem suas atividades econômicas. Segundo Vannucci (1999, p. 21), os ecossistemas, no tocante aos manguezais, têm oferecido ao homem meio para a sua sobrevivência. A relação de afetividade que essas comunidades tradicionais têm com seu lócus de trabalho se torna muito forte por que eles acabem construindo esse processo de conscientização em defesa da natureza. Portanto, do ponto de vista tecnológico, o que vem impactando nesses locais é o novo modelo econômico das exigências industriais a serviços do consumo capitalista, e esse novo modelo de exploração tem impactado nas vidas dos sujeitos desses espaços para poderem continuar suas atividades dignamente.

Os manguezais são ecossistemas brasileiros que carregam consigo peculiaridades e características próprias que se estendem por várias regiões do país. Por meio desses ecossistemas, berçário natural que tem oferecido ao homem subsídio para garantir seu sustento, é de fundamental importância a relação de sustentabilidade, visando preservar tanto as áreas exploradas quanto à biodiversidade nela encontrada. Para Araújo e Freire (2007, p. 12), manguezal é definido como:

Um ecossistema costeiro de transição entre os ambientes terrestre e marinho sendo característico de regiões tropicais e subtropicais. A vegetação de mangue está sujeito ao regime das marés; dominado por espécies vegetais típicas, às quais se associam a outros componentes vegetais e animais. O ecossistema manguezal está associado às margens de baías, enseadas, barras, desembocaduras de rios, lagunas e reentrâncias costeiras, onde haja encontro de águas de rios com a do mar, ou diretamente expostos à linha da costa.

Ainda com relação a esses ambientes, os autores trazem uma perspectiva de como as vegetações que formam esses espaços são influenciadas pelos mares. Nessa dimensão, há um fator que contribui nesses processos de encontro das águas doces com as salgadas. A transição

que ocorre nesses ecossistemas contribui para que haja a sobrevivências das espécies de vida nesses locais.

Dessa forma, Cintrón (1987, p. 13) afirma que “[...] os manguezais são aqueles de maior importância econômica e ecológica, dado que se caracterizam por suas altas taxas de produtividade primária, que as colocam entre os sistemas mais produtivos do planeta” Assim, para que os manguezais possam continuar contribuindo com o homem, no sentido ser uma fonte de renda e se permitir ser explorado, faz-se necessário que os homens desenvolvam nesses espaços uma relação de exploração consciente para poderem continuar usufruindo do que a natureza pode lhes oferecer enquanto fonte de renda. Para isso, a relação sustentável homem e meio ambiente é de fundamental importância nesse processo.

Na busca por uma Educação Ambiental sustentável para que os seres humanos possam desenvolver suas atividades na natureza com maior segurança, faz-se necessário que o próprio homem repense suas práticas cotidianas nas áreas das quais ele retira sua sobrevivência alimentar. Portanto, esse processo de conscientização relacionado às questões ambientais pode também ser trabalhado nas instituições de ensino desde as séries iniciais e se perpetuar nas séries mais avançadas. Nessa direção, Leff (2001, p.61/62) afirma que a “[...] escola é um dos elementos para que Educação Ambiental se efetive[...]”.

Para Mello Filho (1999, p. 123):

Os problemas ambientais continuaram se multiplicando, em função do modelo de desenvolvimento econômico (capitalista-industrialista), através da anarquia na exploração e gerenciamento dos bens comuns da humanidade por parte de atores políticos e econômicos, orientados por uma racionalidade individualista e instrumental.

Diante desse processo exacerbado de busca pelo lucro e conseqüente exploração da natureza, as comunidades tradicionais têm sofrido por conta do descaso desse modelo de desenvolvimento econômico de exploração.

6.4 TRABALHO, MEIO AMBIENTE E SOBREVIVÊNCIA A PARTIR DOS MANGUEZAIS

A exploração desordenada da biodiversidade das espécies existentes nos manguezais pode acarretar sérios problemas para as gerações futuras que necessitam ter acesso a um ambiente seguro e conservado. Essa relação entre homem e natureza, por meio do trabalho, é definida da seguinte forma por Marx (1983, p. 149-150 *apud* Tumolo, 2005 p. 246-247).

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força

natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho. O estado em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho deixou para o fundo dos tempos primitivos o estado em que o trabalho humano não se desfez ainda de sua primeira forma instintiva. Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção durante todo o tempo de trabalho, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo próprio conteúdo e pela espécie e modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos ele o aproveita, como jogo de suas próprias forças físicas e espirituais. Os elementos simples do processo de trabalho são a atividade orientada a um fim ou o trabalho mesmo, seu objeto e seus meios.

O autor explora a essência do trabalho humano como um processo de interação entre o ser humano e a natureza. Ele descreve como o trabalho envolve a capacidade do trabalhador de manipular e controlar as forças naturais por meio de sua ação, transformando a matéria natural em algo útil para sua sobrevivência. Marx (1983 *apud* Tumolo, 2005) ressalta que o trabalho humano se difere das atividades instintivas dos animais, pois o trabalhador concebe um objetivo idealizado antes de realizar a transformação da matéria. Isso requer não apenas esforço físico, mas também uma vontade direcionada a um propósito, manifestando-se como atenção contínua durante o processo de trabalho. O autor também menciona os elementos fundamentais do processo de trabalho, destacando a importância da consciência e da intenção nele contida.

Para Santos *et al.* (2019, p.2) “A discussão de temas referentes às questões ambientais tem a cada dia se tornado de extrema necessidade e requer certa urgência”. Portanto, a relação do homem para com o meio ambiente está diretamente ligada às atividades desenvolvidas nesses espaços. Sejam elas de interesse econômico ou de lazer, é necessário saber explorar o meio ambiente de modo consciente.

Muitos trabalhadores que desempenham suas atividades nesses espaços são homens e mulheres que, em sua maioria, não têm outro meio para adquirir uma renda mensal para sua manutenção e de seus familiares. Diante disso, a relação desses sujeitos com o meio ambiente tem demandado cuidado no sentido da preservação ambiental. Portanto, vale ressaltar

a importância dos manguezais para a reprodução de espécies que são fontes de alimentação para a manutenção das populações economicamente desfavorecidas.

Reigota (*apud* Jacobi; Fleury; Rocha, 2004, p. 12) destaca:

Claro que a educação ambiental por si só não resolverá os complexos problemas ambientais planetários. No entanto, ela pode influir decisivamente para isso, quando forma cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres. Tendo consciência e conhecimento da problemática global e atuando na sua comunidade, haverá uma mudança no sistema, que se não é de resultados imediatos, visíveis, também não será sem efeitos concretos.

A perspectiva ambiental visa direcionar os seres humanos a um olhar diferenciado no que diz respeito a essa dimensão, de modo que a população possa rever suas atitudes com a natureza. Nesse sentido André Trigueiro (*apud* Mendonça, 2005, p. 9-10) nos diz que:

Somos escravos de um olhar reducionista, que relega muitas vezes à natureza a função de apenas nos suprir de alimentos, energia, matéria-prima e belas paisagens. Dilapidamos o patrimônio natural sem a percepção de que somos parte do planeta, de que no meio ambiente começa no meio da gente, a partir da nossa constituição física, e de que a água, o ar, o solo e a luz solar são elementos fundamentais à manutenção da vida. [...] É preciso comunicar esse saber, traduzi-lo sem o peso do jargão ecológico-científico, torná-lo inteligível ao maior número possível de pessoas, a fim de que uma nova cultura se manifeste na direção da sustentabilidade. De que vale o saber se não sabemos comunicá-lo?

A educação ambiental é um processo importante que propicia ao sujeito a formação social por meio da educação escolar e das relações de trabalho que os seres humanos executam nas diversas dimensões ambientais. Sendo assim, esse processo gera o que chamamos de produção de conhecimento, a partir do qual o indivíduo cria valores identitários vinculados com seus espaços de trabalho cotidiano. Tais valores o tornam capaz de tomar atitudes que apontarão o futuro de uma sociedade que possa desfrutar de uma natureza ambiental saudável.

A Educação Ambiental tornou-se um direito social na Constituição de 1988. Nessa perspectiva, a sociedade necessita garantir o pleno desenvolvimento de modo sustentável, preservando o meio ambiente. Desde a promulgação da Constituição até os dias de hoje, é possível perceber que algumas coisas mudaram e que ainda existe a necessidade de mudanças para a superação das injustiças ambientais. Percebemos a necessidade da Educação Ambiental no processo de desenvolvimento social dos seres humanos. Nessa mesma direção, é apontado por Jacobi, Fleury e Rocha (2004, p.10) como a EA contribui para o processo de formação dos seres humanos na sociedade.

A educação ambiental como formação e exercício de cidadania refere-se a uma nova forma de encarar a relação do homem com a natureza, baseada numa nova ética, que pressupõe outros valores morais e uma forma diferente de ver o mundo e os homens (Jacobi; Fleury; Rocha, 2004, p. 10).

Ao tratar das questões ambientais diretamente interligadas com as atividades que uma parte da sociedade desenvolve junto à natureza, é necessário observar se há uma relação respeitosa para com os recursos que a natureza nos oferece. Além disso, o meio ambiente tem possibilitado ao homem a construção de uma cidadania plena. É o que afirma Carvalho (2004), ao explicar que:

Consideramos que a Educação Ambiental para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relação de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva em nível local, nacional e planetário (Carvalho, 2004, p. 56).

Carvalho (2004) destaca que a abordagem ambiental, quando posta em prática, amplia a compreensão dos seres humanos. Isso engloba a necessidade de adotar cuidados que conduzam à construção de um ambiente sustentável. Através da sustentabilidade, a humanidade pode desfrutar de um ambiente seguro tanto para ações coletivas quanto individuais. Segundo Carvalho (2004, p.80), "nossa presença no mundo implica constantemente na construção de percepções, interpretações e compreensões do ambiente que nos envolve".

Portanto, a capacidade perceptiva está intrinsecamente ligada às maneiras pelas quais os indivíduos vivem em sociedade e nela desenvolvem suas atividades. As interações das pessoas com o meio ambiente não apenas influenciam o tecido das relações humanas, mas também proporcionam uma perspectiva interpretativa do modo de vida desses indivíduos, que está intimamente ligada à forma como percebem o mundo ao seu redor.

Nesse aspecto, é apontado por Merleau-Ponty, (1990, p.93) Perceber é:

[...] tornar algo presente a si com a ajuda do corpo, tendo a coisa sempre seu lugar num horizonte de mundo e consistindo a decifração em colocar cada detalhe nos horizontes perceptivos que lhe convenha. Desse modo, o sujeito torna-se perceptivo por meio do seu próprio corpo ao sentir as coisas no mundo perceptível.

Ainda, Merleau-Ponty (2006, p. 6) aponta que:

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas.

Na análise do autor, fica claro que a ação do perceber o mundo não significa fazer a junção de diversos objetos na perspectiva do campo científico. Essa percepção permite entender o ato perceptível dos corpos que sentem e pensam de forma diferente, a partir da percepção das coisas que há no mundo.

6.5 A CULTURA DA PESCA E DA MARISCAGEM NA COMUNIDADE DO BAIACU

Na comunidade pesqueira do Baiacu, foco desta pesquisa, as práticas da pesca e da mariscagem estão intrinsecamente ligadas às dinâmicas de gênero, destacando-se a distinção entre os homens pescadores e as mulheres marisqueiras. Ambos os grupos desempenham papéis fundamentais na preservação da cultura local, utilizando métodos artesanais para garantir a manutenção das biodiversidades nos ecossistemas circundantes.

Nessa perspectiva, a atividade de mariscagem emerge como uma expressão cultural predominantemente associada às mulheres e crianças da comunidade. Além de desempenhar um papel essencial na preservação ambiental, a mariscagem assume uma função significativa na luta contra a pobreza, representando uma oportunidade para as mulheres contribuírem para o sustento de suas famílias.

Por outro lado, a pesca é uma prática cultural liderada pelo público masculino. Os pescadores, ao se dedicarem a essa atividade, têm a capacidade não apenas de preservar tradições locais, mas, também eles, de proporcionar o sustento para suas famílias. A pesca, assim, configura-se como uma fonte crucial de geração de renda, desempenhando um papel vital na superação das condições de pobreza na comunidade do Baiacu. Dessa forma, a interdependência e complementaridade entre as atividades de pesca e mariscagem refletem não apenas uma divisão de gênero nas tarefas, mas também uma dinâmica cultural que se estende à preservação ambiental e ao enfrentamento das adversidades econômicas locais.

Figura 10 - Marisqueiras seguindo para as atividades laborais.



Figura 11 - Pescadores artesanais



Fonte: https://www.google.com/search?q=marisqueiras+e+pescadores+de+baiacu&rlz=1C1GGRV_enBR877BR877&sxsrf=A0aemvKxI40h6LojhyVoN4dCedAzgIHk_g:1635981968874&source=ln

Portanto, a pobreza tem refletido diretamente na vida das populações que vivem nas comunidades tradicionais em vulnerabilidade social, econômica e cultural. A pobreza é definida em duas vertentes, para Silva (2009, p.157): absoluta e relativa. “Pobreza absoluta, relacionada ao não atendimento das necessidades mínimas para reprodução biológica e pobreza relativa diz respeito à estrutura e à evolução do rendimento médio de um determinado país”.

A pobreza, gerada pela desigualdade social, leva à exclusão de pessoas que vivem em busca do mínimo possível para sobreviver. Essa é uma realidade que nos leva a refletir acerca das condições socioeconômicas de muitos brasileiros. Enfatizamos a necessidade de políticas públicas que possam garantir a essas pessoas condições de viver dignamente na esfera social. Henriques (2003, p. 68) aponta que “é preciso conceber programas de natureza compensatória, como prioridade aos mais pobres, erradicação da pobreza a partir da redução da desigualdade”. Nesse sentido, as políticas públicas devem estar voltadas a atender as carências das demandas sociais no contexto no qual está inserida uma parte da população em vulnerabilidade, priorizando as suas especificidades. Isso sinaliza a urgência para a resolução dos problemas que elevam os índices da pobreza, afetando o contingente populacional mais pobre do território brasileiro.

O papel dos pescadores e das marisqueiras tem se constituído de fundamental relevância para o processo de autoafirmação e produção do conhecimento das atividades desenvolvidas de forma artesanal, mediante as suas práticas de trabalhos nos ecossistemas dos manguezais. Na concepção de Clauzet, Ramires e Barella (2005, p. 1):

Pescadores artesanais podem ser definidos como aqueles que, na captura e desembarque de toda classe de espécies aquáticas, trabalham sozinhos e/ou utilizam mão de obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos localizados próximos à costa, pois a embarcação e aparelhagem utilizada para tal possui pouca autonomia.

Esse processo de produção do trabalho de forma artesanal segue uma perspectiva na qual o sujeito desempenha sua atividade, na maioria das vezes, sozinho ou busca se unir com o grupo familiar para o desenvolvimento de exploração dos espaços dos ecossistemas costeiros. Isso lhes permitem a prática da pesca nos ambientes mais próximos às suas moradias.

6.6 CULTURA DE SUBSISTÊNCIA NA COMUNIDADE DO BAIACU

A atividade da mariscagem vem sendo desempenhada, na maioria das vezes, pelas famílias que compõem a comunidade e tem relevantes aspectos no contexto social em que essas pessoas estão inseridas. Essa modalidade de pesca promove os sustentos de muitas famílias na

localidade como também abastece o comércio local e das cidades circunvizinhas. Nessa perspectiva, essa atividade segue uma dimensão classificatória, descrita da seguinte forma por Dias Neto (1996, p. 161) “A pesca pode ser pesca científica, amadora, de subsistência, artesanal ou de pequena escala, empresarial/industrial.” Assim, esse é um trabalho que segue trajetória da pesca de subsistência, pesca artesanal.

A pesca artesanal é desenvolvida pelos pescadores que utilizam os meios de exploração que não oferecem riscos de extinção das espécies existentes nas áreas de manguezais. Essa é a modalidade praticada na comunidade do Baiacu que segue fortes tradições. Nessa dimensão, Diegues (1983, p. 198) afirma: “o que caracteriza o pescador artesanal não é somente o viver da pesca, mas, sobretudo a apropriação real dos meios de produção; o controle do como pescar e do que pescar, em suma, a arte de pescar”. Portanto, os modos como os sujeitos pescadores se apropriam das tradições da pesca em seu cotidiano fazem com que eles criem uma relação de pertencimento com o lugar.

A atividade da pesca artesanal provê o sustento de pessoas que vivem em condições extremas da pobreza numa sociedade que visa tecer o fomento do capitalismo sem consideração às formas tradicionais do trabalho. Na concepção de Maldonado (1986, p. 15), essa é “uma das modalidades de pesca que se caracteriza pela simplicidade da tecnologia e pelo baixo custo da produção, produzindo com grupos de trabalho formados por referenciais de parentesco sem vínculo empregatício entre as tripulações e o mestre de bote”. Essa atividade árdua é desenvolvida pelos pescadores, enquanto sujeitos da ação que procura suprir suas necessidades. Por outro lado, como se observa no contexto aqui em foco, é pouco valorizada pelos comerciantes e atravessadores que compram esses produtos.

Trazemos uma análise conceitual no tocante à atividade da pesca tradicional. Sendo assim, pescadores e marisqueiras desenvolvem esse trabalho artesanalmente na comunidade pesqueira do Baiacu, de modo a preservar tanto os processos culturais como os aspectos econômicos do lugar. Nessa perspectiva, essa modalidade de pesca advém de uma prática cultural dos sujeitos que vivem em comunidade Ribeirinha, buscando sobreviver dignamente por meio desse trabalho que é tão desvalorizado por uma parte da sociedade, ancorada em um sistema capitalista que não atende as necessidades dos sujeitos que vivem e defendem esses espaços de sobrevivência. Assim, a pesca artesanal é classificada de baixa escala na visão de Andriguetto Filho (1999).

Para Santos, Sousa, Rodrigues (2020, p. 203):

A pesca e a mariscagem, não são apenas atividades econômicas dessa localidade, mas também processos culturais, da população, com influências na alimentação, na

organização do trabalho e da dinâmica de vida dessas pessoas. Assim, podemos considerar a emergência de temas ambientais nesses espaços juntos a esses trabalhadores.

Portanto, os sujeitos trabalhadores que praticam a pesca e a mariscagem são reconhecidos enquanto ribeirinhos que vivem de arte do saber pescar artesanalmente, sendo também classificados como grupos que carregam consigo suas particularidades e identidade com o modo de vida que levam nesses espaços e a relação com o lugar de vivência. Desse modo, o Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais (MPP, 2012, p. 04) aponta que:

Os pescadores e pescadoras artesanais possuem tradicional modo de viver e de lidar com a natureza, têm história e cultura de raízes profundas que são passadas de geração para geração. A pesca é mais que uma profissão, é um modo de vida onde o trabalho é livre e tem um regime autônomo e coletivo. Possui relação direta com a natureza, com espiritualidade e mística que suscita respeito e cuidado.

No desempenho da atividade da pesca, o sujeito pescador carrega consigo conhecimentos próprios do seu fazer. Em suma, essas pessoas vêm de um processo de longos anos na prática da pesca. Portanto, interagem com os ecossistemas de manguezais em busca da geração de renda de modo sustentável, visto que visam prover seu sustento e de seus familiares na perspectiva artesanal. Essa categoria de atividade traz um diferencial aos grupos sociais pertencentes a esses espaços que desempenham esse trabalho de forma organizada, preservando as diversas espécies de vida que há nesses ambientes. Além disso, essas pessoas tecem uma relação de sentimento e pertencimento com esses lugares.

Os sujeitos que desenvolvem a atividade, na prática de pescar de forma artesanal, constituem uma lógica própria de relação com o trabalho. Kohn (2009, p. 29) aponta que são:

[...] formadores de um modo de vida particular, ou seja, como um grupo diferenciado no Modo de Produção Capitalista, que embora esteja inserido nesse sistema, possui outra lógica de relação/produção/apropriação do espaço. Para esse grupo social, o espaço possui valor de uso. A lógica que se contrapõe a esta é a lógica dos grandes agentes do capital, que vêem o espaço como valor de troca. E esse é o pano de fundo no qual é promovido o embate entre as distintas lógicas de relação/produção/apropriação do espaço geográfico.

Para a autora, os sujeitos que vivem das suas práticas cotidianas nas comunidades tradicionais buscam se opor ao modelo capitalista que se impõe na sociedade brasileiras sem considerar a relação de pertencimento que essas pessoas têm com seus lugares de origens. De modo que os sujeitos que habitam nessas comunidades desenvolvem um trabalho em busca de sua manutenção alimentar própria e de seus familiares. Essas pessoas têm um olhar diferenciado para esses locais, estabelecendo com eles um vínculo não só de trabalho como também de pertencimento.

Santos *et al.* (2019, p.7) dizem que:

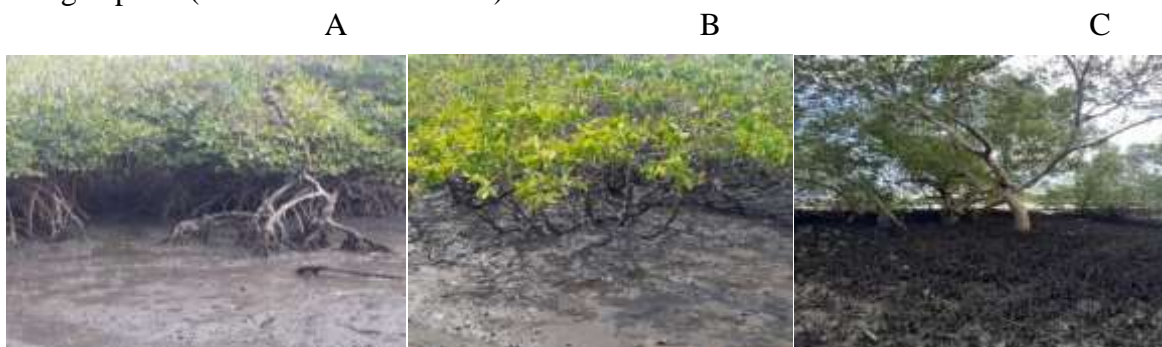
As atividades de mariscagem e pesca desenvolvida por essas populações tradicionais praticadas no Brasil além das suas características culturais, sociais e ambientais, também tem forte impacto no desenvolvimento comercial local. Mesmo sendo reconhecidos como berçário natural, os mangues sofrem constantemente as interferências humanas, não apenas da exploração dos seus recursos naturais, como também o acúmulo de lixos, direcionados pelas marés, deixados por pescadores, marisqueiras e turistas nas localidades, bem como comunidades existentes próximas desses espaços. Isso tem criado pontos de reflexão para a necessidade de um cuidado mais efetivo com as áreas de preservação.

A atividade da pesca e da mariscagem é uma das práticas de trabalho mais antigas desenvolvidas por povos tradicionais. A Resolução n.º 10 do CONAMA, de 1.º de outubro de 1993, aponta o manguezal como sendo:

[...] vegetação com influência fluviomarinha, típica de solos limosos de regiões estuarinas e dispersão descontínua ao longo da costa brasileira. Nesse ambiente halófito, desenvolve-se uma flora especializada, ora dominada por gramíneas (*Spartina*) e amarilidáceas (*Crinum*), que lhe conferem uma fisionomia herbácea, ora dominada por espécies arbóreas dos gêneros *Rhizophora*, *Laguncularia* e *Avicennia*. De acordo com a dominância de cada gênero, o manguezal pode ser classificado em mangue vermelho (*Rhizophora*), mangue branco (*Laguncularia*) e mangue negro (*Avicennia*). [...] (Brasil, 1993).

Os ecossistemas de manguezais exibem uma rica diversidade de espécies de mangue, as quais compõem os estuários costeiros, destacando-se por sua notável resiliência vegetativa. Dentro dessa perspectiva, essas plantas são categorizadas em três dimensões distintas, cada uma definindo os traços distintivos de seus gêneros. Com base nesse contexto, é relevante examinar de forma mais detalhada as variadas espécies de manguezais que prosperam na comunidade objeto desta pesquisa.

Figura 12 A, B, C - A- mangue vermelho (*Rhizophora*), B- mangue branco (*Laguncularia*) e C- mangue preto (*Avicennia schaueriana*).



Fonte: Produzidas pelo autor (2022).

6.7 PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO VIÉS DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

A percepção ambiental das populações tradicionais de pescadores e marisqueiras é carregada da sua história de vida, experiências das práticas de trabalho desenvolvidas nesses

espaços ambientais e, com isso, buscam conservar na prática de trabalho a preservação ambiental. Isso é possível devido à relação afetiva que os sujeitos constroem com esses espaços de sobrevivência, de modo a preservar os conhecimentos tradicionais que são passados de uma geração para a outra.

Rezende e Ribeiro (2005, p. 2) apontam que os conhecimentos tradicionais podem ser definidos como sendo:

[...] um corpo de conhecimento construído por um grupo de pessoas através de sua vivência em contato próximo com a natureza por várias gerações. Ele inclui um sistema de classificação, um conjunto de observações empíricas sobre o ambiente local e um sistema de auto manejo que governa o uso dos recursos.

Os protagonistas dessas narrativas são os pescadores e marisqueiras, cujas práticas laborais florescem nos territórios tradicionais. Esses espaços ambientais, explorados para obter os recursos naturais, geram uma simbiose na qual o respeito mútuo entre o homem e o ecossistema é mantido como pilar fundamental. Dessa forma, a marisqueira, por exemplo, depende tanto das águas aquáticas quanto das áreas terrestres para a excelência em suas atividades.

O Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais (MPP, 2012, p. 06) aponta, ainda, que:

O território é de uso coletivo, onde há um conjunto de regras e de condutas vivenciadas com a coletividade para o uso dos recursos naturais e abrangem os espaços terrestres, dos rios, lagos, lagoas e mar. O pescador e a pescadora não vivem apenas na água, precisam da terra e da água, tendo nessa interface o mangue e as matas ciliares, a floresta, importantes para a garantia do trabalho tradicional, construção de instrumentos de trabalho, artesanato, espiritualidade, mística e mitos (histórias, crenças, lendas).

O desempenho de suas atividades diretamente nos ecossistemas ambientais, a rigor, propicia a essas pessoas o sentir dos fenômenos. Portanto, Del Rio (1996, p. 3) afirma que “Entendemos a percepção como um processo mental de interação do indivíduo com o meio [...] que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos”. Desse modo, ao desenvolver essas atividades nesses espaços multirreferenciais de aprendizagem esses sujeitos ampliam a compreensão desses espaços.

A Educação Ambiental no viés do trabalho desenvolvido pelos sujeitos que vivem em comunidades tradicionais, defendendo valores culturais, faz parte da história da humanidade. Sendo assim, as práticas das atividades que a população de pescadores e marisqueiras elucidam nos espaços ambientais requerem dessas pessoas percepções que evidencia os cuidados com o meio ambiente para não ocorrer o desequilíbrio ambiental.

Pronea (2005, p. 36) aponta que:

A educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar, em seu modo formal, não-formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade. A educação ambiental é individual e coletiva. Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações.

Entretanto, o ato perceptível dos sujeitos com relação ao bem-estar na natureza contribuirá para que eles desenvolvam suas atividades nesses espaços de transformação da realidade de homens e mulheres que buscam na exploração do meio ambiente condições para a sobrevivência alimentar na sociedade. Pronea (2005) aponta para o trabalho que essas comunidades tradicionais desenvolvem na sociedade, de modo a repercutir numa dimensão que evidencia a importância dessas comunidades. Ainda nesse mesmo viés, Santos *et al.* (2019, p. 9) apontam que:

O trabalho com comunidades se torna significativo à medida que possa se contemplar dimensões mais complexas das relações sociais e interativas dos sujeitos entre si e os diferentes espaços, os animais e os recursos disponíveis na natureza. Além disso a importância da educação como mecanismo de difusão do conhecimento.

Santos *et al.* (2019) indicam também que o trabalho desenvolvido junto às comunidades tradicionais realizar deve incluir atividades que possam atender às necessidades das pessoas inseridas na comunidade nas amplas vertentes sociais, proporcionado, assim a multiplicação dos saberes.

7 PANORAMA DAS PESQUISAS SOBRE O TEMA: Pescadores e Marisqueiras na EJA na Comunidade de Baiacu no Município de Vera Cruz BA.

7.1 REVISÃO DE LITERATURA

A investigação em bases de dados é fundamental na condução de pesquisa acadêmica, pois facilita a localização de trabalhos relevantes relacionados a um objeto de estudo específico. Isso evita duplicação de esforços, permitindo aos pesquisadores entender o que já foi feito na área. Ao revisar os trabalhos encontrados, os pesquisadores atualizam-se sobre teorias, metodologias e resultados existentes, construindo uma base sólida para novas pesquisas sobre o mesmo tema. Isso ajuda a identificar estudos confiáveis para referência.

Além disso, essa análise revela tendências e padrões na literatura, orientando o foco da pesquisa e destacando áreas que merecem investigação mais profunda. Com base nessa revisão e na identificação de lacunas, os pesquisadores definem objetivos de pesquisa específicos, direcionando a investigação de maneira relevante e original.

Com esse propósito, conduziu-se uma pesquisa no Centro de Documentação e Informação (CDI), um órgão suplementar do *Campus 1* da UNEB, por meio do portal eletrônico <http://www.cdi.uneb.br/site/>. A pesquisa visava obter informações adicionais em todas as dissertações do repositório de CDI do programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA), com foco nos seguintes descritores: Educação de Jovens e Adultos (EJA); Educação Ambiental; Educação Socioambiental; Preservação Ambiental; Problemas Ambientais; Questões Ambientais; Desenvolvimento Sustentável; Ecossistema Costeiro; Manguezais; Pescadores; Marisqueiras e Baiacu. A pesquisa foi realizada de janeiro a março de 2023. O Quadro 5 mostra os resultados da busca.

Quadro 5- Dados sobre a Revisão de Literatura

C D I / U N E B / D I S S E R T A Ç Ã O / M P E J A	DESCRITORES	NÚMERO DE TRABALHOS	ANO	TERMO NO TÍTULO	TERMO NA PALAVRA - CHAVE
	Educação de Jovens e Adultos	203	2015 a 2022	176	184
	Educação Ambiental	2	2017 e 2018	1	2
	Educação Socioambiental	1	2017	1	-
	Preservação Ambiental	2	2017 e 2018	-	-
	Problemas Ambientais	3	2015, 2016 e 2018	1	1
	Questões Ambientais	4	2015, 2016 e (2) 2018	-	-
	Desenvolvimento Sustentável	3	2015, 2016 e 2019	-	-
	Ecosistema Costeiro	-	-	-	-
	Manguezais	-	-	-	-
	Pescadores	-	-	-	-
	Marisqueiras	-	-	-	-
Baiacu	-	-	-	-	

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2022).

A análise dos dados provenientes da revisão de literatura revelou um vasto número de dissertações produzidas sobre o tema. Os descritores "Educação de Jovens e Adultos" (EJA) foram identificados em 203 dissertações entre 2015 e 2022. Eles também foram mencionados no título de 176 dissertações e, como palavras-chave, em 184 delas. Por outro lado, o conceito de "Educação Ambiental" foi identificado em apenas dois trabalhos, um de 2017 e outro de 2018. No título, o termo foi abordado em apenas um trabalho, e não apareceu nas palavras-chave em nenhum dos dois casos. Similarmente, o descritor "Educação Socioambiental" foi

encontrado em um trabalho de 2017, mas exclusivamente no título, não figurando nas palavras-chave.

A expressão "Preservação Ambiental" foi identificada em dois trabalhos, um de 2017 e outro de 2018, porém, não foi incluída no título nem nas palavras-chave de nenhuma dessas dissertações. Por outro lado, "Problemas Ambientais" foi mencionado em três trabalhos (em 2015, 2016 e 2018), no entanto, tanto no título quanto nas palavras-chave, encontrou-se apenas em um desses trabalhos. Já a expressão "Questões Ambientais" foi abordada em quatro dissertações, uma em 2015, outra em 2016 e duas de 2018, no entanto, não foi incluída nem no título, nem nas palavras-chave em nenhum dos documentos.

O descritor "Desenvolvimento Sustentável" foi mencionado em três trabalhos (2015, 2016 e 2019), mas não surgiu no título nem nas palavras-chave em nenhum desses casos. Termos específicos como "Ecossistemas Costeiros," "Manguezais," "Pescadores," "Marisqueiras," e "Baiacu" não foram encontrados em nenhuma das dissertações analisadas no CDI/UNEB no programa MPEJA.

Essa análise sugere que os descritores "Educação de Jovens e Adultos" (EJA) são amplamente explorados nas dissertações do programa, com uma presença significativa tanto nos títulos quanto nas palavras-chave. Em contrapartida, os descritores relacionados ao meio ambiente, como "Educação Ambiental," "Educação Socioambiental," "Preservação Ambiental," "Problemas Ambientais," "Questões Ambientais" e "Desenvolvimento Sustentável" têm uma presença limitada e são menos abordados em títulos e palavras-chave. Além disso, os descritores específicos relacionados a ecossistemas costeiros e atividades como pesca e mariscagem não foram tratados em nenhum dos trabalhos examinados. Isso pode indicar uma lacuna de pesquisa ou um foco mais intenso na Educação de Jovens e Adultos em comparação com as questões ambientais costeiras e à sustentabilidade.

Torna-se essencial explorar esses registros minuciosamente, a fim de extrair informações mais detalhadas sobre as interações intrínsecas entre esses diversos tópicos e, ao mesmo tempo, identificar quais lacunas de conhecimento precisam ser preenchidas. Além disso, é crucial destacar as carências de produções acadêmicas que evidenciem o papel das comunidades locais e tradicionais no processo de preservação dos ecossistemas. Esses ecossistemas são de vital importância para a sobrevivência da humanidade na Terra.

Dessa forma, a análise desses dados não apenas oferece um panorama abrangente da pesquisa existente, mas também aponta para áreas de pesquisa potencialmente inexploradas, as quais podem contribuir significativamente para a compreensão e promoção da preservação

ambiental, bem como para o fortalecimento das comunidades locais e tradicionais envolvidas na sustentabilidade dos ecossistemas costeiros e marinhos.

7.2 INCURSÕES NO *LÓCUS* DE PESQUISA

Adentrar ao *lócus* de pesquisa não é uma tarefa muito fácil e simples, fazer interações com uma pessoa ou grupo de pessoas de determinada comunidade epistêmica requer interações preliminares com os colaboradores, de preferência de vivência do grupo social para que a inter-relação aconteça de forma que possa aproximar o pesquisador dos sujeitos investigados. Conhecer o professor, um dos sujeitos da pesquisa, nativo da comunidade de pescadores e marisqueiras de Baiacu, foi de fundamental importância no desenvolvimento do estudo de campo. O professor, nasceu na comunidade e cresce vivenciando a pesca, a mariscagem e também os problemas sociais, econômicos e culturais da localidade. Além disso, frequentou a universidade, nos cursos de graduação e pós-graduação *Lato e Stricto Sensu*. Atuando como docente da escola local, consegue entender as duas dimensões da pesquisa: a primeira, relacionada à comunidade em que vive, seu lugar de fala com as fragilidades e virtudes vivenciadas pelos moradores locais; e a segunda à compreensão do ser pesquisador e das contribuições que os estudos acadêmicos podem propiciar ou não ao cotidiano das pessoas da localidade.

No primeiro contato, foi possível conhecer um pouco da história dos paieiros, construção cujo costume está diretamente interligado às vivências dos pescadores e marisqueiras. De acordo as histórias contadas pelos moradores locais, o povoado de Baiacu era, no seu surgimento, centralizado como pequeno povoamento, nas mediações onde fora edificada a Igreja do Senhor da Vera Cruz, no período da pré-colonização. O templo ficava localizado a alguns quilômetros dos manguezais, onde a população local buscava seu sustento através da pesca e coleta de marisco. Os pescadores e marisqueiras construía os paieiros para guardar seus materiais de trabalho, pois a distância e o acesso íngreme dificultavam a locomoção com tais instrumentos. Com o tempo, as pessoas começaram a utilizar essas edificações como espaço de moradia e se concentrando nas áreas dos manguezais, dando origem à comunidade de Baiacu.

7.2.1 A Observação *in loco*

A observação na comunidade tradicional pesqueira de Baiacu, em primeiro momento, foi marcada por entusiasmo e euforia pela sua localização e beleza exuberante. Localizada na

contra costa do oceano Atlântico, no município de Vera Cruz, a localidade evidencia as marcas da riqueza da biodiversidade, através da mata atlântica de grande extensão ainda preservada e gigantesca extensão do bioma manguezal. Ao longo dos séculos, através da coleta de mariscos, esse se tornou fonte de sustento e renda para os habitantes que ali fizeram suas casas, formaram suas famílias, criaram seus filhos e construíram a sua identidade local.

Dados seus objetivos este trabalho se aproxima da observação participante. Essa, segundo Minayo (2013, p. 70), pode ser definida como:

[...] um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente.

Nesse contexto, deve-se mencionar a importância do sujeito pesquisador, na perspectiva de observar e analisar a dimensão social na qual os participantes do estudo estão envolvidos. É no momento da observação que o pesquisador tem um maior contato com o público investigado, sendo assim, esta é uma observação que necessita de um olhar criterioso, em busca de identificar os fenômenos que têm impactado ou não o contexto de vida social de determinados indivíduos na sociedade. Segundo Minayo (2013, p. 70), ao mesmo tempo que o pesquisador observa ele está interligado com o meio, de maneira que pode modificar sua própria realidade por estar lidando diretamente com a realidade estudada.

No segundo momento de aproximação com o campo da pesquisa, a observação foi mais criteriosa, o olhar com cunho investigativo revela a percepção anterior em relação à exuberância do manguezal, mas também à inserção de moradias que adentram esses espaços, causando vários desequilíbrios ambientais e, como consequência, levando ao acúmulo de lixo nas dimensões dos ecossistemas. Por haver construções próximas às áreas dos manguezais, é comum ver esgotos residenciais a céu aberto nessas áreas, que deveriam ser de conservação ambiental. Citando como exemplo, foi possível observar que, nesse mesmo ecossistema, há um campo de futebol, onde é desenvolvida a prática esportiva por moradores locais, com focos de esgoto nesses espaços. Nesse sentido, são necessárias ações urgentes de saneamento básico e políticas públicas estruturantes que possam viabilizar um sistema de coleta e tratamento de esgotamento sanitário, para que possa ser garantida a saúde da população e conservação do bioma que é de tão grande importância para a perpetuação das espécies marinhas.

Na observação, foi possível perceber a precariedade da infraestrutura na comunidade, para além da questão do saneamento básico. Portanto, a população carece das políticas públicas que possam garantir melhores condições de vida e moradia. A falta de serviços básicos de infraestrutura vem repercutindo em sérios problemas ambientais nos espaços de trabalho e moradias das pessoas que vivem em comunidades tradicionais.

Godoy (2014, p. 90) aponta que:

Saneamento envolve diversas atividades que são responsabilidade dos governantes e visam a prevenção de doenças e a conservação do ambiente. Entre as atividades estão o tratamento da água, a coleta e o tratamento do esgoto, a limpeza das vias públicas, a coleta de resíduos, a drenagem da água das chuvas entre outros.

Portanto, na perspectiva da infraestrutura, esses são os serviços essenciais para que a população dos espaços aqui em análise possa estabelecer uma relação harmoniosa na dimensão ambiental, a fim de preservar, também, sua própria saúde. Entretanto, essa relação depende que o poder público estabeleça e garanta os direitos a que essa população tem direito.

A comunidade de Baiacu, como já informado, surgiu no início do processo histórico de povoamento do município de Vera Cruz. A construção da segunda igreja edificada em solo brasileiro, datada de 1560, revela que o início da colonização pelos portugueses no Brasil deixou marcas significativas no município onde houve as primeiras inserções pelos portugueses.

Quanto à história da comunidade, Rossoni e Araújo (2012, p.32) afirmam que:

Baiacu é a mais antiga e importante colônia de pescadores que tem a ilha de Itaparica. Em 1560 (séc. XVI), o jesuíta português Luís da Grã e seus companheiros de catequese aportaram na ilha e se instalaram em uma aldeia indígena localizada no alto de uma colina. Ali construíram a segunda igreja católica do Brasil, sob a invocação do Nosso Senhor da Vera.

Ao observar o espaço geográfico na comunidade pesqueira do Baiacu, constituída por uma paisagem de Mata Atlântica e pela exuberância dos manguezais, é notável a importância desse lugar para os sujeitos que vivenciam suas lutas cotidianas nesse ecossistema. Baiacu conserva suas tradições de pesca e mariscagem, carrega a história de luta de um povo para não deixar morrer seus costumes, saberes, crenças e ancestralidade. Portanto, a oportunidade de conhecer a história da comunidade local, contada por moradores do lugar vivenciaram e vivenciam as belezas, mas também as dificuldades e mazelas do povoado, foi de suma relevância para as primeiras observações e incursões em contexto com a realidade desta pesquisa.

7.2.2 O primeiro contato com o sujeito da pesquisa

Encontrar os participantes da pesquisa, para melhor compreensão do objeto de estudo, é uma tarefa que requer, por parte do pesquisador, cuidado, atenção e, acima de tudo, uma sensibilidade para saber ouvir os relatos preliminares, mesmo antes de adentrar nas questões pré-elaboradas. Neste trabalho, p primeiro contato com os sujeitos se deu na própria comunidade lócus do estudo, depois das primeiras observações, andanças na comunidade e breve planejamento de quais residências seriam visitadas, para fazer breves interações e convites para participação. Os participantes de um estudo são apontados por Vergara (2001, p.53) como “[...] aqueles que fornecerão os dados que o autor necessita para fazer a pesquisa”. Portanto, o pesquisador procura aproximar-se dessas pessoas de forma criteriosa, de modo a transmitir confiança aos participantes para que eles se sintam seguros no desenvolvimento da pesquisa, de acordo o que preconiza o parecer consubstanciado do CEP (Comitê de Ética e Pesquisa) nº 4.715.962, aprovado em 17 de maio de 2021.

Na primeira interação com um pescador e egresso da Educação de Jovens e Adultos, foi possível conhecer de forma breve sua atuação na atividade pesqueira, assim como sua experiência na EJA. Na oportunidade, o colaborador indicou várias pessoas da comunidade que poderiam também participar do estudo, por se enquadrar no perfil proposto. De acordo a narrativa do pescador, vários colegas de sala da EJA eram pescadores e marisqueiras. Ele indicou o local de residência desses colegas e se colocou à disposição para interagir e participar do estudo. O morador local também indicou referência de um trabalho acadêmico que outrora fora desenvolvido na comunidade e que também daria suporte para mais informações a respeito da temática em discussão.

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

8.1 PERFIL SOCIOCULTURAL DOS ALUNOS TRABALHADORES

Os alunos da EJA da comunidade pesqueira de Baiacu trazem consigo algumas especificidades, sendo uma delas a jornada dupla empregada para trabalhar e estudar. A atividade laboral desenvolvida por esses sujeitos, alunos trabalhadores, está diretamente ligada ao meio de subsistência da comunidade local, a pesca e a mariscagem, que se desenvolve de forma direta por aqueles que vão aos manguezais em busca dos produtos que o mesmo tem a oferecer.

Na amostra, foram entrevistados 16 jovens com faixa etária entre 18 e 25 anos. Os estudantes cursavam, no período de coleta de dados, o 8º e o 9º ano do Ensino Fundamental, modalidade EJA do noturno. A turma era constituída, em sua maioria, por jovens que, a princípio, mostraram-se desconfiados e arredios em fornecer as informações. O movimento de aproximação se deu a partir da interação com o professor regente que proporcionou ao pesquisador momentos de diálogo com a turma, antes da aplicação da entrevista.

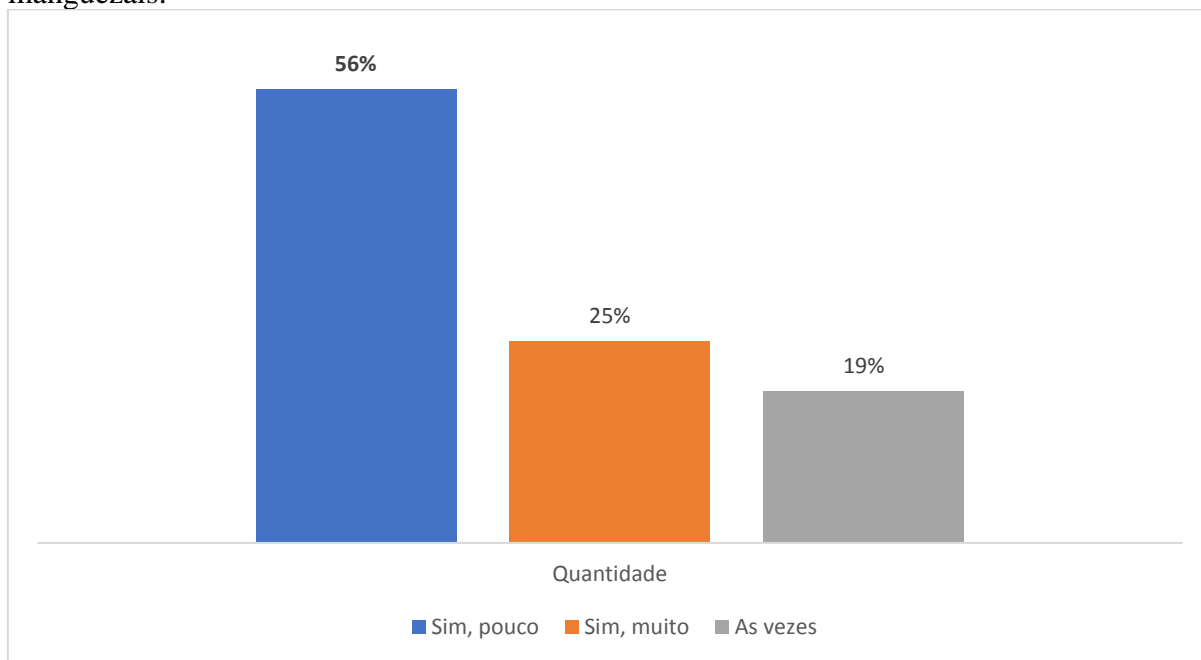
Dos alunos entrevistados, 100% são residentes locais da comunidade do Baiacu, atendendo aos requisitos de inclusão para participar do estudo. No que se refere ao gênero, 56,3% eram do sexo masculino e 43,7 % eram do sexo feminino. O fato de mais da metade da turma ser do sexo masculino foi uma surpresa da pesquisa, pois o que tem predominado nas classes de EJA é o público feminino.

8.2 O ALUNO DA EJA E SUA RELAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NO ESPAÇO DE VIVÊNCIA

Os alunos da EJA, na sua vivência diária com a atividade da pesca e mariscagem e também na sua vivência e ambiência na comunidade local percebem o desequilíbrio ambiental, a falta de saneamento e de políticas públicas que contribuam para a conservação e preservação do ecossistema costeiros, no tocante aos manguezais. Quando questionados sobre a contribuição dos mesmos para que o desequilíbrio aconteça, muitos deles explicitam que, mesmo pouco, eles também contribuem para que ocorram os problemas ambientais no

manguezal - 56% do total de alunos sinalizou positivamente para essa participação. No Gráfico 1, é possível perceber o percentual das respostas dos alunos a essa questão.

Gráfico 1 - Respostas dos alunos sobre a contribuição diante dos problemas ambientais nos manguezais.



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2022).

Ainda em relação à contribuição para os problemas ambientais nos manguezais, 25% dos alunos afirmaram que sua atividade contribui muito e 19% afirmaram que às vezes colaboram para isso aconteça. Na Figura 13, a seguir, podemos observar uma imagem de problemas ambientais no espaço de vivência que podem contribuir para causar desequilíbrio no ecossistema manguezal, assim como comprometer a qualidade de vida dos moradores.

Figura 13 - Acúmulo de lixo em área de manguezal.



Fonte: Acervo do autor (2021).

Pinheiro e Deboni (2010, p. 15) apontam que “O lixo pode causar inúmeros malefícios ao meio ambiente, dentre eles a poluição do solo, podendo a partir daí causar poluição das águas. Pode também causar poluição do ar como resultado da queima não controlada do lixo e poluição visual quando não disposto adequadamente”. O acúmulo de lixo e o esgoto a céu aberto são comuns em área próxima ao manguezal. A falta de saneamento básico, principalmente no que se refere ao esgoto sanitário, é um sério agravante, pois compromete a biodiversidade, mas também a saúde e o bem-estar dos próprios moradores.

Investimentos por parte do poder público em infraestrutura tornam-se urgentes para que possa ser garantido o direito à vida digna daqueles moradores, população tradicional, formada por pescadores e marisqueiras que ali constroem suas casas, formam suas famílias, criam seus filhos, adquirem seu alimento e escoam o excedente da produção em circuitos curtos de comercialização, numa dinâmica da pesca artesanal e coleta de marisco de forma ambientalmente sustentável que se perpetua por várias gerações.

Santos *et al.* (2019, p. 7) elencam o seguinte:

Os episódios de degradação ambiental têm sido recorrentes no país, sejam eles em pequena ou grandes escalas. Eles ocorrem de norte a sul do país, e têm causas multifatoriais. Quando se pensa em educação ambiental, não são tão somente ações simplificadas de comportamentos humano com relação à natureza que são suficientes para resolver os problemas ambientais, muitas delas têm causas muito maiores, com interferências econômicas e políticas, bem distante do que se é ensinado nas escolas primárias.

Os alunos da EJA, jovens trabalhadores, foram questionados a respeito da possibilidade da redução de problemas ambientais no mundo. Dentre os entrevistados, 81,3% veem de forma positiva essa possibilidade, já os que analisam de forma negativa se constituíram em apenas

18,7%. Os alunos elencaram algumas ações que podem ser desenvolvidas para que se tenha êxito no controle ou combate ao agravamento das questões ambientais. Na Tabela 3, podemos observar na fala dos discentes:

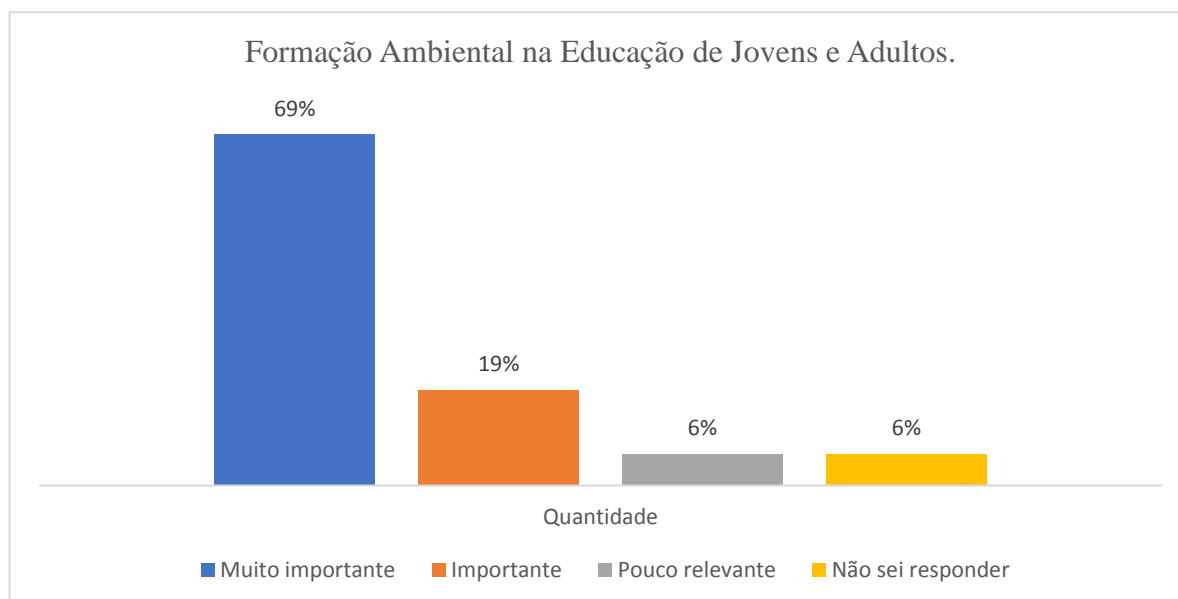
Tabela 3 - Posicionamento dos alunos sobre possíveis ações para preservação do meio ambiente.

Sujeitos da Pesquisa	Posicionamento dos Alunos Entrevistados
ALUNO A	Mais cuidado com o meio ambiente; só assim será possível um planeta sustentável para que os seres humanos possam retirar dele os recursos necessários para a sua sobrevivência.
ALUNO B	Tentando reduzir mais o consumo de alguns produtos, não jogar os lixos no mar; essas coisas podem reduzir os problemas ambientais.
ALUNO C	Com todas as pessoas colaborando umas com as outras, parando de jogar lixo no meio ambiente; assim reduzimos os problemas ambientais para a humanidade.
ALUNO D	Respeitando o meio ambiente, utilizando os recursos que nele existem de forma correta.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2022).

Na tabela, podemos observar a concepção dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos com relação à preservação do meio ambiente. Merleau-Ponty (2019, p.19) aponta que “[...] perceber não é uma pura sensação e nem tampouco um julgamento intelectual, mas a experiência de se dirigir, intelectualmente ao mundo pelo corpo”. Nesse sentido, os estudantes entrevistados, em sua maioria, demonstraram-se preocupados com os cuidados ambientais e elencaram ações que podem contribuir para um ambiente equilibrado e sustentável. Os alunos têm entendimento dos problemas ambientais no contexto global, nacional e regional, mas também local, por perceber a falta de estrutura para viabilizar a proteção do ecossistema manguezal que é fonte de renda para a comunidade.

Os alunos foram questionados sobre o interesse em assuntos relacionados ao meio ambiente. Do total, 56,3% demonstraram muito interesse por essas questões; outros 12,5% mostraram-se razoavelmente interessados. Já os que se mostram sem nenhum interesse somaram 18,8 % dos alunos. No que diz respeito à formação para as questões ambientais nas aulas de Educação de Jovens e Adultos, as respostas podem ser visualizadas no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Respostas dos alunos sobre formação ambiental na Educação de Jovens e Adultos.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da entrevista, Santos, pesquisa (2022).

Santos *et al.* (2019, p. 3) enfatizam que “Percebe-se a emergência da valorização da EJA, como campo interdisciplinar e multidisciplinar para tratar de assuntos diversos, sobretudo os ligados ao meio ambiente, as práticas de trabalho, as relações de consumo, equilíbrio e conservação”. O gráfico acima é um demonstrativo relacionado à importância para os alunos no que se refere à formação ambiental nas aulas da Educação de Jovens e Adultos. Desse modo, 69% dos discentes enfatizaram a importância dessa formação; 19% disseram ver essa temática como importante; por outro lado, podemos observar que 6% deles afirmaram que essa temática é pouco relevante para ser discutida em sala de aula, igual percentual de entrevistados não soube responder. A maioria dos entrevistados valorizam a formação relacionada às questões ambientais em sala de aula, por perceberem que essas discussões não podem ficar de fora do contexto educacional, por contribuir para o desenvolvimento socioambiental e preservacionista do cidadão.

Quadro 6 - Questões relacionadas ao meio ambiente na entrevista com alunos trabalhadores, estudantes da EJA.

Questionamento	Percentual	Proposições	Discussões
Assuntos relacionados ao meio ambiente em sala de aula. (Na visão do aluno).	66,7% 33,3%	Sempre Raramente	A maioria dos professores, de acordo os discentes entrevistados, relaciona os assuntos sobre meio ambiente na sala de aula.
Objetos de Conhecimento (conteúdos) de Geografia e Ciência faz relação com a	68,8% 18,8%	Sim, pouco Sim, muito	Nas aulas de Geografia e Ciência, a maior parte dos docentes faz uma relação entre os objetos de conhecimento dos componentes

atividade de trabalho que desenvolve no cotidiano.	12,4%	Não	curriculares e as atividades laborais dos alunos.
Pensamento dos alunos sobre as discussões ambientais na sociedade.	81,3%	Interessante	A maioria dos alunos verbalizaram que as discussões acerca das questões ambientais têm sido interessantes. Por outro lado, em menor proporção, os alunos disseram que têm se tornado chato esses debates. Portanto, faz-se necessário que os docentes busquem meios que tornem as aulas atrativas e envolventes para os educandos.
	12,5%	Indiferente	
	6,2%	Chato	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2022).

Foi também questionado aos alunos sobre a participação em palestras ou atividade sobre meio ambiente e Educação Ambiental na sua escola, associação ou em outro espaço. Do total de alunos, 81,3% declararam que “Sim”, acontecem; 12,5% responderam “Não Lembrar”; e 6,2% disseram que “Não”. Foi questionado quais palestras e atividades eles participaram.

Os alunos B, F, G e J relataram o seguinte:

Não lembro o nome do projeto, porém fazia relações com a reciclagem do lixo. (Estudante B)

Não lembro o nome da palestra, sei que era relacionada aos cuidados que devemos ter com a natureza. (Estudante F)

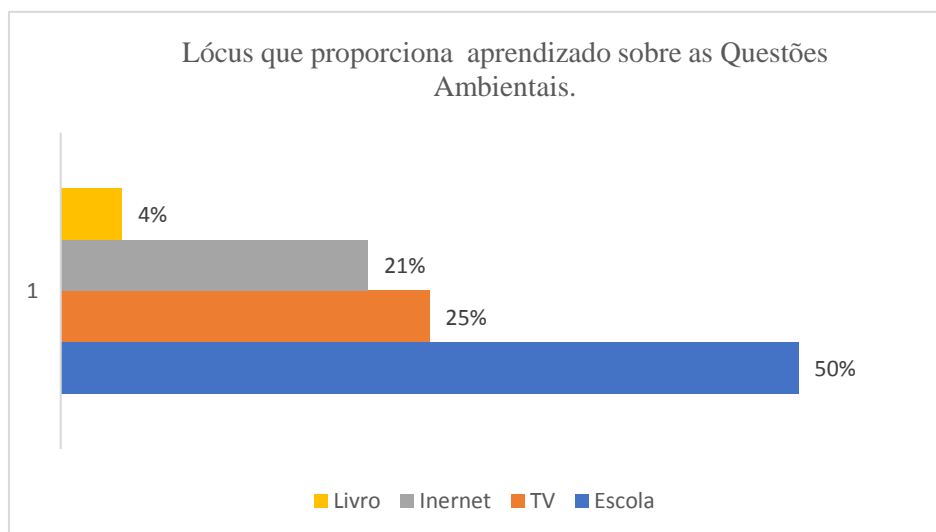
Foi uma palestra sobre o desmatamento e como essa atitude tem prejudicado o meio ambiente. (Estudante G)

Palestra na escola sobre a importância da água, um bem coletivo para a humanidade e o cuidado que devemos ter com a natureza. (Estudante J)

Através das declarações dos alunos, é possível perceber que muitos deles carregam na memória a participação nas atividades relacionadas ao meio ambiente em espaço formal, não formal e também em espaços multirreferenciais de aprendizagem. O tema relacionado às questões ambientais continua despertando interesse, pela urgência e relevância da discussão, mas, acima de tudo, pela urgência na sustentabilidade do planeta.

Na entrevista, os alunos foram questionados a respeito do aprendizado sobre as questões ambientais e os espaços e lugares onde eles mais aprendem. O Gráfico 3 mostra os percentuais dos espaços mais indicados pelos discentes.

Gráfico 3 - Respostas dos alunos referentes aos espaços de maior aprendizado sobre as questões ambientais.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2022).

Sobre esse tema, Medeiros *et al.* (2011, p.02) trazem a seguinte reflexão:

As instituições de ensino já estão conscientes que precisam trabalhar a problemática ambiental e muitas iniciativas têm sido desenvolvidas em torno desta questão, onde já foi incorporada à temática do meio ambiente nos sistemas de ensino como tema transversal dos currículos escolares, permeando toda prática educacional.

Porém, é salientado pelo mesmo autor, o seguinte:

Em nosso país a realidade diverge do que determina a lei. A temática ambiental em muitas instituições de ensino é abordada nas disciplinas de Geografia e Ciências, quando na verdade, deveria ser trabalhada em todas as matérias ministradas em sala de aula.

No Gráfico 3, podemos observar que a escola é apontada em primeiro lugar como um espaço que possibilita aos educandos a aprendizagem sobre a temática ambiental. Em segundo lugar vem a TV, em terceiro lugar, a Internet e, por último, os livros. Ficou evidente na pesquisa com os alunos da EJA da comunidade tradicional de Baiacu que a escola continua sendo o espaço onde o aprendizado sobre meio ambiente é melhor aproveitado pelos alunos. No tocante ao segundo lugar, cabe reflexão quando a TV fica à frente da Internet neste item, pois o que se tem notado é que as influências midiáticas são a cada dia mais abrangentes; os espaços virtuais, as redes sociais, os artigos, as reportagens, os vídeos e outros são dinamizados massivamente na Internet. Os livros ocuparam o último lugar na pesquisa na dinamização do conhecimento, de acordo com os alunos colaboradores do estudo. Eles não utilizam esses suportes de forma pontual para adquirir maiores conhecimentos sobre o objeto deste estudo. Porém, vale ressaltar que a maioria das escolas que ofertam a EJA não tem livro didático para o trabalho com os alunos e muitas vezes não são disponibilizados outros portadores textuais para que os discentes tenham acesso a conhecimentos mais específicos.

8.3 O ESTUDANTE DA EJA: PESCADORES E MARISQUEIRAS EM SUAS ATIVIDADES LABORAIS

As atividades do pescado e mariscagem nas comunidades locais e tradicionais são marcadas pelas experiências e saberes tácitos, passados de geração a geração, tendo como característica o início das atividades ainda na meninice. Para Santos *et al.* (2019, p. 7) “As atividades de mariscagem e pesca desenvolvidas por essas populações tradicionais praticadas no Brasil além das suas características culturais, sociais e ambientais, também têm forte impacto no desenvolvimento comercial local”. É natural, nesses espaços, o grupo familiar reunir-se na mesma atividade laboral, neste caso, da pesca e da mariscagem. Com isso, as experiências, ou seja, as práticas do dia a dia se constroem muito entre os moradores.

Na entrevista, na questão que se refere às experiências vivenciais e de labor nas atividades de pesca e mariscagem, 75% dos alunos da Educação de Jovens e Adultos responderam que o seu tempo de experiência na prática da pescaria e mariscagem é de 5 a 10 anos, enquanto 25% responderam que sua vivência nessas atividades são de 0 a 4 anos (vale considerar a faixa etária dos entrevistados, todos com idade entre 18 e 25 anos, o que contribui com essas respostas). No que tange a tipos de pesca e mariscagem, foi também questionado aos alunos em que categoria eles se reconheciam e 100% dos entrevistados declararam que na prática da pesca de subsistência.

Na concepção de Rêses (2013, p. 3),

No cenário complexo do mundo do trabalho participam fundamentalmente as camadas mais pauperizadas da classe trabalhadora e, com certeza, entre eles estão os estudantes da EJA. Estes, além de não usufruírem das promessas da burguesia quanto ao direito e ao trabalho, sua condição de classe não lhes permitiu exercer na infância e juventude o direito à educação básica. Na esperança de um futuro melhor, eles retornam para a escola com o objetivo de ajudar na escolarização dos filhos e netos, da busca por emprego, da locomoção em transporte, da leitura de textos, da compreensão das estruturas de poder e de organização política ou da abertura de um negócio próprio. Assim, não basta reconhecer que as salas de EJA estão repletas de trabalhadores. Em que medida estamos atentos às particularidades e singularidades dos processos de produção da vida social? Em que medida contribuimos para transformar as experiências vividas em experiências percebidas e modificadas como experiência de classe?

Os alunos da EJA, trabalhadores da mariscagem, desenvolvem suas atividades na própria comunidade. Os mariscos coletados contribuem para a economia local e também fazem parte da segurança alimentar da comunidade. De acordo Santos *et al.* (2020, p. 2003), “A pesca e a mariscagem, não são apenas atividades econômicas dessa localidade, mas também processos culturais da população, com influências na alimentação, na organização do trabalho e na dinâmica de vida dessas pessoas”. Na entrevista com os colaboradores da pesquisa,

estudantes da EJA, foram elencados os produtos que são mais coletados nos manguezais. No Quadro 6, é possível observar a menção dos alunos referente ao enunciado.

Figura 14 A, B - A - Siri (*Eucarida*) e B - Chumbinho (*Anomalocardia flexuosa*) no processo de catação nas atividades das marisqueiras de Baiacu.



Fonte: Acervo do autor (2022).

As figuras 14 A e 14 B reverberam o processo de catação dos mariscos coletados nos manguezais, processo este que ocorre nas residências das marisqueiras como também em áreas anexas às residências que elas constroem para o desenvolvimento da prática do catado dos mariscos. Por outro lado, esse trabalho realizado nas suas próprias residências ou em áreas anexas vem sendo aliado com o desempenho das suas atividades domésticas. Freire (2011, p. 2-3) alerta que:

[...] é o trabalho de beneficiamento do marisco, o qual é realizado no espaço doméstico, em áreas anexas à residência, nos quintais, que permita aliar outras atividades como as tarefas domésticas e cuidar dos filhos, por exemplo. No beneficiamento o processo de tratar o marisco envolve a catagem, lavagem, embalagem, armazenamento para a venda

Freire (2011) destaca a importância do trabalho de beneficiamento do marisco, realizado no ambiente doméstico e em áreas próximas às residências. A autora menciona que essa prática permite a combinação de outras atividades, como tarefas domésticas e cuidados com os filhos. O processo de beneficiamento em si envolve várias etapas, incluindo a catagem (seleção dos mariscos), lavagem, embalagem e armazenamento para posterior venda.

A autora enfatiza a flexibilidade desse tipo de atividade, que pode ser integrada à vida cotidiana das pessoas, especialmente daquelas que vivem em comunidades costeiras onde os mariscos são fonte de sustento. A possibilidade de realizar o beneficiamento em casa ou em

áreas próximas reduz a necessidade de deslocamentos e permite que as pessoas gerenciem seu tempo de maneira mais eficaz.

Além disso, destaca-se a conexão entre o trabalho de beneficiamento do marisco e as responsabilidades familiares, como cuidar dos filhos. O fato sugere que essa atividade pode ser adaptada às exigências das famílias, proporcionando uma forma de sustento que se encaixa nas dinâmicas familiares. No entanto, é importante observar que, apesar das vantagens mencionadas, o trabalho de beneficiamento do marisco também pode trazer desafios, como a falta de regulamentação, a exposição a condições insalubres e a dependência de preços de mercado voláteis. Portanto, ao se ressaltar aspectos positivos desse tipo de atividade, é necessário considerar uma visão mais abrangente das questões socioeconômicas e de saúde envolvidas.

Quadro 7- Percentual e produtos mais lembrados pelos alunos das atividades da mariscagem local.

PRODUTO DA COLETA NOS MANGUEZAIS EM BAIACU		
Nome Popular	Nome Científico	Percentual
OSTRA	<i>Ostreidae</i>	100%
ARATU	<i>Aratus pisoni</i>	68,8%
LAMBRETA	<i>Phacoides pectinatus</i>	43,8%
SIRI	<i>Eucarida</i>	43,8%
SURURU PRETO	<i>Mytella charruana</i>	43,8%
CHUMBINHO	<i>Anomalocardia flexuosa</i>	25%
CARANGUEIJO	<i>Brachyura</i>	6,3%

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2022).

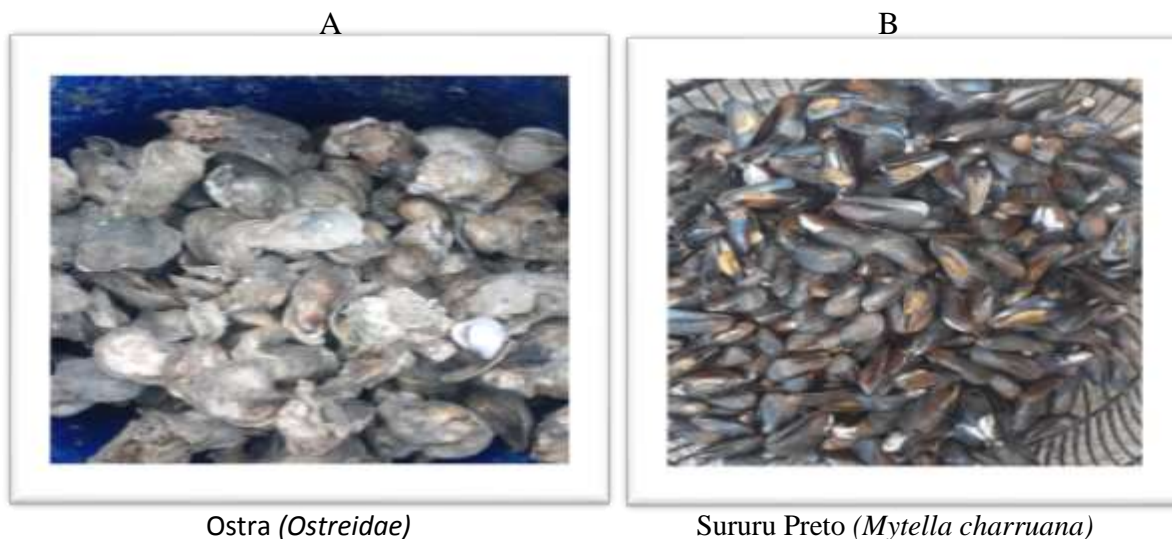
Do quantitativo de alunos trabalhadores que fizeram parte da pesquisa, todos lembraram da ostra, como mostra o Quadro 6 (p.109), enquanto apenas 6,3% dos mesmos lembraram do caranguejo, dos mariscos que são coletados nos manguezais.

Com base nas respostas dos alunos em relação ao caranguejo, surge uma reflexão pertinente: será que a coleta desses crustáceos nos manguezais não é uma prática comum na região, ou, por outro lado, o consumo não representa uma tradição profundamente enraizada na cultura local? Pode ser que os alunos não tenham uma exposição significativa a esse crustáceo

devido a esses aspectos. As preferências alimentares muitas vezes são influenciadas pelas práticas culturais e familiares.

Além disso, é válido considerar a possibilidade de problemas ambientais impactarem a disponibilidade de caranguejos. A degradação do habitat de manguezal, a poluição e a sobrepesca são fatores que podem contribuir para um declínio na população desses animais. Esse cenário poderia resultar em uma redução na disponibilidade do crustáceo, afetando a familiaridade e lembrança dos alunos em relação a ele. Portanto, é importante explorar não apenas aspectos culturais, mas também questões ambientais que possam influenciar a percepção e experiência dos alunos com o caranguejo.

Figura 15 A, B - Mariscos coletados pelas marisqueiras de Baiacu.



Fonte: Acervo do autor (2022).

A atividade pesqueira também foi questionada aos estudantes. Foi perguntado a eles quais variedades mais pescam e que, também, fazem parte da cultura local para o comércio e próprio consumo.

Santos *et al.* (2019, p. 2), afirmam que:

Na comunidade do Baiacu, lócus dessa investigação, a pesca é uma atividade de trabalho, de rentabilidade, que sustentam famílias e abastece o comércio local e para

além dele. Além disso, tem características culturais próprias da localidade, por se tratar de uma comunidade constituída de pessoas com baixa renda, as práticas de trabalhos são bem simples e se demarcam em atividades feitas por homens e mulheres de forma artesanal.

A importância da pesca na comunidade do Baiacu, não apenas como uma atividade econômica, mas também como um elemento cultural, é muito significativa. A pesca sustenta as famílias locais e abastece o comércio na região, mas também é uma parte fundamental da identidade da comunidade. Além disso, a citação ressalta que, devido à baixa renda dos moradores, as práticas de trabalho são simples e realizadas de maneira artesanal, o que destaca ainda mais a importância da pesca como meio de subsistência e geração de renda para a comunidade.

Figura 16 - Pescado, petitinga (*Anchoiella lepidentostole*) da atividade pesqueira artesanal na comunidade de Baiacu.



Fonte: Acervo do autor (2022).

O pescado, em especial a petitinga (*Anchoiella lepidentostole*), desempenha um papel fundamental na atividade pesqueira artesanal da comunidade de Baiacu. Essa pequena espécie de peixe é uma fonte de alimento essencial para os habitantes locais e representa não apenas uma forma de sustento, mas também uma parte importante da cultura e tradição da comunidade. A pesca da petitinga é realizada de forma sustentável, respeitando os ciclos naturais da espécie e contribuindo para a preservação dos ecossistemas marinhos da região. Além disso, a

comercialização desse pescado também gera renda para os pescadores locais, fortalecendo a economia da comunidade.

Quadro 8 - Percentual e produtos mais lembrados pelos alunos das atividades da pesca que se caracteriza como cultura pesqueira local.

PRODUTOS DA PESCA ARTESANAL NA COMUNIDADE PESQUEIRA DE BAIACU		
Nome Popular	Nome Científico	Percentual
TAINHA	<i>Mugilidae</i>	87,5%
PITITINGA	<i>Anchoviella lepidentostole</i>	81,3%
CABECUDO	<i>Ameiurus nebulosus</i>	62,5%
MASSAMBE	<i>Sardinella janeiro</i>	56,3%
XANGÓ	<i>Engraulidae</i>	43,8%
CAMARÃO	<i>Xiphopenaeus kroyeri</i>	37,5%
CACUNDA	<i>Cynopotamus tocantinensis Menezes</i>	25%
ROBALO	<i>Centropomus undecimalis</i>	12,5%
PENIMA	<i>Cichla Pinima</i>	12,5%
ARAIA	<i>Batoidea</i>	6,3%
MIRORÓ	<i>Gobionellus oceanicus</i>	6,3%
CARAPEBA	<i>Eugerres brasilianus</i>	6,3%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2022).

Dos alunos trabalhadores, estudantes da EJA entrevistados, 87,5% citaram a Tainha (*Mugilidae*) como atividade de pescada que predomina na região. Os menos lembrados foram a Araia (*Batoidea*), o Miroró (*Gobionellus oceanicus*) e o Carapeba (*Eugerres brasilianus*) que variam no índice de 6,3% dos alunos.

Figura 17 A, B - Espaços costeiros da comunidade de Baiacu.



Fonte: Acervo do professor da EJA, colaborador da pesquisa (2022).

8.4 DOCENTES COLABORADORES DA PESQUISA, PROFESSORES DA EJA

Os professores da Educação de Jovens e Adultos, moradores da comunidade de Baiacu, vivenciam o dia a dia da localidade. Eles conhecem a cultura local, os meios de sobrevivência, como a pesca e a mariscagem, passados de pais para filhos, não apenas como uma perpetuação

da cultura alimentar, mas também como meio garantidor de renda, que ultrapassa gerações. Os docentes, por fazerem parte da comunidade, conhecem os problemas socioambientais e correlacionam esses problemas com os objetos de conhecimentos trabalhados em sala de aula.

Quadro 9- Caracterização dos professores da EJA colaboradores da pesquisa

MASCULINO	FAIXA ETÁRIA	FORMAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO NA EJA
Professor -A	28	Licenciatura em Geografia	6 meses
Professor- B	38	Licenciatura em Física	3 anos
Professor- C	50	Licenciatura em Pedagogia	12 anos

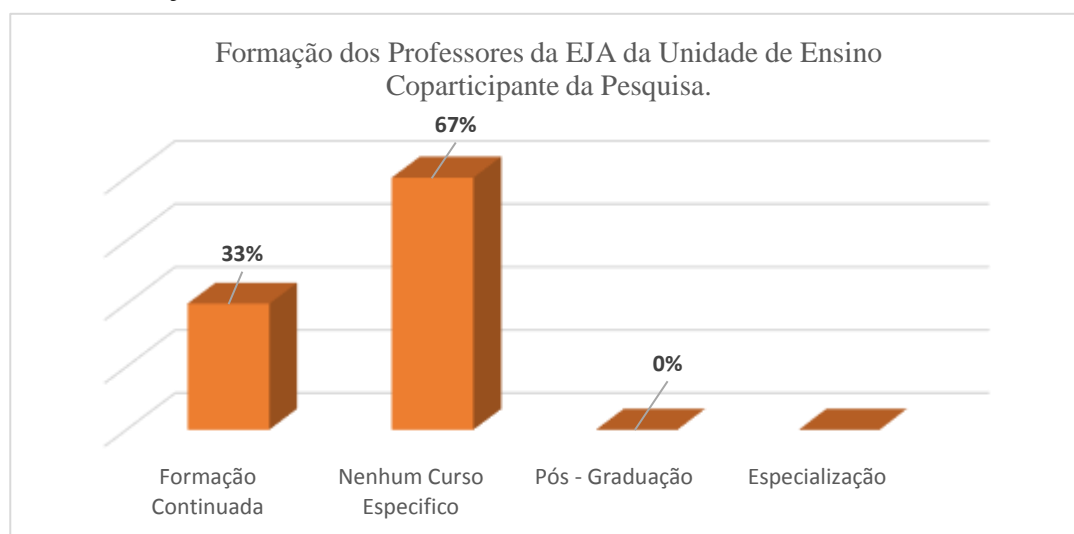
Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2022).

O quadro acima é um demonstrativo do perfil dos professores que atuam na modalidade de ensino EJA na comunidade do Baiacu, no Município de Vera Cruz. Observa-se que os professores q são todos do sexo masculino; 66,7% deles estão na faixa etária entre 28 a 38 e 33,3% tem idade entre 50 e 61 anos.

8.5 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DA EJA SOBRE OS ALUNOS PESCADORES E MARISQUEIRAS DA COMUNIDADE DO BAIACU

Ouvir os professores que compõem a unidade de ensino na qual os educandos, pescadores e marisqueiras, estão inseridos foi de suma relevância para os resultados desta pesquisa. Quando questionados sobre a formação para o trabalho na Educação de Jovens e Adultos, obteve-se os dados de acordo o que demonstra o gráfico abaixo.

Gráfico 4 - Formação dos docentes da escola da EJA local, comunidade de Baiacu.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2022).

O gráfico revela o perfil dos professores, no que diz respeito à formação para trabalhar com jovens e adultos, pescadores e marisqueiras. Nesse contexto, 67% desses profissionais revelou não ter formação voltada para essa modalidade de ensino. Por outro lado, 33% dos entrevistados indicou ter formação continuada em EJA. Ao se tratar das especificidades que o profissional da educação vivencia na EJA, torna-se de fundamental importância que ele tenha formação necessária para o trabalho com os sujeitos que passam por um processo de reparação social, resgate da autonomia, afirmação de identidade, entendimento e reconhecimento do lugar de fala na sociedade.

Ao serem questionados sobre como relacionam os conhecimentos trabalhados na EJA, no contexto das atividades laborais de pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu, os professores elencaram o seguinte:

Existe uma visão negativa do ser pescador e marisqueira no imaginário da comunidade. Esta acaba sendo a última opção pra aqueles que não conseguiram outro tipo de emprego. Os estudantes, filhos(as) de pescadores e marisqueiras, associam o ser pescador/marisqueira, a baixa remuneração, trabalho desgastante e pouco valorizado e reconhecido. Nas minhas aulas, busco quebrar esses estereótipos presente no imaginário coletivo. (Professor A).

Trago abordagens sobre o ser pescador e marisqueira de forma positiva, que valorize esses sujeitos e suas identidades. Isso leva os alunos a se identificarem mais e valorizarem mais suas identidades. Pois as identidades dos alunos se constroem no universo da pesca e da mariscagem. (Professor B).

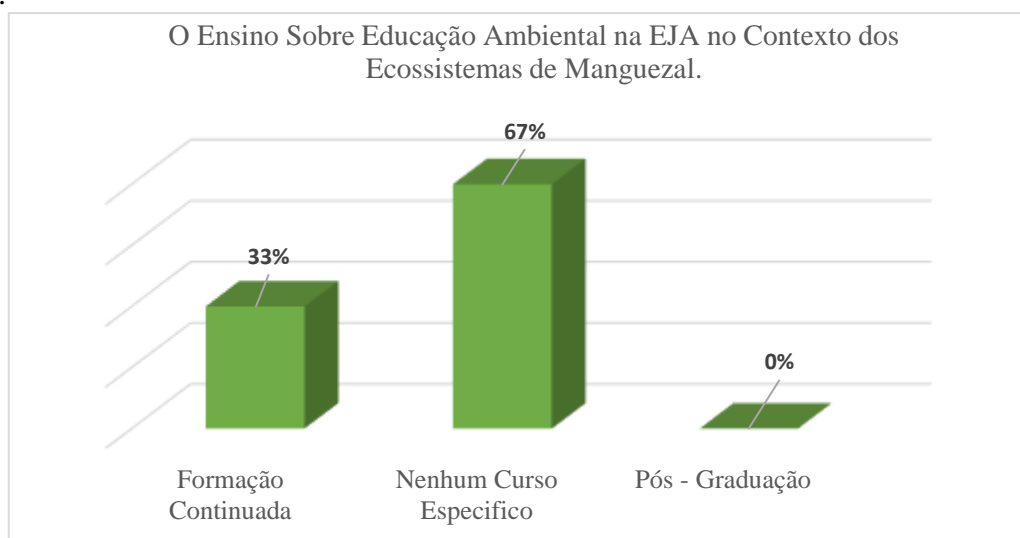
Problemas de matemática são voltados para situações corriqueiras do dia a dia. Nas aulas de ciências são abordados temas como poluição das águas e saneamento básico. Através da interação com os alunos por meio das experiências do dia a dia. Conteúdo relacionado ao trabalho (Professor C).

Observa-se, no diálogo, que os professores deixam evidente o ensino interdisciplinar e transversal sobre as questões ambientais e culturais do local, o que reverbera no dia a dia dos alunos, por serem estudantes trabalhadores que vivenciam os desequilíbrios causados por fatores sociais e econômicos.

Ao serem questionados na perspectiva do ensino sobre a educação ambiental na EJA e na dimensão do trabalho desenvolvido nos ecossistemas de manguezais, os sujeitos entrevistados elencaram diversos caminhos que têm possibilitado um ensino voltado ao meio ambiente, no tocante às áreas dos ecossistemas costeiros. Para tanto, vale ressaltar a importância da valorização de um ensino conectado com as atividades que esses educandos desenvolvem no seu cotidiano. Segundo ele, fazem conexões com os conteúdos e a vivência desses trabalhadores de forma a permear caminhos para que eles percebam não só o valor

econômico como também o simbólico que esses manguezais representam para as comunidades tradicionais que lutam para manter a sua ancestralidade.

Gráfico 5 - O ensino sobre Educação Ambiental na EJA no contexto dos ecossistemas de manguezal.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2022).

Podemos observar que o ensino na escola da EJA, de acordo a comunidade escolar estudada, é estruturado com maior ênfase através do “conhecimento isolado”, sendo isso apontado por 67% dos professores entrevistados. Esse índice chama atenção, visto que o ensino nessa modalidade deveria ser pautado pela interdisciplinaridade e transversalidade tão necessárias para uma educação que valorize a multirreferencialidade dos saberes e espaços que fazem parte das vivências dos sujeitos da EJA. Ainda com relação ao Gráfico 5, as proposições apontadas na pesquisa, tais como: “tema gerador”; “eixo temático” e “tema transversal” pontuaram cada uma 33%.

Os professores entrevistados também foram indagados acerca de como é trabalhada a realidade socioambiental na qual estão inseridos os pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu, diante dos problemas causados pela falta de infraestrutura e saneamento básico que comprometem o ecossistema manguezal e a própria sobrevivência dos moradores. Em suas respostas, os professores afirmaram que:

Busco apresentar os riscos e perigos do avanço da degradação sobre as áreas do manguezal. Pra tentar sensibilizar os alunos para consciência ambiental. Às vezes, faço uso de casos concretos de degradação na comunidade, levando os alunos a refletir sobre os impactos e como isso afeta a comunidade. (Professor A).

Faço pesquisas de matérias de apoio sobre a temática, mediando com a realidade vivenciada pelos alunos na comunidade, pra que percebam que toda a problemática da degradação socioambiental que a gente vê nas aulas está próxima de nós, de nossa

comunidade. O objetivo é despertar neles uma outra postura ambiental, uma tomada de consciência, pra que sejam multiplicadores dos ideais ambientais. (Professor B).

Em dois momentos, foi trabalhado o tema de saneamento básico por meio de um vídeo documentário sobre a temática. E durante a exibição, os alunos foram provocados a relacionar com a realidade da comunidade. Às vezes, por conviver sempre com isso, termina acostumando e não damos a atenção necessária. (Professor C).

É perceptível que os professores buscam apresentar e desenvolver na sala de aula e em atividades extraclasse mecanismos que favorecem a interação de conhecimentos e saberes sobre a realidade socioambiental das atividades e cultura laboral local. Nesta pesquisa, foi perguntado aos professores entrevistados se os alunos da EJA percebem os malefícios causados pelo lixo nos ecossistemas de manguezais. Todos os professores, ou seja, 100% dos colaboradores da pesquisa, responderam que sim. Com a verbalização positiva dos professores em relação ao comportamento dos estudantes, na interação em sala de aula, fica perceptível que os problemas ambientais dos espaços de trabalho e de vivência, como exemplo a falta de saneamento básico e a construção de moradias em áreas de manguezais, são temas abordados pelos alunos, ampliando o conteúdo e o diálogo entre professores e discentes no espaço escolar.

Figura 18 - Moradias construídas nos espaços do ecossistema costeiro manguezal - Comunidade de Baiacu, Vera Cruz.



Fonte: Acervo do autor (2022).

Os espaços costeiros têm sofrido alterações na medida em que moradias são construídas adentrando as áreas dos manguezais. No tocante a esta pesquisa, a imagem acima revela a

necessidade de um trabalho planejado, estruturado que vise a conscientização para que os moradores dialoguem sobre o tema e percebam a importância dos cuidados ambientais para segurança e sobrevivência da própria comunidade e evitem, em comum acordo, que outras moradias adentrem áreas de proteção ambiental na localidade.

8.6 O OLHAR DA GESTÃO E COORDENAÇÃO ESCOLAR SOBRE OS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES, PESCADORES E MARISQUEIRAS DA COMUNIDADE DO BAIACU

Quadro 10 - Caracterização da gestão e coordenação da escola da EJA, lócus da pesquisa.

FUNÇÃO	GÊNERO	FORMAÇÃO	FAIXA ETÁRIA	ATUAÇÃO NA EJA	FORMAÇÃO EM EJA
Gestor	Masculino	Licenciatura em Pedagogia e Biologia	50 a 61 anos	13 anos	Sim
Coordenadora	Feminino	Licenciatura em Pedagogia	25 a 30 anos	Não informado	Não

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2022).

Ao questionar a coordenadora de como é direcionado o trabalho pedagógico com os professores da Educação de Jovens e Adultos, no ensino com alunos pescadores e marisqueiras da comunidade local, em relação à questão ambiental, obtivemos a seguinte resposta:

Infelizmente, até então os estudantes não têm professor de Educação Ambiental o qual seria de fundamental importância para se trabalhar questões ambientais, necessariamente a importância do cuidado e da preservação das áreas voltadas ao ambiente de trabalho da maioria dos moradores das localidades; o manguezal, o mar, o oceano. Também o desmatamento, a poluição do solo. (Coordenação da Escola Local).

A entrevistada sinalizou como problemática a inexistência de um professor para trabalhar a temática em questão. Entretanto, de acordo a LDB 9.394/96, a Educação Ambiental é um tema transversal, com isso, ela precisa ser trabalhada em todos os componentes curriculares, nas variadas áreas de conhecimento, não necessitando de um professor específico para trabalhar os objetos de conhecimentos referentes às questões ambientais.

Quadro 11 - Posicionamento da coordenação em relação as proposições elencadas na entrevista.

Proposições	Respostas do Coordenador	Posicionamento do pesquisador
Projeto no ensino da EJA, que desperte nos alunos um olhar crítico	Não há projetos	O que se percebe na dialógica da

e reflexivo em relação à infraestrutura local.		coordenadora foi um desencontro de informações em relação ao que foi elencado pelos professores no que tange a projeto de ensino para os alunos e ao trabalho com a realidade socioambiental da comunidade, que segundo eles, é desenvolvido na escola.
Trabalhado com a realidade socioambiental em que estão inseridos os pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu	Não está sendo trabalhado	
Os pescadores e marisqueiras, estudantes da EJA, percebem os malefícios causados pelo acúmulo de lixo e esgotamento sanitário que adentram os ecossistemas de manguezais.	Embora sejam filhos de pescadores e marisqueiros e alguns, bem poucos, destes estudantes, pesquem e ou marisquem, não percebo postura e interesse destes em cuidar, em preservar esse ambiente tão rico e que nos sustenta. Eles não estão preocupados nem um pouco com o amanhã e isso me deixa muito triste.	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2022).

No Quadro 11, é possível perceber a preocupação da coordenadora com relação ao desinteresse dos educandos sobre as questões socioambientais, como também a desvalorização da cultura local da pesca e da mariscagem, assim como a perpetuação dessas atividades laborais que são marcas culturais da comunidade tradicional.

Quadro 12 - Posicionamento da Gestão em relação às proposições elencadas na entrevista.

Proposições	Respostas do Gestor	Posicionamento do pesquisador
Período que oferta a modalidade EJA na unidade de ensino.	De 2013 a 2022	De acordo a dialógica da direção da escola, representada pela diretora, a escola possui uma estrutura formalizada para o atendimento dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Aborda também a aproximação do espaço escolar com a comunidade e a realidade da cultura local no que tange às experiências vivenciais dos alunos no campo do trabalho e nas diversas atividades do dia a dia.
Em qual tempo formativo da EJA é ofertado.	Tempo Formativo II	
Qual turno de funcionamento.	Noturno	
Alunos pescadores e marisqueiras na EJA.	Sim	
Contribuição da EJA para que os pescadores e marisqueiras tenham reflexões críticas sobre o ecossistema local e problemas ambientais.	Sim. Dar oportunidade de aprimorar o conhecimento do cotidiano, no mundo do letramento.	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2022).

No quadro acima, podemos perceber como a Educação de Jovens e Adultos está estruturada na comunidade pesquisada, de acordo o que foi apontado pela gestora da instituição de ensino. Desse modo, percebe-se que, além da organização, há também preocupação com o desenvolvimento educacional dos sujeitos que compõem a unidade escolar. Para Arroyo (2005, p. 42) "os jovens e adultos que voltam ao estudo, sempre carregam expectativas e incertezas à

flor da pele". Portanto, a entrevistada enfatiza o direito à voz dado a esses educandos, respeitando, assim, suas falas, de modo que eles possam apropriar-se dos conhecimentos escolares que são direcionados ao seu cotidiano, fazendo relação com suas histórias de vida para que apropriem-se do lugar de pertencimento.

Arroyo, (2005, p.24-25, grifos no original) afirma que:

Não se pode separar o direito à escolarização, dos direitos humanos. [...] Os "jovens-adultos", mesmo que tenham estacionado o processo de escolarização, não "paralisam" os "processos de sua formação mental, ética, identitária, cultural, social e política". [...] É preciso um olhar mais positivo, reconhecendo que os sujeitos da EJA, "protagonizam trajetórias de humanização", participando em lutas sociais pela garantia de seus direitos.

Arroyo (2005) enfatiza a inseparabilidade entre o direito à escolarização e os direitos humanos, ressaltando que os "jovens-adultos" que, por diversos motivos, tenham interrompido ou atrasado seu percurso escolar, continuam a se desenvolver intelectual, ética, identitária, cultural, social e politicamente. Isso é especialmente relevante na Educação de Jovens e Adultos, onde muitos alunos enfrentam desafios educacionais ao longo da vida. Essa perspectiva positiva destaca que os sujeitos da EJA não são apenas receptores passivos de conhecimento, mas também agentes ativos em suas próprias trajetórias de humanização. Eles participam ativamente em lutas sociais pela garantia de seus direitos, demonstrando que a educação não se limita à sala de aula, mas está intrinsecamente ligada aos processos de emancipação e cidadania, cumprindo, assim, a premissa de que a educação é um direito humano fundamental.

No material “Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos”, produzido pelo Ministério da Educação (Brasil, 2006, p. 4), pode-se observar as considerações referentes aos estudantes da EJA:

A visão de mundo de uma pessoa que retorna aos estudos na fase adulta, após um tempo afastada da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória nessa fase da vida é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, os alunos jovens e adultos configuram tipos humanos diversos. Homens e mulheres que chegam a escola com crenças e valores já constituídos.

A EJA, trazendo para o contexto da comunidade tradicional de Baiacu, permite aos estudantes compartilhar experiências singulares de retorno aos estudos na fase adulta, muitas vezes após longos períodos de afastamento da escola. Assim ocorre com os pescadores e marisqueiras da comunidade que trazem consigo uma bagagem rica em vivências e saberes adquiridos ao longo de suas jornadas de vida. Essa experiência única molda a visão de mundo desses indivíduos, tornando-os protagonistas de histórias reais e diversificadas.

Muitos desses alunos da EJA, da comunidade pesqueira de Baiacu, chegam à escola com crenças e valores já estabelecidos. Suas perspectivas sobre a educação podem ser influenciadas por suas experiências prévias e pelas demandas específicas de suas comunidades. Eles carregam um profundo respeito pela tradição e pelos conhecimentos transmitidos ao longo das gerações, o que pode se refletir em suas abordagens relativas ao processo de aprendizagem. Portanto, a visão de mundo desses alunos, jovens e adultos, é enriquecida pela conexão entre a educação formal e as ricas vivências que moldam suas identidades, criando uma sinergia entre a escola e a cultura da comunidade local.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intensa degradação ambiental tem acarretado a trágica extinção de diversas formas de vida que habitam os delicados ecossistemas do nosso planeta. Entre esses, os manguezais destacam-se como verdadeiros berçários naturais, abrigando uma rica diversidade de espécies marinhas e terrestres. Além de sua importância intrínseca para a biodiversidade, os manguezais também desempenham um papel vital na sustentabilidade econômica de numerosas comunidades locais, que dependem desses recursos para suas subsistências.

No entanto, a contínua exploração irresponsável e as práticas insustentáveis têm ameaçado a integridade desses ecossistemas únicos. A preservação dos manguezais e a restauração de áreas degradadas são fundamentais não apenas para a manutenção da biodiversidade, mas também para garantir a continuidade das atividades econômicas e o bem-estar das famílias que dependem deles.

A análise das percepções dos pescadores e marisqueiras estudantes da EJA em relação à sobrevivência nos manguezais e aos problemas ambientais causados pelo lixo na localidade de Baiacu revela uma interdependência crucial entre a comunidade e o ecossistema costeiro. As narrativas compartilhadas destacam a profunda ligação cultural e econômica que esses

grupos têm com os manguezais, enfatizando a importância dos recursos naturais para a subsistência local.

No entanto, a presença crescente de resíduos sólidos ameaça tanto a biodiversidade do ecossistema quanto a própria sustentabilidade das atividades tradicionais. Portanto, medidas de conscientização, gestão de resíduos e apoio à educação ambiental são imperativas para promover a coexistência harmoniosa entre a comunidade e o ambiente, garantindo a preservação das tradições ecológicas e a saúde a longo prazo dessas áreas costeiras.

A necessidade de abordar essa problemática abrange desde a implementação de políticas de preservação ambiental até a promoção de iniciativas educacionais que fortaleçam a conscientização sobre a importância dos manguezais e a necessidade de conservá-los. A partir desse entendimento coletivo, é possível aspirar a um futuro no qual a convivência harmoniosa entre a comunidade e o ecossistema se traduza em benefícios sustentáveis para ambos.

Nesse contexto, a proposta da interação sobre os saberes locais, as experiências vivenciais e as percepções das atividades laborais da pesca e mariscagem artesanal contextualizada na Educação Ambiental no ensino da EJA com esses homens e mulheres da comunidade local é um instrumento promissor para enfrentar esses desafios.

A EJA não deve apenas visar à alfabetização e à capacitação profissional, mas também à formação cidadã e à conscientização ambiental. A implementação de um programa de Formação Ambiental no âmbito da EJA é imperativa para promover a compreensão dos indivíduos sobre os impactos de suas ações no meio ambiente e fomentar a adoção de práticas sustentáveis em suas vidas cotidianas.

Ao caracterizar a realidade socioeconômica desses estudantes trabalhadores, buscou-se aprofundar o entendimento das condições de vida e das circunstâncias enfrentadas por esse grupo específico. Ao realizar tal caracterização, não apenas foi possível traçar um retrato da situação socioeconômica, mas também compreender os desafios que esses indivíduos enfrentam em sua jornada educacional e profissional.

A comunidade de Baiacu, situada em um contexto litorâneo e dependente da atividade pesqueira e de mariscagem, apresenta uma dinâmica peculiar. Através da Educação de Jovens e Adultos (EJA), muitos pescadores e marisqueiras buscam superar barreiras educacionais e ampliar suas oportunidades, evidenciando um desejo de melhoria de suas condições de vida e uma aspiração por novas perspectivas profissionais.

A realidade socioeconômica abarcou uma análise de múltiplos fatores. Incluiu aspectos econômicos, como a renda média familiar, as fontes de sustento e a participação na economia local. Também englobou elementos sociais, como o acesso a serviços de saúde, educação e

infraestrutura básica. A análise considerou as condições de moradia, segurança alimentar e outros, fundamentais para uma compreensão abrangente da realidade desses pescadores e marisqueiras.

Além disso, a investigação dessa realidade pôde revelar desigualdades de gênero, acesso limitado a oportunidades educacionais e possíveis desafios enfrentados pelos estudantes da EJA em conciliar as demandas de aprendizado com suas atividades de subsistência. Ao identificar esses obstáculos, é possível pensar em estratégias de apoio e políticas públicas que abordem de maneira mais eficaz as necessidades desse grupo.

Ao aprofundar a compreensão das áreas de manguezais na comunidade de Baiacu e da identificação dos principais problemas socioambientais que afetam a região, conforme relatado pelos participantes da pesquisa, foi possível coletar informações valiosas para o estudo. Informações que se tornaram fundamentais para conduzir as entrevistas e pesquisas com os moradores locais, pescadores e marisqueiras, a fim de compreender suas percepções, experiências e preocupações relacionadas aos problemas socioambientais na região.

No decorrer da pesquisa, foram identificados problemas socioambientais diversos, como o desmatamento dos manguezais para expansão urbana, a poluição da água por resíduos de esgotamento sanitários e resíduos sólidos e a degradação dos habitats naturais. Esses problemas podem afetar não apenas a biodiversidade local, mas também a subsistência e o bem-estar das comunidades que dependem dos recursos naturais proporcionados pelos manguezais.

Dentro desse contexto, a pesquisa também pôde evidenciar como a EJA contribui para a valorização das práticas tradicionais de pesca e mariscagem, enquanto incentiva uma maior conscientização sobre a importância da preservação dos ecossistemas costeiros. Através de currículos que integram conhecimentos científicos e tradicionais, os pescadores e marisqueiras estudantes podem desenvolver habilidades críticas e capacidades analíticas que os auxiliem a tomar decisões informadas sobre a gestão sustentável de recursos naturais.

Consequentemente, a pesquisa não apenas ilumina os benefícios educacionais da EJA para essas comunidades, mas também destaca o papel vital que esses indivíduos podem desempenhar na promoção da conservação ambiental local, influenciando políticas e práticas que garantam a harmonia entre a atividade humana e a preservação do meio ambiente marinho. Em última análise, a investigação delineada representa um passo importante para valorizar e empoderar esses estudantes da EJA, enquanto se esforça para construir um futuro mais sustentável e equilibrado para as comunidades costeiras e seus ecossistemas.

Ao abraçar a Educação Ambiental, o ensino na EJA capacita os indivíduos a se tornarem agentes de mudança positiva em suas comunidades. Essa abordagem não apenas reduzirá os

problemas ambientais originados pela interferência humana nos manguezais e outros ecossistemas, mas também contribuirá para a criação de uma consciência coletiva sobre a importância vital da preservação ambiental.

Em suma, é crucial que os esforços de educação em EJA se estendam além dos aspectos acadêmicos e profissionais, incorporando a dimensão ambiental. Ao empoderar os indivíduos com conhecimentos e valores que os levem a agir de forma responsável e sustentável, estaremos pavimentando o caminho para um futuro no qual os manguezais e sua rica biodiversidade possam coexistir harmoniosamente com as atividades humanas, beneficiando tanto as gerações presentes quanto as futuras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

ANDRIGUETTO FILHO, J. M. **Sistemas técnicos de pesca e suas dinâmicas de transformação no Litoral do Paraná, Brasil**. 1999. 254 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

ARBACHE, Ana Paula. **A Formação de educadores de pessoas jovens e adultos numa perspectiva multicultural crítica**. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2001.

ARROYO, Miguel. Educação de jovens adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In*: SOARES, Leôncio José Gomes; GIOVANETTI, Maria Amélia.; GOMES, Nilma Lino. (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.19-50.

ARROYO, Miguel. Revendo os vínculos entre trabalho e educação: elementos materiais da formação humana. *In*. SILVA, Tomaz Tadeu. **Trabalho, educação e prática social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. Disponível em https://alfacejablog.files.wordpress.com/adna-santos-das-neves-andreia-de-santana-santos-katia-siqueira-de-freitas_articulac3a7c3a3o-educac3a7c3a3o-e-mundo-do-trabalho-na-eja-uma-relac3a7c3a3o-possc3advel-ou-utc3b3pica.pdf (wordpress.com). Acesso em 17 jul. 2020.

BOCCATO, Vera Regina. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. Resolução CONAMA nº 10, de outubro de 1993. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1993. Disponível em: < www.mma.gov.br > Acesso em: 24 abr. 2021

BRASIL. Ministério da Educação, Coleção trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos, Caderno 5: O processo de aprendizagem dos alunos e professores. Brasília, 2006.

BRASIL. MEC. **Relatório educação para todos no 2000-2015**. Ministério da Educação: MEC 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15774-eprelatorio-06062014&category_slug=junho-2014-pdf&Itemid=30192. Acesso em 20 dez. 2023.

BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 11. ed. Brasília: Centro de Documentação e Informação: edições Câmara, 2015. Disponível em<<http://www.ufsj.ed.br/portal2-repositorio/proen/ldb-11ed.pfd>> Acesso em: 26 dez. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário oficial da União, Brasília 05 out.1988.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. **10 Lições sobre Maurice Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CARVALHO, Isabel Cristina. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

CAVALCANTE, Meire. A Educação de Jovens e Adultos. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril Cultural, 2006.

CAVALCANTI, Clóvis (org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1997.

CAVALCANTI, Alberes de Siqueira. Olhares epistemológicos e a pesquisa educacional na formação de professores de ciências. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 983-998 out./dez. 2014.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN. Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CINTRÓN, G. Caracterización y manejo de áreas de manglar. In: SIMPÓSIO SOBRE ECOSISTEMAS DA COSTA SUL E SUDESTE BRASILEIRA. São Paulo, 1987.

CLAUZET, Mariana; RAMIRES, Milena; BARELLA, Walter. Pesca Artesanal e Conhecimento Local de duas Populações Caiçaras (Enseada do Mar Virado e Barra do Una) no Litoral de São Paulo, Brasil. **Multiciência**, Campinas, v. 4, p. 1-22, 2005.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO – CMMAD. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. Apresentação. In.: Del Rio, Vicente; Oliveira, Livia de (Orgs). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Carlos: Ed. Da UFSCar. 1996.

DIAS NETO, José; DORNELLES, Lia Drumond. **Diagnóstico da pesca marítima do Brasil**. Brasília: IBAMA, 1996.

DIAS, Genebaldo. **Educação Ambiental: Princípios e práticas**. São Paulo, SP: Gaia, 2004.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant' Ana. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Trad. De Kátia de Melo e Silva. 3 ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. O Homem e Sua Experiência/Alfabetização e Conscientização. In: FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980, p. 13-50.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 39ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GODOY, Leandro Pereira de. **A conquista Ciências**. São Paulo: FTD, 2014.
- GUEDES- PINTO, Ana Lucia. **Rememorando Trajetória da professora alfabetizadora: a leitura como prática construtiva de sua identidade e formação profissionais**. Campinas. SP: Mercado de Letras, 2002.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alinea, 2001.
- GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. São Paulo: Papirus, 2004.
- HENRIQUES, Ricardo. Desnaturalizar a desigualdade e erradicar a pobreza no Brasil. *In.*: NOLETO, Marlova Jovchelovitch; WERTHEIN, Jorge. **Pobreza e Desigualdade no Brasil: traçando caminhos para a inclusão social**. Brasília: Unesco, 2003.
- JACOBI, Claudia; FLEURY, Lorena; ROCHA, Ana Carolina. Percepção ambiental em unidades de conservação: experiência com diferentes grupos etários no Parque Estadual da 24 Serra do Rola Moça, MG. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte, 2004. Disponível em < <http://www.ufmg.br/proex/arquivos/7Encontro/Maio12pdf>>: Acesso em: 13 de outubro de 2021.
- LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- LOURAU, René. Objeto e método da análise instrucional. *In.*: ALTOÉ. Sônia. **René Lourau. Analista instrucional em tempo integral**. São Paulo: Hucetec, 2004. p.66-84.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: FEAM, 2002.
- MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MALDONADO. Simone Carneiro. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Luiz Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MATOS, Alicio. **Círculos de cultura na Educação de Jovens e Adultos: Ambiente, Agrotóxicos e Saúde com Trabalhadores da Agricultura, Assentados da Fazenda palestina, Cravolândia-BA**. 2018.
- MEDEIROS, Aurélia; MENDONÇA, Maria José; SOUSA, Glaucia.; OLIVEIRA, Itamar. A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 4, n. 1, setembro. 2011.

- MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas**. Campinas: Papirus. 1990.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** 5. ed. São Paulo: Editora WMF/ Martins Fontes, 2018.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MINAYO, Maria Cecilia (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MOVIMENTO DOS PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS. **Campanha Nacional pela Regularização do Território das Comunidades Tradicionais Pesqueiras: Cartilha para trabalho de base da campanha pelo território pesqueiro**. 2012. Disponível em <https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/cartilhaterritoriopesqueiro.pdf>. Acesso em 15 out. 2021.
- PÁDUA, Elisabete MatalloMarchezine de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 2. ed. Campinas: Papiros, 1997.
- PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973.
- PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983.
- PATTON, Michael Quinn. **Qualitative evaluation and research methods**. 3rd ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications. 2002.
- PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos no Estado do Paraná**. Versão preliminar, SEED/SUED: 2005.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Tradução Ivette Braga. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. 1973.
- PINHEIRO, Damaris K.; DEBONI, Lidiane. O que você faz com seu lixo? Estudo sobre a destinação do lixo na zona rural de Cruz Alta/RS- Passo dos Alemães. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação E Tecnologia Ambiental*, 1(1), 13–21, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/2281> Acesso em: 22 jan. 2024.
- REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 8 ed. São Paulo: Cartaz, 2010.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

REZENDE, Elisa Antônia; RIBEIRO, M.T.F. Conhecimento tradicional, plantas medicinais e propriedade intelectual: biopirataria ou bioprospecção. **Rev.Bras. Pl.Med.**, Botucatu, v.7, n.3, p.37-44, 2005.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Educação de adultos: cenários, perspectivas e formação de educadores**. Brasília, DF: Liber/Instituto Paulo Freire, 2007.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

ROSSONI, Igor; Maria da Conceição Pinheiro Araújo; ARAÚJO, Maria das Graças Meirelles Correia. **Vera Cruz: nas letras da docência**. Salvador: IFBA, 2012.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: Guia para eficiência nos estudos**. São Paulo, Atlas, 1982.

SACRISTÁN, Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, Lêda Loss. **Educação de jovens e adultos: marcas da violência na produção poética**. Passo Fundo: UPF. 2003.

SANTOS, Gevaldo Araújo dos; MATOS, Alicio Rodrigues; SOUZA, Vangivaldo de Menezes; RODRIGUES, Rosangela Lima; SILVA, Erick. Educação ambiental em áreas de mangues junto a trabalhadores: pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu – Itaparica-BA.. In: **Anais do III Seminário Internacional de Análise Cognitiva**. Anais...Salvador(BA) UFBA, 2019. Disponível em: www.even3.com.br/Anais/SIANCO_2019/207238-EDUCACAO-AMBIENTAL-EM-AREAS-DE-MANGUES-JUNTO-A-TRABALHADORES--PESCADORES-E-MARISQUEIRAS-DA-COMUNIDADE-DE-BAIACU. Acesso em: 09 ago.2023.

SANTOS, Gevaldo; SOUSA, Leliana Santos; RODRIGUES, Rosangela Lima de Neves. A etnografia como proposta metodológica para conhecer os pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu: sobrevivência a partir dos manguezais. **Anais do VI ALFAeEJA Encontro Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos**, 2020.

SCHAEFFER-NOVELLI, Yara. **Manguezal: Ecossistema entre a terra e o mar**. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995.

SEGURA, Denise de S. Baena. **Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2001. 214p.

SILVA, Edna Lucia.; MENEZES, Estera. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Manual de orientação. Florianópolis, UFSC/PPGEP/LED, 2001. Disponível em:

<<http://www.scribd.com/doc/2367267/DA-SILVA-MENEZES-2001-Metodologia-da-pesquisa-e-elaboracao-de-dissertacao>> Acesso em: 15 out. 2021.

SILVA, Maria O.S. Desigualdade, pobreza e programas de transferência de renda na América latina. Editorial. São Luís. **Revista de Políticas Públicas**. V.13. n.2. p. 157 a 159. jul./dez. 2009.

SILVA, Jerry Adriani. **Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as nas propostas pedagógicas de educação de jovens e adultos-EJA: tudo junto e misturado**. 2010. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOARES, Leôncio. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUSA, Leliana S. de *et.al.* Etnometodologia, Análise Institucional e o Prático-Pesquisador na Pesquisa Contemporânea. *In.* SOUSA, Leliana; MATOS, Alicio; SOUZA, Vangivaldo. **Saberes e Práticas, Métodos Multirreferenciais de Pesquisa**. Série Educação & Desenvolvimento Humano/Regional v.4 n.1 – Metodologia. CRV editora, Curitiba. 2020.

SOUSA, Leliana S. de. A Entrevista, O Imaginário e a Intuição. *In.* GAUTHIER, Jacques Henri; CABRAL, Ivone Evangelista; SANTOS, Iraci; TAVARES, Claudia Mara **Pesquisa em Enfermagem**-Novas Metodologias Aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de; SILVA, Eurides, Brito da. **Como entender e aplicar a nova LDB: lei nº 9.394/96**. São Paulo: Pioneira,1997.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1992.

UNESCO. **Década da Educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014**: documento final do esquema internacional de implementação, Brasília, Brasil, 2005.

VALE, Fundação. **Jovens e Adultos na sala de aula: sujeitos e aprendizagens na EJA**. Brasil, 2014. Disponível em: http://www.viveraprender.org.br/wpcontent/uploads/2015/06/Compila%C3%A7%C3%A3o-Vers%C3%A3oVale_SITE-1.pdf . Acesso em 25 set. 2022.

VANNUCCI, Marta. **Os manguezais e nós: uma síntese de percepções**. São Paulo: Edusp, 1999.

VERGARA, Silvia. **Gestão de pessoas e subjetividade**. São Paulo: Atlas, 2001.

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS PESCADORES E MARISQUEIRAS
ESTUDANTES DA EJA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -
MESTRADO PROFISSIONAL

Esta pesquisa tem a finalidade de conhecer as práticas cotidianas de pescadores e marisqueiras da comunidade do Baiacu no município de Vera Cruz- BA, Projeto desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos, da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, do pesquisador Gevaldo Araújo dos Santos, intitulada de “BAIACU: EJA E AS NARRATIVAS DE PESCADORES E MARISQUEIRAS EM SOBREVIVÊNCIA NOS MANGUEZAIS DE VERA CRUZ - BA” orientada pela professora Doutora Leliana Santos de Sousa.

O colaborador não terá nenhuma obrigatoriedade em responder as questões através da entrevista. Por outro lado, a sua contribuição será de fundamental importância para que possamos fazer o levantamento das informações necessárias para compor os resultados desta pesquisa. A sua identidade não será revelada, bem como as informações não serão analisadas isoladamente, nem atribuída a elas nenhum juízo de valor.

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1-Comunidade que mora?

2- Gênero

- () Masculino
 () Feminino

3- Faixa etária

- () 18 a 25 anos
 () 19 a 35 anos
 () 20 a 38 anos
 () 39 a 49 anos
 () 50 a 61 anos
 () 62 a 72 anos
 () outra

4- Escolaridade

- () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo

PERFIL SOCIOAMBIENTAL

QUESTÕES SOBRE SUSTENTABILIDADE PARA A CONSERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

5- Você acredita que contribui para os problemas ambientais nos manguezais?

- () Não
 () Sim, pouco.
 () Sim, muito.

6- Você acredita que é possível reduzir os problemas ambientais no mundo?

- () Não
 () Sim

Como?

7- Qualifique seu interesse pelos assuntos relacionados com o Meio Ambiente?

- A) Muito interessado ()
 B) Razoavelmente interessado ()
 C) Pouco interessado ()
 D) Nenhum interesse ()
 E) Não sei ()

8- O que você acha da importância da formação ambiental na Educação de Jovens e Adultos?

- A) Muito importante ()
 B) Importante ()
 C) Pouco relevante ()
 D) Irrelevante ()
 E) Não sei ()

9- Na sua avaliação, em sala de aula, são tratados assuntos ligados ao Meio Ambiente?

- A) Sempre ()
 B) Raramente ()
 C) Nunca ()
 D) Não sei ()

10 - Na sua visão os conteúdos de Geografia e de Ciências trabalhados pelo professor em sala de aula na EJA faz alguma relação com as atividades de trabalho que você desenvolve no seu cotidiano?

- () Não
 () Sim, pouco.
 () Sim, muito.

Parte II: Questões específicas

11- As questões ambientais ocupam cada vez mais espaço entre as discussões na sociedade. O que você pensa sobre este assunto?

- () Chato
 () Indiferente
 () Interessante

12- Seus professores abordam temas e questões ambientais em sala de aula?

- () Sim
 () Não

13 Você já participou de alguma palestra ou atividade sobre Meio Ambiente e Educação Ambiental na sua escola, associação ou em outro espaço?

- () Sim
 () Não
 () Não Lembro

14 Onde você aprende sobre questões ambientais?

- () TV
 () Escola
 () Em casa
 () Internet
 () Livros
 () Revistas
 () Outro. Qual? _____

PERFIL SOCIOECONOMICO

15 - Onde e como você mora atualmente?

- [] Em casa com sua família.
 [] Em casa sozinho(a).
 [] Em quarto ou cômodo alugado, sozinho(a).
 [] Em casa de outros familiares
 [] Em casa de amigos
 [] Em habitação coletiva: hotel, hospedaria, quartel, pensionato, república, etc.
 [] Em casa/apto, mantidos pela família para moradia do estudante
 [] Outra situação, qual ? _____

16-Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você)

- [] Duas pessoas.
 [] Três pessoas.

- Quatro pessoas.
- Cinco pessoas.
- Seis pessoas.
- Mais de 6 pessoas.
- Moro sozinho.

17- Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar à Escola?

- A pé/carona/bicicleta.
- Transporte coletivo.
- Transporte escolar.
- Transporte próprio(carro/moto).

18- Qual é a sua participação na vida econômica de sua família?

- Você não trabalha e seus gastos são custeados.
- Você trabalha e é independente financeiramente.
- Você trabalha, mas não é independente financeiramente.
- Você trabalha e é responsável pelo sustento da família.

19- Qual a renda mensal de sua família? (considere a renda de todos os integrantes da família, inclusive você)

- Nenhuma.
- 1 salário mínimo
- Até 02 salários mínimos
- de 03 até 05 salários mínimos
- Superior a 08 salários mínimos
- Recebe Benefício social governamental , qual?_____ valor atual:

INFORMAÇÕES DAS ATIVIDADE DE PESCA E MARISCAGEM

20-Em sua atividade diária na mariscagem qual dessas espécies de crustáceos você extrai com maior frequência dos manguezais?

- Ostra
- Chumbinho
- Lambreta
- Sururu preto
- Caranguejo
- Siri
- Aratu

21-Em sua atividade diária na pesca qual dessas espécies de peixe você extrai com maior frequência dos manguezais?

- Tainha Cabeçudo Robalo Carapeba cacunda
- Xangó Massambe pititinga Camarão
- Caramuru miroro Penina Arraia calção

22- Qual o tempo de experiência que você tem desenvolvendo atividade de pescadores e marisqueiras

- 0 a 4 anos
- 5 a 10 anos
- 11 a 20 anos

- 21 a 40 anos ()
 Mais de 40 anos ()

23- De acordo com as classificações dos tipos de pescas quais dessas você pratica nas suas atividades de trabalho no cotidiano?

- () pesca científica,
 () pesca amadora,
 () pesca de subsistência,
 () pesca artesanal ou de pequena escala
 () pesca empresarial/industrial

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES DA EJA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -
MESTRADO PROFISSIONAL

Prezado (a) Professor (a), você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa através da entrevista, que tem como perspectiva fazer o levantamento das informações no que diz respeito ao ensino na unidade escolar sobre a Educação Ambiental com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Município de Vera Cruz-BA. A referida pesquisa será desenvolvida pelo mestrando Gevaldo Araújo dos Santos, do Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos, da Universidade do Estado da Bahia, campus I, Orientado pela Prof.^a Dra Leliana Santos de Sousa. A sua identidade não será revelada bem como as informações não serão analisadas isoladamente, nem atribuída a elas nenhum juízo de valor. Portanto preciso de alguns instantes de sua atenção e desde já agradecemos a sua colaboração.

Questões de Pesquisa

- 1- Você atua na modalidade de ensino EJA?

() SIM () NÃO

2-Sendo positiva a resposta da pergunta anterior, há quanto tempo atua na EJA?

3-Qual a sua formação?

4- Você tem alguma formação voltada ao ensino da EJA?

() Especialização

() Pós graduação Latu sensu

() Mestrado

() Formação continuada

5-Na sala de aula, na Educação de Jovens e Adultos, você tem alunos pescadores e Marisqueiras?

() Sim () Não

6- Como você relaciona os conhecimentos trabalhados na EJA no contexto das atividades laborais de pescadores e marisqueiras da comunidade de Baiacu?

7- Como é realizado o ensino sobre Educação Ambiental na EJA, no contexto do ecossistema manguezal?

() Como tema gerador

() Componente curricular

() Eixo temático

() Tema transversal

() Conhecimento isolado

8- Como é trabalhado a realidade socioambiental que estão inseridos os moradores de Baiacu, diante dos problemas causado pela falta de estrutura e saneamento básico que compromete o ecossistema manguezal e a própria sobrevivência dos moradores.

9-No seu modo de vê, pescadores e marisqueiras, estudantes da EJA, percebem os malefícios causado pelo ecumulo de lixo e esgotamento sanitário que adentram os espaços de manguezais?

Sim () não () de que forma?

APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA À COORDENADORA PEDAGÓGICO DA MODALIDADE DE ENSINO EJA



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -
MESTRADO PROFISSIONAL**

Prezado (a) Cordenador (a) você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa através da entrevista, que tem como perspectiva fazer o levantamento das infomações no que diz respeito ao ensino na unidade escolar sobre a Educação Ambiental com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Município de Vera Cruz-BA. A referida pesquisa será desenvolvida pelo mestrando Gevaldo Araújo dos Santos, do Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos, da Universidade do Estado da Bahia, campus I, Orientado pela Prof.^a Dra Leliana Santos de Sousa. A sua identidade não será revelada bem como as informações não serão analisadas isoladamente, nem atribuída a elas nenhum juízo de valor. Portanto preciso de alguns instantes de sua atenção e desde já agradecemos a sua colaboração.

Questões de Pesquisa

1-Você atua na coordenação pedagógica na modalidade de ensina EJA?

() SIM () NÃO

2-Sendo positiva a resposta da pergunta anterior, há quanto tempo atua no acompanhamento pedagógico dessa modalidade?

3-Qual a sua formação?

4- Você tem alguma formação voltada ao ensino da EJA?

() Especialização

() Pós graduação Latu sensu

() Mestrado

() Formação continuada

5-Como é direcionado o trabalho pedagógico com os professores da Educação de Jovens e Adultos, no ensino com alunos pescadores e Marisqueiras da comunidade local?

() Sim () Não

6- É trabalhado algum projeto no ensino da EJA que desperte nos alunos um olhar crítico e reflexivo em relação estrutura local, tais como, falta de saneamento básico que prejudica os manguezais, ecossistema tão importante para o equilíbrio da biodiversidade e fonte de sustento para os pescadores e marisqueiras da comunidade local? Caso positivo poderá descrever algum?

7- Como é trabalhado a realidade socioambiental que estão inseridos os moradores de Baiacu, diante dos problemas causado pela falta de estrutura e saneamento básico que compromete o ecossistema manguezal e a própria sobrevivência dos moradores.

8-No seu modo de vê, pescadores e marisqueiras, estudantes da EJA, percebem os malefícios causado pelo acumulo de lixo e esgotamento sanitário que adentram os espaços de manguezais?

Sim () não () de que forma?

APÊNDICE D: ROTEIRO DE ENTREVISTA AO DIRTORA DA UNIDADE DE ENSINO.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -
MESTRADO PROFISSIONAL

Prezado (a) Diretor (a), você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa através da entrevista, que tem como perspectiva fazer o levantamento das informações no que diz respeito ao ensino na unidade escolar sobre a Educação Ambiental com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Município de Vera Cruz-BA. A referida pesquisa será desenvolvida pelo mestrando Gevaldo Araújo dos Santos, do Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos, da Universidade do Estado da Bahia, campus I, Orientado pela Prof.^a Dra Leliana Santos de Sousa. A sua identidade não será revelada bem como as informações não serão analisadas isoladamente, nem atribuída a elas nenhum juízo de valor. Portanto preciso de alguns instantes de sua atenção e desde já agradecemos a sua colaboração.

Questões de Pesquisa

1- A quanto tempo atua como gestor(a) da unidade de ensino?

2- Nesta unidade de ensino oferta a modalidade EJA? Sendo positivo, há quanto tempo?

3- Qual o tempo formativo da EJA é ofertado pela escola? E qual turno de funcionamento?

4- Qual a sua formação?

5- Você tem alguma formação voltada ao ensino da EJA?

() Especialização

() Pós graduação Latu sensu

() Mestrado

() Formação continuada

6- Na unidade de ensino, na modalidade Educação de Jovens e Adultos, tem alunos pescadores e marisqueiras?

() Não

() sim muitos

() sim poucos

7- De acordo a sua observação, o ensino da EJA contribui para que os pescadores e marisqueiras tenham reflexões críticas sobre os problemas causados pela falta de saneamento básico na comunidade de Baiacu, cujos prejudicam os manguezais, ecossistema de funtamental importância para manutenção da biodiversidade e fonte de sustento para a comunidade local?

() sim () não

Sendo positivo, de que forma?
